

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ANTONIO GARCIA FILHO (1941-1999), UM INTELLECTUAL
ENGAJADO**

Autora: Patricia de Sousa Nunes Silva

Orientadora: Profa. Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

ARACAJU, SE - BRASIL
DEZEMBRO DE 2012

ANTONIO GARCIA FILHO (1941-1999), UM INTELECTUAL ENGAJADO

PATRICIA DE SOUSA NUNES SILVA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Aprovada por:

Prof(a). Dr(a). Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

Prof(a). Dr(a). Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Prof(a). Dr(a). Ilka Miglio de Mesquita

Prof(a). Dr(a). Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento
(Membro Suplente Interno da Banca)

Prof(a). Dr(a). XXXXXX (Membro Suplente da Banca)

ARACAJU, SE - BRASIL
DEZEMBRO DE 2012

FICHA CATALOGRÁFICA

5586 A SILVA, Patricia de Sousa Nunes.

Antonio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado / Profa. Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto – 165p.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Diretoria de Pesquisa e Extensão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes, 2012.

1. Antonio Garcia Filho. 2. Centro de Reabilitação Ninota Garcia. 3. Intelectual. 4. Faculdade de Medicina de Sergipe. I. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (orient.). II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU: 37(813.7) (091)

Esta é a história. Um jogo da vida e da morte
prossegue no calmo desdobramento de um relato,
ressurgência e denegação da origem, desvelamento
de um passado morto e resultado de uma prática
presente.

(CERTEAU, 1982, p.57)

Aos meus pais, Genoveva Gonçalves e Antonio Nunes, pelo amor incondicional; aos meus queridos irmãos, pelo incentivo. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

Às minhas filhas, Yasmin Nunes e Alice Nunes, referências de fé e coragem. Ao meu amado, Wilson Messias, pela união e amor.

AGRADECIMENTOS

Durante a elaboração de minha Dissertação contei com a colaboração de várias pessoas. Portanto, deixo aqui minha eterna gratidão a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que eu trilhasse esse caminho árduo. “Agradecimentos” não é uma tarefa fácil, pois corro o risco de não me lembrar de alguém que muito contribuiu para a tessitura de meu trabalho. Assim, antecipadamente, já peço perdão aos que não citei e que marcaram minhas idas e vindas durante essa trajetória. Meu sentimento de gratidão a todos.

Começo agradecendo a Deus, que se fez presente em todos os momentos dessa caminhada, iluminando meus caminhos e dando-me forças nos momentos difíceis para transformar os empecilhos em aprendizados. Por muitas vezes pensei que não conseguiria realizar esse sonho, posto as dificuldades em conciliar com papel de mãe. Elas foram a inspiração de minha conquista. Em vários momentos me peguei pensando em uma frase de Albert Einstein: “Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo”.

Aos meus amados pais, Genoveva Gonçalves e Antonio Nunes, meus maiores exemplos de honestidade e dignidade, a minha eterna gratidão pela força e incentivo, mesmo questionando o motivo de tanto estudo. Aos meus queridos e amados irmãos, Junior e Anderson, que acreditaram em mim. A vocês o meu profundo respeito.

Ao meu amado esposo Wilson, que no transcorrer do mestrado soube compreender a minha ausência e estresse, suavizando assim esta difícil batalha. Obrigada pelo apoio neste momento ímpar de minha vida e por não permitir que eu desistisse dos meus sonhos.

As minhas filhas, Alice e Yasmin, tão pequeninas e que não compreendiam a minha ausência. Quantas e quantas vezes eu disse “Não” a um apelo para brincar, desenhar e pintar. Logo vinha o sentimento de remorso e o pensamento de que deixei a desejar enquanto mãe. Perdoem a falta de abraço, a falta de carinho, a falta de um beijo... Pensando nelas que levei esse objetivo adiante. Amo-as incondicionalmente.

À Selma, Vera e Roberta, que se fizeram presentes ao longo desta caminhada. Quantas vezes precisei deixar minhas filhas aos seus cuidados para ir a faculdade, fazer entrevistas e visitar os arquivos a procura de fontes. Muito obrigada.

Aos amigos do mestrado que me acompanharam nessa jornada em direção ao meu crescimento profissional e pessoal, em especial à Violeta, à Mirianne e a Ricardo, que

acompanharam minhas dificuldades pessoais, me apoiando e incentivando com suas palavras sábias, obrigada a todos.

A Luiz Antônio Barreto que, durante as conversas informais, ajudou a abrir caminhos rumo a novas fontes de pesquisa, além de colaborar para o amadurecimento da minha pesquisa. À professora Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, por ter me auxiliado na definição de um objeto de pesquisa, durante as conversas após as reuniões do GPHPE - Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais da Universidade Tiradentes, pelo apoio na elaboração do projeto para seleção do Mestrado em Educação e, principalmente, pela concessão de uma bolsa de estudo.

Ao professor Dr. André Miguel Berger, pelo apoio e pelas discussões em sala de aula. À professora Dra. Ilka Miglio, não somente pelos conselhos acadêmicos, mas também por aqueles que enveredaram pela vida pessoal. À professora Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas por suas colocações tão bem acentuadas na Qualificação.

À Fapitec e à Universidade Tiradentes, pela concessão da bolsa de estudos, a qual me proporcionou a oportunidade de levar adiante o Mestrado, bem como a participação em eventos interestaduais.

Aos que me concederam entrevistas ajudando-me a compor o sujeito e legitimar a pesquisa aqui desenvolvida: Edite Melo, Eduardo Conde Garcia, José Arnaldo, Leda Cardoso, Maria Helena, Paulo Silva e Zulmira Freire.

Por fim, à minha professora, orientadora e amiga, Dra Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. A ela devo meu crescimento acadêmico e também pessoal, posto as conversas e conselhos entre uma orientação e outra. Obrigada pela paciência, pelo apoio, pela força, e por ter acreditado em mim. Não chegaria aqui sem a sua ajuda.

A todos, inclusive aqueles em que os nomes não foram estampados aqui, mas que me ajudaram a perceber que, no meio da dificuldade encontra-se a oportunidade. A vocês, muito obrigada!

SUMÁRIO

Lista de Figuras	
Lista de Quadros	
Lista de Abreviaturas	
Resumo	
Abstract	

INTRODUÇÃO 15

Estudos biográficos e História da Educação	19
A produção, em Sergipe, da pesquisa biográfica	22
Sobre as referências e a estrutura da dissertação	29

CAPÍTULO 1. O HOMEM E SUA OBRA: A TRAJETÓRIA DE ANTONIO GARCIA FILHO 36

1.1- A família Garcia	37
1.2- De Rosário do Catete para Aracaju	42
1.3- A Faculdade de Medicina da Bahia	46
1.4- Depois de formado... carreira, vinculações institucionais e atuação cultural	54
1.5- O político, o escritor e o agente cultural: três, das muitas faces de um homem engajado	65
1.6- O leitor e o amigo	77
1.7- Depois de aposentado	81

CAPÍTULO 2. DO MÉDICO, DO POLÍTICO E DO EDUCADOR: UM INTELLECTUAL ENGAJADO? 84

2.1- O cenário da saúde em Sergipe	85
2.2 - A Faculdade de Medicina de Sergipe: primórdios de sua história	89
2.3- A fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, por entre espaços e tempos	93
2.4- Autorização e reconhecimento da Faculdade de Medicina de Sergipe	105
2.5- Sergipe, enfim, forma seus primeiros médicos	115
2.6 - O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”: saberes médicos em prol da educação e da cidadania	122
2.7 - A “Escola de Cegos”: primeira tentativa de uma educação especial em Sergipe	125
2.8- O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”: a fundação	127
2.9 - Sobre as dependências físicas e estruturais e a organização administrativa do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”	135
2.10 A função social e educacional do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”	138

CONSIDERAÇÕES FINAIS 151

REFERÊNCIAS 158

ANEXOS 165

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antonio Garcia Filho, na Academia Sergipana de Letras,.....	14
Figura 2 - Histórico do Curso de Medicina de Antonio Garcia Filho, 1936.....	45
Figura 3 – Registro de Diploma de Antonio Garcia Filho, 1941.....	51
Figura 4 – Tabela do acervo da coletânea “Memória Histórica”.....	53
Figura 5 – Antonio Garcia Filho no Simpósio sobre Colecistopatias crônicas, 1954.....	57
Figura 6 - Antonio Garcia Filho em saudação ao poeta Hunald Alencar, na ASL.....	63
Figura 7 - Empossado Secretario de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe, em 1959.....	68
Figura 8 - Antonio Garcia Filho, Gilberto Freyre e Luiz Antonio Barreto.....	70
Figura 9 – Notícia da posse de Antonio Garcia Filho na ASL.....	74
Figura 10 - Empossado Presidente do Conselho Estadual de Cultura, em 1975.....	75
Figura 11 - Vista aérea do complexo do Hospital de Cirurgia.....	88
Figura 12 - Dr. Augusto Leite ocupando a Presidência da Primeira diretoria da SCMFM.....	91
Figura 13 - Obra para sediar provisoriamente a Faculdade de Medicina de Sergipe, 1960.....	98
Figura 14 - Sala de aula teórica da Faculdade de Medicina de Sergipe, 1961.....	99
Figura 15 - Matéria noticiando a presença do Dr. Silvano Izquierdo Laguna em Sergipe.....	101
Figura 16 – Notícia da aula inaugural da Faculdade de Medicina de Sergipe, 1961.....	108
Figura 17 – Visita de personalidades à sala de aula de Anatomia, 1961.....	109
Figura 18 – Alunos da Faculdade, acompanhados pelos fundadores e pelo governador.....	118
Figura 19 – Colação de grau da primeira turma de médicos, alunos perfilados.....	119
Figura 20 – Colação de grau da primeira turma de médicos, 1966.....	119
Figura 21 – Entrevista com o Dr. Antonio Garcia Filho no Jornal “A Cruzada”, 1962.....	131
Figura 22 – Antonio Garcia Filho no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, 1962.....	138
Figura 23 – Símbolo do Centro de Reabilitação “ Ninota Garcia”.....	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação das disciplinas e suas respectivas médias.....	50
Quadro 2: Levantamento da produção científica de AGF, na Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia.....	56
Quadro 3: Levantamento das produções de AGF no Jornal “A Cruzada” (1960-1963).....	58
Quadro 4: Levantamento das produções em “Um pensamento na praça” de AGF, 1960	59
Quadro 5: Levantamento das produções em “A reabilitação em Sergipe”, de AGF, 1966	60
Quadro 6: Levantamento das produções na Revista da ASL (1961-1999)	60
Quadro 7: Levantamento das produções na Revista de Cultura Sergipana (1977-1978).....	61
Quadro 8: Currículo de alguns dos professores que lecionaram na Faculdade de Medicina de Sergipe.....	104
Quadro 9: Relação dos funcionários do CRNG e locais de capacitação e especialização	133
Quadro 10: Programa das disciplinas do pré-primário.....	144
Quadro 11: Programa das disciplinas da primeira série do primário.....	145
Quadro 12: Programa das disciplinas da segunda série do primário.....	146
Quadro 13: Número de usuários (do pré-primário, da primeira e da segunda série do primário, da Escola de Surdos-Mudos e da Oficina de Artes Industriais), de 1962 a 1965.....	148
Quadro 14: Número de pacientes atendidos, entre 1962 e 1965, segundo as causas.....	148

LISTA DE ABREVIATURAS

ABBR – Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação
AGF – Antonio Garcia Filho
ASL – Academia Sergipana de Letras
BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CRNG – Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”
FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos
GMBahia – Gazeta Médica da Bahia
GPHPE – Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais
IERB – Instituto de Educação “Rui Barbosa”
IES – Instituição de Ensino Superior
IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
JEC – Juventude Estudantil Católica
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
LUC – Liga Universitária Católica
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PSB – Partido Socialista Brasileiro
SECS – Secretaria de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe
SCMFM – Sociedade Civil Mantenedora Faculdade de Medicina
UDN – União Democrática Nacional
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UNIT – Universidade Tiradentes

RESUMO

No bojo da História Cultural, este trabalho tem por objetivo desvelar historicamente a trajetória do médico, político e professor Antonio Garcia Filho (1916-1999) e suas contribuições para o campo educacional sergipano. Nomeado Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe durante o governo de seu irmão Luiz Garcia (1959-1962), ele fundou em 1961, com outros colegas, a Faculdade de Medicina de Sergipe, esta, que junto com a Faculdade de Química de Sergipe, a Faculdade de Economia de Sergipe, a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a Faculdade de Direito de Sergipe e a Faculdade de Odontologia de Sergipe, propiciou a instalação da Universidade Federal de Sergipe, em 1967/1968. Ainda como Secretário de Educação, Cultura e Saúde, fundou, em 1962, o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, considerado, à época, o terceiro maior centro de reabilitação do país. O Centro foi considerado uma iniciativa avançada, pois tinha como objetivo a formação integral do indivíduo, além da recuperação do deficiente e de sua integração ao meio social. Apoiando-me metodologicamente na pesquisa biobibliográfica, documental e na metodologia da história oral procurarei apresentar, através da atuação de Antonio Garcia Filho nas áreas da saúde, da educação e da política, as mudanças ocorridas no campo educacional com a fundação das duas instituições citadas. À luz dos conceitos de intelectual de Sirinelli (1996), de capital social e de capital cultural de Bourdieu (2004) e de Instituição Educativa de Magalhães (2004) foi possível perceber que, com a criação e implantação das referidas instituições, Antonio Garcia Filho se revelou um intelectual engajado na causa da educação, para além da saúde dos sergipanos, pois com essas instituições educativas ele contribuiu com a promoção educacional do Estado, ora formando médicos, ora promovendo as capacitações dos cidadãos deficientes assistidos pelo Centro de Reabilitação Ninota Garcia.

Palavras-chave: Antonio Garcia Filho, Centro de Reabilitação Ninota Garcia, Intelectual, Faculdade de Medicina de Sergipe.

ABSTRACT

In the Cultural History Scenery, this paper aims historically to unveil the journey of the medical doctor, politician and professor Antonio Garcia Filho (1916-1999) and his contributions with the educational system of Sergipe. He was nominated as the Education, Culture and Health Secretary of Sergipe State while his brother Luiz Garcia (1959-1962) was a governor; he and some other colleagues founded the Medicine College of Sergipe, in 1961, which made up the Federal University of Sergipe State together with the Chemistry College of Sergipe, and the Economy College of Sergipe, the Catholic Philosophy College of Sergipe, the Law College of Sergipe, and the Dentistry College of Sergipe, in 1967/1968. Still as the Education, Culture and Health Secretary of Sergipe State he founded the Rehabilitation Center “Ninota Garcia” in 1962, which was considered as the third best rehabilitation center of the country, then. The Center was considered an advanced approach because it aimed to accomplish the whole individual formation, besides his defective recovering and his joining the social environment. I tried to present the changes happened in the educational system, due to the foundation of the two already mentioned institutions, in a methodical way based on librarian and documental research and on the spoken history methodology, through the performance of Antonio Garcia Filho in the health, education and politics systems. Based on the intellectual concepts of Sirinelli (1996), and on Bourdieu's (2004) social and cultural stocks, and on Magalhães's Educational Institution, it became possible to see that through the foundation and installing the already mentioned institutions, Antonio Garcia Filho has shown to be engaged in the education cause besides the Sergipe citizens's health, because through these educational institutions he has contributed with the state educational accomplishment, by graduating some medical doctors here, or then enabling the graduation of the defectives assisted people by the Rehabilitation Center Ninota Garcia.

Keywords: Antonio Garcia Filho, Center of Rehabilitation Ninota Garcia, Intellectual, The Medicine College of Sergipe State.

Antonio Garcia Filho (1916-1999)



Figura 1-Antonio Garcia Filho na ASL. (s/d)

Fonte: Acervo do ITBEC

TEMPO – Rio

Tempo – rio
Rio – tempo
Vai levando os meus olhos para o mar...
Novas águas
Tempo igual
Fazem o tempo no tempo parar!

Pelas margens
Alegria
E a gente sempre a navegar...
Com o tempo
Calmaria
Quanta coisa na vida a recordar!

É que o Tempo se renova como as águas
Em ritmo eternal de muitas danças
Deixando diluídas nossas mágoas
E flutuando as nossas esperanças!

“Pois quem não quiser ser velho
morra logo de rancor
Fumo, coco e cantador
Quanto mais velho melhor”

(GARCIA FILHO, 1986)

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da trajetória de vida de Antonio Garcia Filho, autor do poema que antecede esta página, pode ser atribuído ao meu percurso acadêmico, em virtude do desenvolvimento de uma pesquisa voltada para aulas de educação física, cujo público alvo era “crianças deficientes”. Esta investigação culminou na construção da monografia que tinha como objetivo verificar “A interação psico-social entre crianças deficientes¹ e crianças ‘ditas normais’² nas aulas de Educação Física”, que fora realizada em duas escolas inclusivas, situadas na cidade de Aracaju-SE. Observei, durante a pesquisa, que os educadores planejavam e aplicavam suas atividades de modo a incluir os deficientes nas aulas de educação física, medida esta, fundamental para o desenvolvimento de minha pesquisa, tendo em vista a necessidade de verificar a relação entre as crianças deficientes e as “ditas normais”. Após três meses de observação, concluí minha monografia afirmando não ter visualizado ou presenciado nenhuma forma de preconceito, rejeição e/ou conflitos entre os alunos durante a realização das atividades. Pelo contrário, foi evidenciado companheirismo e solidariedade entre eles.

Após a conclusão da graduação, passei a frequentar o GPHPE - Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais - da Universidade Tiradentes, indicado pela professora Ma. Marlaine Lopes de Almeida, a orientadora da referida monografia. Durante as reuniões, a líder do GPHPE e professora, Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, divulgou o edital da disciplina especial no Mestrado em Educação e, assim, resolvi enfrentar este desafio e me matriculei. O rico repertório das obras do Programa da disciplina “Tópicos especiais em educação – Culturas Escolares”, ministrada pelo professor Dr. André Miguel Berger, bem como os debates em sala de aula, serviram-me de guia e de estímulo para enveredar pelo caminho da História da Educação.

Minha participação no GPHPE e na disciplina foi fundamental para meu interesse no Mestrado em Educação. Ao saber do edital para seleção da pós-graduação *stricto sensu*, resolvi procurar a professora Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, a fim de que esta me

¹ O termo “deficiência” aqui se refere a qualquer perda de função psicológica, fisiológica ou anatômica. Tem como característica anormalidades temporárias ou permanentes em membros, órgãos, ou outra estrutura do corpo, inclusive os sistemas próprios da função mental (HONORA e FRIZANCO, 2008).

² Pessoa “normal” é entendida como toda pessoa em estado de capacidade de prover por si mesma, as necessidades de uma vida pessoal ou social, além de suas faculdades físicas ou mentais (HONORA e FRIZANCO, 2008).

auxiliasse na definição de um objeto de pesquisa, no intuito de participar do processo seletivo. Foi nesse ínterim, entre os corredores e a sala de aula, que foi sugerido pela mesma o estudo acerca do já falecido médico, político e professor Antonio Garcia Filho. Isto porque comentei sobre a minha monografia e o meu interesse pela temática “pessoas deficientes”, e Antonio Garcia foi o fundador do Centro de Reabilitação Ninota Garcia. Tal relação se revelou, naquele momento, o meio de continuar com a temática, ampliando também para o campo da História Cultural e, dentro dela, a História dos Intelectuais.

Mediante tal indicação, resolvi fazer um levantamento preliminar sobre essa personagem e os primeiros resultados logo me chamaram a atenção, pois além de ter sido ele, como já revelado, o fundador do Centro de Reabilitação Ninota Garcia, o terceiro centro de reabilitação física do Brasil, também foi ele quem fundou, em 1961, com outros colegas, a Faculdade de Medicina de Sergipe. Ambas as instituições foram criadas enquanto ele foi o primeiro Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe (1959-1962), durante o governo de seu irmão Luiz Garcia. Não obstante a importância da Faculdade de Medicina de Sergipe, foi a fundação do Centro de Reabilitação Ninota Garcia que motivou a escolha do objeto de estudo, pelo fato de tal instituição apresentar como um de seus objetivos a reabilitação física de pessoas deficientes, havendo assim certa relação com minha formação acadêmica e com minha monografia, já citada anteriormente.

Ao iniciar as pesquisas bibliográficas, percebi a existência de uma “Escola para cegos” focada no processo educacional para esse público, fundada na década de 1950, e que funcionou no Serviço de Assistência à Mendicância (SAME)³. Esta, por sua vez, foi fechada em 1959, com a promessa, do então governador do Estado, de que em seu lugar seria criado um centro de reabilitação voltado para a assistência daqueles considerados anormais, segundo a

³ O SAME foi fundado em 12 de agosto de 1949 por Dom Fernando Gomes dos Santos, então Bispo da Diocese de Aracaju. Seu objetivo primeiro foi amparar os mendigos que viviam nas praças e ruas da nossa cidade, daí o seu nome: Serviço de Assistência à Mendicância – SAME. Com o objetivo de orientar, qualificar profissionalmente e inserir jovens em situação de pobreza no mercado de trabalho, o SAME, utilizando sua estrutura física e os recursos humanos disponíveis, criou o Programa do Menor Trabalhador que, posteriormente, ajustando-se ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Lei nº 10.097 / 2000, substituiu-o pelo Programa SAME ADOLESCENTE APRENDIZ. Nesse ínterim, para melhor expressar suas diversas atividades em prol das pessoas em situação de pobreza e risco social, desenvolvendo programas de assistência social, educação e promoção humana, voltados ao atendimento a idosos, crianças e adolescentes, a instituição alterou o seu nome para SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO – SAME. Com o advento do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 2003, o SAME, buscou adequar-se às novas exigências, alterando o seu ESTATUTO SOCIAL e definindo-se como Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas. Disponível em: <http://www.same.org.br/historico/>. Acesso em: 16 de mai. de 2012.

nomenclatura da época, e “esquecidos” pela sociedade. O Centro de Reabilitação Ninota Garcia fora pensado para ocupar um papel singular no quadro sócio-educacional do Estado, pois sua proposta era ser uma escola de aprendizes e artífices com práticas pedagógicas que tinham como objetivo o desenvolvimento de habilidades intelectivas e motoras. Assim sendo, percebi o quão importante foi a atuação de Antonio Garcia Filho para esse tipo de educação no Estado e como seria importante para a historiografia sergipana ter a sua trajetória de vida contemplada em um estudo acadêmico. Para compreender a trajetória do criador deste Centro e de tantos outros atos, fez-se necessário mergulhar no entrelaçamento de vida e obras de Antonio Garcia Filho, pois acredito que elas serão um fio condutor que me levarão para lugares aquém e além do Centro de Reabilitação Ninota Garcia e da Faculdade de Medicina de Sergipe, seguindo a ótica de que as práticas e as realizações são reflexos do modo de ser de um homem. Assim sendo, ao atentar para seu viés criador e sua atuação no magistério, busquei perceber como Antonio Garcia Filho trilhou um caminho que remete à conjuntura política, econômica e social do período histórico que teve em suas atuações, fatos que deixaram marcas no tempo.

E assim minhas inquietações foram crescendo, somando-se a elas a necessidade de caminhar para lugares férteis na intenção de responder as perguntas: Como se deu a trajetória educacional e política de Antonio Garcia Filho e quais suas contribuições para a educação sergipana? O passo seguinte foi o de expandir o espaço para reflexões que me levaram às respostas. Para tanto, busquei investigar a trajetória de vida dessa personagem através das fontes impressas e dos registros de testemunhos daqueles que conviveram com ele. O marco temporal delimitado compreende os anos de 1941 a 1999. O recorte cronológico destaca o ano de 1941 por corresponder ao ano de sua formatura em medicina, pela Faculdade de Medicina da Bahia, e vai até 1999, ano de seu falecimento e, conseqüentemente, o fim de sua militância médica, política, educacional e cultural no Estado de Sergipe.

Todo trabalho deve ser direcionado a partir de objetivos, são eles que fornecem o norte para a pesquisa. Assim sendo, o presente estudo tem como objetivo geral compreender as contribuições de Antonio Garcia Filho para o campo educacional sergipano. Para tanto, defini como objetivos específicos: analisar seus dados biográficos, de modo a compor sua trajetória de vida e interpretar de que forma sua atuação (política, médica e docente) contribuiu para o campo educacional de Sergipe. A hipótese ou pressuposto é a de que Antonio Garcia Filho constituiu-se, por suas ideias e ações, um intelectual da educação.

Para alcançar os objetivos, a pesquisa documental foi imprescindível para obtenção das informações. Nesse sentido, pesquisei em Instituições como: o arquivo geral da Universidade Federal de Sergipe, o arquivo Público de Sergipe, o arquivo da Assembleia Legislativa, o arquivo do Hospital de Cirurgia, o acervo da Academia Sergipana de Medicina, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura, bem como a biblioteca da Universidade Tiradentes, a biblioteca da Universidade Federal de Sergipe e a Biblioteca Pública Epifânio Dórea. Pesquisei ainda no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) e no antigo Memorial de Medicina⁴, ambos localizados no prédio da antiga Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia.

As fontes utilizadas, além das bibliográficas, para a construção deste trabalho, foram os documentos legais, a exemplo de ofícios expedidos e recebidos, decretos, legislação, cartas, atas, e laudos; e os impressos, a exemplo de artigos dos jornais sergipanos: Sergipe Jornal, A Cruzada, Gazeta Sergipe, Jornal da Cidade e Cinform; além de revistas da Sociedade Médica de Sergipe (Someses). Junto a essas fontes, foram acrescentadas ainda as entrevistas de alguns familiares de Antonio Garcia Filho, a exemplo de Maria Helena (esposa de seu sobrinho Gilton Garcia) e do médico, professor e escritor Dr. Eduardo Antonio Conde Garcia (filho); de amigos, a exemplo do jornalista, escritor e, também membro da Academia Sergipana de Letras, Luiz Antonio Barreto; de ex-funcionários do Centro de Reabilitação Ninota Garcia, a exemplo de Edite Melo e Leda Cardoso; de ex-alunos assistidos pelo referido Centro, a exemplo de Paulo Silva; e de ex-alunos da Faculdade de Medicina de Sergipe, a exemplo de Zulmira Freire.

Foi realizado, também, um levantamento e seleção de dissertações e teses que tratam dos aspectos relacionados à história dos intelectuais da Educação, principalmente em Sergipe. Bem como leituras focadas na História da Educação e na História Cultural, a fim de encontrar subsídios para redimensionar meu olhar. Para essa reflexão, me apoiei nos estudos de Alberti (2004), o qual me propiciou compreender a importância e a utilização das ferramentas da história oral nas pesquisas para compor as trajetórias de vida; de Barreto (2011), o qual possibilitou a abertura de novos caminhos e compreender os recursos utilizados pelo pesquisador para desenvolver minha pesquisa; de Borges (2005), o qual me fez compreender que, para entender e explicar uma vida, devemos procurar abranger todos os seus aspectos, não se atendo apenas à

⁴ Em virtude da extinção do Memorial de Medicina da Bahia, localizado no Bairro Terreiro de Jesus-Pelourinho, seu acervo foi distribuído para a Biblioteca e para o Setor de Arquivo da UFBA.

racionalidade ou linearidade dos fatos; além de Bourdieu (2004), que, através dos conceitos de capital cultural e capital social, me propiciou compreender o grau cultural de Antonio Garcia Filho, bem como sua rede de relacionamento constituída na sociedade sergipana. Conde Garcia (2008), também foi imprescindível, pois seu trabalho me propiciou identificar a maior parte dos dados biográficos de Antonio Garcia Filho, como também compreender sua trajetória de vida.

Chartier (1988) me fez alargar os conhecimentos acerca da História Cultural, com seu discurso histórico apresentando novos objetos, problemas e abordagens para a construção e interpretação da história; Freitas e Nascimento (2008), por sua vez, me mostraram a importância de se estudar a trajetória de vida de intelectuais sergipanos, bem como a importância que devemos dar às fontes para a interpretação das trajetórias de vida. Já Josso (2006), me propiciou entender que, para uma produção biográfica, não devemos levar em consideração apenas os conhecimentos específicos do sujeito, mas também sua subjetividade, seja ela social e/ou cultural.

De outro modo, Magalhães (2004) me fez compreender a importância de estudar as instituições educativas, bem como reinterpretá-las a partir de suas memórias e entendê-las como possuidoras de uma identidade própria. Sirinelli (1996, 1997) propiciou compreender a História dos Intelectuais, e também analisar o perfil do indivíduo a partir da utilização do conceito de intelectual que, segundo o autor, incide em dois significados: um amplo e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais; e o outro mais estreito, baseado na noção de engajamento. Constam, no desenvolvimento da pesquisa, outros autores não menos importantes que os mencionados e que contribuíram, de alguma forma, para uma reflexão mais apurada e para a tessitura da dissertação.

Estudos biográficos e História da Educação

Por certo, a história dos intelectuais da educação vem sendo estudada por diversos autores, a exemplo de Diana Vidal, que estudou o historiador francês Michel de Certeau, um dos maiores pensadores da Educação do século XX. Em “Michel de Certeau e a difícil arte de fazer História das práticas”, Vidal explora sua trajetória de vida e profissional, além de nos fascinar com a narrativa das viagens feitas por ele à América Latina, com destaque ao Brasil. Nos leva também a refletir acerca dos escritos de Certeau “[...] dando destaque à principal característica do seu trabalho – a atenção às *práticas*, tomadas tanto na dimensão de objeto de pesquisa do

historiador quanto na da operacionalização de seu *fazer* – [...]”. (VIDAL, 2005, p.260). Para Certeau, segundo Vidal, os historiadores deveriam atentar para novos atores e objetos de pesquisas; para a ampliação do documento educacional; “[...] bem como rever as práticas de escrita e de inteligibilidade da história” (p.266). Toda pesquisa de Certeau é calcada pela necessidade de suscitar o historiador a refletir acerca de seu ofício e de seu discurso histórico, assim como pensar a história como uma prática científica.

Outro exemplo que merece ser ressaltado é o da pesquisadora Cynthia Greive Veiga que, ao estudar o judeu e sociólogo alemão Norbert Elias, nos leva a fazer uma reflexão acerca de sua contribuição à educação. Veiga, ao produzir uma análise dos estudos de Elias voltados para o processo de civilização, interpretado “[...] como uma dinâmica que pressupõe alterações nas relações de poder e controle dos indivíduos, alterando as relações de interdependência e possibilitando a consolidação dos controles estatais” (VEIGA, 2002, p.94), destaca o interesse que este autor apresenta ao estudar de que forma o homem ocidental se tornou educado e como incorporou as chamadas “boas maneiras” no processo de socialização. Também foram suas preocupações as transformações de uma sociedade em determinado período histórico; a afetividade humana e o controle das emoções. Assim sendo, segundo Veiga, Elias utiliza-se de alguns conceitos básicos, a exemplo de configuração, de interdependência e de equilíbrio das tensões, para compreender a relação existente entre os indivíduos e a sociedade.

Dentre os principais representantes que estudam os intelectuais da educação brasileira está a professora Clarice Nunes que, em sua obra “A poesia da ação”, traça a trajetória de vida de Anísio Teixeira, constituindo, como a própria autora afirma, uma biografia intelectual. O objetivo de Nunes foi compreender sua identidade profissional, enquanto intelectual da educação, e como ele utilizou seu conhecimento técnico em consonância com a organização da cultura e do campo educacional mediante projetos político-educativos. A autora acredita que a trajetória desse intelectual nos leva a refletir acerca de sua contribuição para o campo educacional brasileiro, principalmente quando o foco da análise recai na complexidade da batalha de Anísio pela democratização da cultura. Sua maior preocupação, segundo Nunes (2002), “[...] foi a de organizar a nação e forjar o povo através de uma cultura que procurava assegurar a sua unidade pela instrução pública, pela reforma do ensino e pela construção de um campo cultural a partir da universidade”. (NUNES, 2002, p.73).

Outro estudo que evidencia a atuação do intelectual é o de Nelson Piletti (2002), que traça a biografia do crítico literário, educador e cientista social Fernando de Azevedo, apontando não apenas seu percurso, mas principalmente os efeitos dos numerosos cargos administrativos que esse teórico humanista desempenhou e do seu engajamento em movimentos reformadores educacionais em defesa da importância e da melhoria da educação, a exemplo da reforma do ensino no antigo Distrito Federal (1927-1930), restrita, porém, ao ensino primário, técnico profissional e normal. Tal reforma foi considerada como um marco inicial do processo de modernização do ensino no Brasil. Segundo Piletti (2002, p. 353), Azevedo foi considerado por Paschoal Lemme como “[...] uma das mais altas expressões da inteligência e da cultura do Brasil moderno”, em virtude de suas atuações e obras, dentre as quais se destaca o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (1932), onde ele e outros educadores defendiam as diretrizes de um programa de reconstrução educacional para o país. É dele também a obra “A cultura brasileira”, que “[...] tornou-se de consulta obrigatória para quem deseja conhecer a evolução da cultura brasileira”. (PILETTI, 2002, p. 353).

São relevantes também os estudos de Diana Gonçalves Vidal acerca da biografia do educador brasileiro Edgar Sussekind de Mendonça. Considerado crítico e sagaz por suas posições políticas e intelectuais em defesa da liberdade de expressão, Mendonça também ocupou cargos administrativos na área da educação e teve participação ativa, entre os anos de 1927 e 1930, na Reforma Fernando de Azevedo da Instrução Pública, especialmente na defesa do ensino profissional; bem como no “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. Nesse interstício, apesar de negar a solicitação, foi convidado por Francisco Campos para participar da Comissão encarregada de elaborar o anteprojeto da reorganização do ensino profissional no Brasil. Erudito, Mendonça passou a proferir palestras e conferências sobre os mais variados temas, dentre os quais, “Testes: considerações pedagógicas”, sendo esta conferência considerada a mais polêmica, pois tecia críticas à mecanização do ensino que o uso de testes representava no Brasil, em sua época.

Zaia Brandão também dá sua contribuição à historiografia dos intelectuais da educação quando evidencia a biografia do educador brasileiro Paschoal Lemme que, apesar de não ser graduado em curso de nível superior, tornou-se um dos mais importantes catedráticos da geração dos Pioneiros da Educação Nova. Isto porque sua defesa pela renovação, organização e aperfeiçoamento do Sistema Escolar Brasileiro e o embate político pela democratização e

modernização do ensino, eram vistos como temas fundamentais dos discursos dos escolanovistas. Paschoal Lemme passou a ver, cada vez mais, a educação como um litígio político, além da “[...] convicção de que as transformações na educação seriam sempre limitadas e o árduo trabalho de reformá-la encontraria sempre obstáculos derivados da própria estrutura e das relações sociais marcadas pela divisão social do trabalho”. (BRANDÃO, 2002, p.883).

Esses estudos que evidenciam a trajetória dessas personagens consideradas, por seus estudiosos, intelectuais da educação, servem, principalmente, de modelo para trabalhos de pesquisa que, como este, procuram evidenciar as ações, sobretudo as singulares, de homens e mulheres que marcaram a história e que, por isso, são passíveis de serem colocados na hierarquia dos intelectuais da educação. Não sem razão. São trabalhos de grande envergadura, haja vista seus autores também se consolidaram professores, pesquisadores e intelectuais da educação que legitimam as ações de seus objetos de estudo. Assim como estes, vários outros trabalhos de cunho científico têm não só contribuído com a justa abordagem historiográfica, mas, sobretudo, com a construção e consolidação de um campo de estudo voltado para as ações de intelectuais.

A produção, em Sergipe, da pesquisa biográfica

Em Sergipe, os intelectuais da educação também ocupam uma posição proeminente na historiografia educacional. Além de vir compondo temas de alguns estudos de pesquisadores vinculados a grupos de pesquisa, os intelectuais da educação sergipana são tema de alguns autores, a exemplo da professora e pesquisadora Josefa Eliana Souza, com seu livro intitulado “Nunes Mendonça: um escolanovista sergipano”, fruto de sua Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de Sergipe. Na obra, Souza (2003) destaca a trajetória de José Antonio Nunes Mendonça, revelando não apenas sua militância política, a exemplo do seu envolvimento com a fundação e a construção do PTB sergipano até a sua atuação como deputado estadual, mas também a sua atuação como professor do Instituto de Educação “Rui Barbosa” (IERB) e como escritor. Destaca, ainda, a importância dos seus escritos pedagógicos na difusão dos ideais escolanovistas, na década de 1950, que repercutiram no Estado de Sergipe. Segundo a autora, o escritor e jornalista Nunes Mendonça se revelou um intelectual dedicado principalmente às discussões pedagógicas e aos problemas educacionais, a exemplo da melhoria na qualidade do ensino e da expansão da escola pública.

Segundo Souza (2003), “Estes seriam os dois pilares fundamentais para o processo de socialização da educação em Sergipe. Dessa maneira declarava sua crença na instituição que considerava fundamental para a realização de uma sociedade mais livre, generosa e justa e com uma gente mais feliz”. (SOUZA, 2003, p. 181).

O professor e pesquisador Jorge Carvalho do Nascimento também dá sua contribuição à historiografia educacional sergipana, com seu livro intitulado “Intelectuais da educação: Sílvia Romero, José Calazans e outros professores”. A obra é composta por nove artigos, publicados em diferentes periódicos entre os anos de 2001 e 2005. Dentre os artigos que compõem a obra, destaco “Os vestígios do leitor: a biblioteca pedagógica de Sílvia Romero”. Nele, o autor investigou o acervo que pertenceu a Sílvia Romero, sendo que, após quatro anos de sua morte, as obras foram catalogadas e incorporadas às estantes da Biblioteca Pública do Estado de Sergipe. Analisa também as notas deixadas por Sílvia Romero nos livros de sua Biblioteca, consideradas por Nascimento (2007), “ricas e numerosas”. Através das leituras de Sílvia Romero, o autor procurou compreender as mudanças que a Educação brasileira vinha passando tendo em vista o movimento do discurso da Pedagogia Moderna, da escola nova, das reformas de ensino e, particularmente, da instrução pública. O objetivo de Nascimento (2007) foi de revelar a importância e contribuição de cada um dos intelectuais estudado por ele para a historiografia sergipana através de suas obras, suas inflexões e suas marcas.

A professora e pesquisadora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto também escreveu um livro, porém, voltado para a compreensão da formação moral e intelectual de sacerdotes. Sua obra, intitulada “A formação de padres no nordeste do Brasil (1894-1933)”, teve como objetivo refletir acerca da formação sacerdotal, no Seminário Nossa Senhora da Conceição, da Paraíba, e no Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, situado na cidade de Aracaju. A autora enfatiza as atuações de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques e Dom José Thomas Gomes da Silva, por terem sido eles os primeiros bispos da Diocese de João Pessoa e da Diocese de Aracaju, respectivamente. Analisa, também, a condução de seus trabalhos diocesanos e o modelo escolar, adotado pelos bispos, que deu sustentação à formação sacerdotal. Barreto deixa clara a contribuição dos Seminários diocesanos na formação de seminaristas, quando afirma que esses privilegiavam “[...] não só o espiritual e o moral, mas também o intelectual, [e] foram responsáveis por gerações de ‘intelectuais’ que alavancaram a educação escolar no Brasil, nas três décadas da República, quando, em tese, o Estado era laico”. (BARRETO, 2011, p. 234).

O tema intelectuais da educação sergipana também vem despertando os olhares dos acadêmicos dos cursos de *stricto sensu*. O Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe apresenta diversas dissertações cujos títulos reportam a intelectuais da educação, a exemplo dos trabalhos de Maria do Socorro Lima, com sua dissertação “República, Política e Direito: representações do trabalho docente e trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)”;

da professora Jussara Maria Viana Silveira, com sua dissertação “Da medicina ao magistério: aspectos da trajetória de João Cardoso do Nascimento Júnior”; da professora Marlaine Lopes de Almeida, com sua dissertação “Leyda Regis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe”; e da professora Sylvania Santana Costa, com sua dissertação “Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe”. As pesquisadoras procuraram apresentar, nas referidas dissertações, a atuação e importância desses intelectuais sergipanos, ajudando-nos a compreender de que forma cada um deles contribuiu para o campo da educação sergipana.

Através da abordagem biográfica, Lima (2008) analisou as representações do trabalho docente do intelectual da educação Antonio Manoel de Carvalho Neto, bem como as práticas culturais, na primeira metade do século XX, em Sergipe. A autora deu ênfase aos diversos cargos exercidos por Carvalho Neto na área da educação e sua contribuição em cada um deles. Lima afirma que o desenvolvimento do presente trabalho permitiu compreender aspectos significativos da configuração do trabalho docente desse intelectual da educação em Sergipe, nos anos de 1918 a 1921. Também em 2008, a pesquisadora Jussara Maria Viana Silveira narrou a trajetória do médico e professor João Cardoso Nascimento Junior, no período de 1945 a 1983, que, apesar de não ser sergipano, deixou marcas na história da educação do Estado. A autora destaca sua atuação em diversos campos da saúde e educação, a exemplo da atuação como médico puericultor do Departamento Nacional da Criança, como professor catedrático da Escola de Serviço Social e da Faculdade de Medicina, como primeiro Reitor da Universidade Federal de Sergipe, entre outros legados. Silveira (2008) afirma que João Cardoso Nascimento Junior “[...] tornou-se um colaborador da educação, atuando como agente construtor da intelectualidade em Sergipe. [...] [e] contribuiu para edificar a educação em Sergipe”. (SILVEIRA, 2008, p. 15).

Seguindo os mesmos passos metodológicos das autoras supracitadas, qual seja o estudo biográfico, a professora Marlaine Lopes de Almeida, em 2009, versa sobre a trajetória de formação docente e atuação profissional da intelectual sergipana Leyda Regis, no período de

1904 a 1999. A autora destacou suas atuações, principalmente aquelas ligadas às sociedades femininas. Enquanto normalista, Leyda Régis criou uma agremiação estudantil com o objetivo de fomentar a criação literária, e teve atuação docente na Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe. Na dissertação, a autora destaca também as práticas escolares e suas configurações. A participação de Régis no Club Sportivo Feminino foi decisiva para dar visibilidade a sua produção literária, pois através dessa instituição começou a expressar-se nos jornais e, assim, legitimar sua posição e sua inserção no campo de uma elite intelectual. Lopes (2009), através dos estudos de Sirinelli (1997), entende que “[...] foi possível perceber as estratégias e táticas utilizadas por Leyda para adentrar no universo dos criadores e mediadores culturais. Em ambos os casos Leyda buscou ser reconhecida pelo poder de dissipação de suas práticas”. (LOPES, 2009 p. 108).

Através do método histórico-biográfico, a professora Silvania Santana Costa (2011) revela a trajetória do docente José Calasans Brandão da Silva, em Sergipe, no período de 1915 a 2001. Sua pesquisa deteve-se, principalmente, nas atuações do professor José Calasans nas instituições educacionais sergipanas, bem como sua ação como técnico no Departamento da Educação e membro do Instituto Histórico Geográfico de Sergipe. A autora também procura analisar duas obras escritas por José Calasans, em que o mesmo aborda o ensino público em Sergipe. Pois, segundo Costa (2011, p.42), “Analisar as obras nos faz compreender seu pensamento [...]”. De acordo com os escritos de Costa (2011, p.170), José Calasans Brandão da Silva esteve envolvido com as propostas pedagógicas estadonovistas, a exemplo da disciplina “[...] por meio das práticas educativas e programas de ensino capazes de direcionar a juventude para a constituição de uma nação progressista e civilizada [...]”, o que leva a constar seu engajamento na defesa de uma educação para a formação de uma nova nação. A autora acredita que sua pesquisa trouxe contribuições à História da Educação dos intelectuais docentes em Sergipe, pois a trajetória de José Calasans Brandão da Silva transcende os muros das instituições educativas, ocupando também “[...] espaços na imprensa, na produção de livros, em instituições, como o Departamento de Educação e no IHGS”. (COSTA, 2011, p.171).

Também compõem o rol dos estudos biográficos em Sergipe, as dissertações de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes, a exemplo da pesquisadora Priscila Silva Mazêo de Alcântara, com sua dissertação “O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876)”; do professor José Ricardo Freitas

Nunes, com sua dissertação “Tobias Barreto e o projeto de lei nº 129/1879: uma proposta acerca da educação feminina”; e do professor José Gilvan da Luz, com sua dissertação “Genaro Dantas Silva: o ponto de inflexão no ensino da matemática em Sergipe”. As dissertações mencionadas foram defendidas entre fevereiro e março de 2012.

Seguindo também a ótica de uma abordagem biográfica, Mazêo (2012) procurou revelar a atuação do missionário e educador Robert Reid Kalley no Brasil, a fim de demonstrar a sua relação com a disseminação de novas práticas civilizatórias e educacionais, no período de 1855 a 1876. Através da pesquisa, a autora identificou Kalley como uma importante figura para difundir de forma definitiva o Protestantismo no Brasil. Como educador, Robert Reid Kalley organizou espaços educacionais a fim de aliar a aprendizagem da leitura e escrita ao conhecimento do Cristianismo. Além disto, organizou instituições educativas, a exemplo das Escolas Dominicais e Escolas Primárias, com o intuito de alfabetizar as pessoas, para, em seguida, poder oferecer-lhes o escrito bíblico e disseminar a palavra impressa e, por conseguinte, sua evangelização. Tais medidas iriam corroborar para ampliar e consolidar um projeto de renovação religiosa no Brasil, qual seja, o Protestantismo.

O professor e pesquisador José Ricardo Freitas Nunes (2012) também deu sua contribuição à historiografia educacional sergipana com sua pesquisa. Nela, o autor procura contextualizar Tobias Barreto como fruto de um momento histórico que antecede a Proclamação da República brasileira. Dentro da trajetória de Tobias Barreto, Nunes (2012) busca as propostas desse intelectual voltadas para a educação, como foi o caso do projeto de lei nº 129/1879, também conhecido como Partenogógio. Tal Lei foi proposta quando Tobias Barreto ocupava o cargo de Deputado, em 1879, e versava acerca do ensino médio e superior feminino. Apesar do projeto não ter sido aprovado nos moldes de seu criador, ele entra na história como um intelectual múltiplo, porque, além de atuar no campo da filosofia, do direito e do jornalismo, ele também esteve preocupado com uma parcela da população que naquele momento era desprestigiada.

A pesquisa do professor José Gilvan da Luz (2012), que remete, também, a um intelectual da educação sergipana, está voltada ao ensino da matemática em Sergipe. O autor procura compreender as contribuições do matemático, professor e algebrista Genaro Dantas Silva ao ensino da Matemática, na segunda metade do século XX, no Estado de Sergipe. Embora o referido professor não tenha atingido formalmente a titulação de mestre e doutor, é considerado um autodidata e, por isso, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*. O autor, baseando-se na

metodologia da história oral, o considera o introdutor da Matemática moderna no Estado de Sergipe, o que é, no campo intelectual, um grande mérito. Isso porque ele soube valer-se de estudos autodidatas e foi compondo seu arsenal teórico intelectual. A partir desse, ele começou a ser reconhecido por outros professores, a exemplo de professores do Atheneu e de professores da Universidade Federal de Sergipe. Esses professores, entretanto, resolveram investir em Genaro para que o mesmo se tornasse professor dos professores na Universidade Federal de Sergipe, o que aconteceu quando ele preparou seus próprios professores na UFS para concorrerem ao mestrado em Matemática.

Mediante uma análise mais acurada, os autores dos trabalhos elencados procuram analisar a trajetória de intelectuais sergipanos, focando, principalmente, suas contribuições e intervenções no quadro educacional, político e cultural, o que nos leva a refletir a respeito do papel que esses indivíduos exerceram na história de Sergipe, deixando marcas que puderam compor a historiografia sergipana e brasileira. Sirinelli (1997, p.274) destaca a importância de estudar aqueles que exerceram influência política e cultural em uma dada época, atentando não apenas para suas ações, mas considerando também as ideologias produzidas ou veiculadas por esses intelectuais. Para o autor, essa “classe” é caracterizada pelo seu poder de influência, isto é, de ressonância e de amplificação, refletidas na sociedade pela legitimidade das tomadas de decisão e ações proeminentes no tocante à matéria cultural.

No que tange ao médico, político e professor Antonio Garcia Filho, com exceção do item 4, “As instituições”, do livro da professora e pesquisadora Rita de Cássia Santos Souza (2005), cujo título é “Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas”; e do capítulo 5, item 5.4, da Tese de doutoramento da professora e pesquisadora Veronica dos Reis Mariano Souza (2007), cujo título é “Gênese da educação dos surdos em Aracaju”, que trata do Centro de Reabilitação Ninota Garcia e sua relação com a educação especial e, por conseguinte, do seu fundador Antonio Garcia Filho; não existe, em Sergipe, trabalhos que o tenham elegido como tema central das suas análises. A importância de elucidar suas ações e possíveis marcas deixadas na história de Sergipe, não se dá somente pelo viés da história ou, mais especificamente, pela história dos intelectuais, mas também pelo viés da história da educação, afinal, atentar para a importância dos sujeitos na implantação e manutenção de estabelecimentos educacionais voltados para a educação e a assistência de deficientes, se revela muito significativo para o entendimento da história educacional sergipana.

O principal foco da pesquisa de Souza (2005) é conhecer a História da Educação Especial em Sergipe identificando os motivos iniciais que fizeram nascer o interesse pela Educação Especial. No transcurso de sua pesquisa, a autora envereda as instituições, sejam elas públicas, particulares ou filantrópicas, que possuíam políticas educacionais voltadas para uma educação especial. Segundo Nascimento (2005, p.10), trata-se de um estudo pioneiro, pois, “Além de ser um objeto inédito, é um estudo expressivo no conjunto daqueles que, ao longo do período posto aqui em discussão, ajudaram a romper com a prática de produzir estudos em Histórias da Educação apenas como iniciativa individual”. Em sua pesquisa, Souza (2005) ressalta a luta dos indivíduos deficientes, pela integração, tanto na escola como na sociedade, pelos direitos iguais e das instituições na busca da constituição de um campo educacional voltado para a Educação Especial. Souza (2005) afirma que:

[...] neste processo impulsionado pelos menos favorecidos, pela valorização da pessoa na relação com as contradições sociais, é que surgem as instituições, na tentativa de suprir a falta de posicionamento do Estado perante essa população vítima de indiferença social e negligência por tanto tempo pelo poder público. É em meio a essa realidade que médicos, pais, familiares se unem e fazem com que o Estado contribua na criação da primeira instituição voltada para o deficiente em Sergipe, o Centro de Reabilitação Ninota Garcia, no início da década de 1960. (SOUZA, 2005, p. 158).

Com a mesma preocupação em relação à educação dos deficientes, mais precisamente com os indivíduos surdos, Souza (2007) desenvolve sua pesquisa “Gênese da educação dos surdos em Aracaju”, conforme já citada. A autora envereda pela biografia de Tobias Leite, por este ter desenvolvido um instigante trabalho na área da educação especial, mais especificamente na área da surdez. Sergipano, foi ele o primeiro diretor do Instituto dos Meninos Surdos-Mudos, sediado na cidade do Rio de Janeiro e considerado a primeira instituição do país voltada para esses fins. Suas publicações acerca do Instituto, no Jornal de Aracaju, ganharam eco depois de vários anos, nas ações do senador sergipano Carvalho Neto, que tentou criar, através do Projeto nº 480/1921, uma escola voltada para a educação especial em Sergipe. Tal projeto, entretanto, não saiu do papel e Aracaju continuou sem uma política pública voltada para pessoas com necessidades especiais. Esse quadro perdurou por mais trinta anos, até que, na década de 1950, foi criada uma escola para cegos, conforme explica Souza (2007):

Em Sergipe, a Educação Especial começou como um emaranhado entre o público e o privado. A escola de cegos, pioneira no atendimento de deficientes, começou como iniciativa filantrópica da Igreja Católica. Funcionou no SAME da década de 1950, e foi a primeira iniciativa sistemática na educação do deficiente em Sergipe. Com a morte da professora [Maria Helena Barros], os cegos ficam sem atendimento até a fundação do Centro de Reabilitação Ninota Garcia. O “Ninota” funcionou como escola para surdos, para deficientes mentais e cegos. (SOUZA, 2007, p. 122).

A escola de cegos funcionou até o ano de 1959, quando foi desativada. A medida, conforme explicou o Governador do Estado, Luiz Garcia, foi em virtude da construção de uma futura instituição, qual seja, o Centro de Reabilitação Ninota Garcia, em 1962 (SOUZA, 2007). O Centro fora criado com a intenção de ser, além de uma escola para cegos e surdos-mudos, uma referência no Estado e no país, tendo em vista tratar-se de um órgão de assistência especializado, apresentando como finalidade a recuperação dos deficitários físicos. Para tanto, seu fundador, Antonio Garcia Filho, tomou como inspiração e modelo as primeiras instituições de reabilitação física no Brasil, quais sejam: a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), idealizada e fundada em 1954 por Fernando Lemos, juntamente com um grupo de médicos, industriais, banqueiros, comerciantes, militares e senhoras da sociedade; bem como do Instituto de Reabilitação de São Paulo, criado quatro anos mais tarde, em 1958, considerado fruto dos esforços de médicos brasileiros da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) (BATISTA, 1988).

Sobre as referências e a estrutura da dissertação

Com o intuito de desvelar as contribuições de Antonio Garcia Filho para o campo educacional sergipano, farei uso dos pressupostos da História Cultural, uma corrente historiográfica que começou a ser utilizada no Brasil em meados da década de 1980, instaurando mudanças no fazer histórico através de novos caminhos e possibilidades de conhecimento das verdades, utilizando, para tanto, os inúmeros vestígios produzidos pelo homem. Para Chartier (1988, p.17), a História Cultural apresenta como principal objetivo, “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada

a ler”. Historiador que faz parte da quarta geração do grupo de pesquisadores do movimento dos *Annales*, Chartier contribui com estudos sólidos, apresentando novos objetos, problemas e abordagens para a história. Seu discurso histórico consiste na construção de uma história baseada na cientificidade e calcada nos relatos e na narrativa, partindo do pressuposto de que o historiador deve ir à procura de documentos, lê-los, organizar suas fontes, examinar técnicas de análise e utilizar critérios de avaliação, a fim de restabelecer uma possível verdade entre o relato e o que é o objeto deste relato.

Considerada uma linha teórica e metodológica que surgiu como uma reação contra a escrita da história tradicional, baseada essencialmente na narrativa das mudanças políticas e econômicas e dos feitos dos homens ricos e de posses que ocupavam altos cargos na sociedade, a História Cultural apresenta características como a valorização da relação da história com outras ciências sociais; a abrangência de todos os aspectos da vida social e humana, a exemplo das mentalidades coletivas, do cotidiano, da morte, da infância, do papel da mulher, do corpo e dos gestos; a ampliação da noção de fonte para além dos documentos oficiais e o questionamento do conteúdo dos documentos, uma vez que são produtos do homem suscetíveis aos entraves e aos interesses da memória. Para Burke (1997), o movimento historiográfico conhecido como a Escola dos *Annales* contribuiu com a ascensão da pesquisa histórica biográfica e afirma ainda que:

[...] a mais importante contribuição do grupo dos *Annales*, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas a descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. (BURKE 1997, p.126).

Dentre as fontes que podem ser tratadas pelo viés da História Cultural, estão aquelas que trazem dentro delas indícios e/ou evidências que remontam as trajetórias de vida. Essas, por sua vez, interessam aos historiadores culturais, não apenas pelo que revelam do herói ou do operário, ou ainda do comerciante ou do intelectual, dentre outros personagens, mas, sobretudo, pelo que revelam acerca da constituição dos grupos dos quais ele representa. Nesse sentido, o que fiz foi tratar Antonio Garcia Filho sob os auspícios da História Cultural, pois, na acepção do francês Jean François Sirinelli, a História dos Intelectuais remete ao estudo de um grupo social e

que este se constitui um campo aberto e autônomo, “[...] situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI 1996, p.232). Segundo o autor, o termo intelectual incide em dois significados, um amplo e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, e o outro mais estreito, baseado na noção de engajamento. Assim sendo, para Sirinelli (1997) a noção de intelectual criador e mediador recai em uma definição empírica de um homem de cultura, enquanto “[...] à primeira categoria pertencem aos que participam na criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber”. (SIRINELLI, 1997, p.261).

O que pretendi, a partir da utilização desse conceito, não foi somente analisar o perfil biográfico de Antonio Garcia Filho, mas também a sua atuação, o que ele criou, o que ele mediou e os seus possíveis engajamentos. Para tanto, desloquei meu olhar para a multiplicidade dos dispositivos materiais em que se inscreveram como produtos culturais determinados, e para os usos dos mesmos, contribuindo com a assertiva de Carvalho (1998), no que ela chama de “derrocada da História das ideias pedagógicas” e do nascimento de uma História Cultural dos saberes pedagógicos. Para Nascimento (2007), as pesquisas biográficas de intelectuais ocupam papel de destaque na historiografia educacional, pois, na sua visão

As abordagens sobre intelectuais são importantes contribuições que servem para reafirmar a condição do indivíduo como sujeito da história, colocando em destaque as personalidades, no processo da vida social. As análises memorialísticas estão para além da simples biografia, dando voz aos intelectuais estudados. (NASCIMENTO, 2007, p. 6).

Com essa finalidade, tentei buscar pistas que pudessem me subsidiar na interpretação de um passado vivenciado, marcado, localizado, na certeza do encontro de um caminho profícuo para trazer à luz as conjunturas e as ações de Antonio Garcia Filho. Para tanto, fiz uso de alguns documentos de natureza distinta, já revelados. Tais documentos foram tratados não apenas como fonte de informação historiográfica, mas também como objetos de investigação que me ajudaram a perceber criações, mediações e engajamentos da personagem principal aqui estudada. Quanto à importância desses documentos, Freitas e Nascimento (2008) afirmam que:

A reconstrução das trajetórias dos intelectuais deve buscar todos os registros de suas experiências de vida: registros da imprensa, documentos institucionais e particulares referentes a formação, atuação profissional e política, atas, relatórios, processos, teses, depoimentos (orais e escritos), cartas e fotografias. (FREITAS; NASCIMENTO, 2008, p.170).

Assim, para compreender a trajetória de vida de Antonio Garcia Filho no cenário educacional sergipano, tornou-se imperioso investigar sua vida enquanto professor, político e médico, além de sua relação com familiares, amigos e funcionários, isso porque, através das fontes impressas e da memória dos entrevistados, poderei recolher informações que, mesmo marcadas pela subjetividade, poderão ser de grande importância para compreender aspectos de sua trajetória educacional e profissional. É preciso mergulhar no universo das fontes, sejam elas orais ou documentais, retirá-las das gavetas e colocá-las na vitrine para trazer à luz o acontecido. Nesse sentido, Borges (2005) afirma que:

Não se deve, [...], interpretar uma vida buscando-se uma unidade, uma racionalidade, uma linearidade. Ao se procurar entender e explicar a vida de uma pessoa, deve-se ficar atento a todos os seus aspectos, e não a um só deles, pois em uma vida todos esses se entrelaçam. (BORGES, 2005, p.225).

Para entender a trajetória de Antônio Garcia Filho e sua atuação no cenário educacional, é preciso entrever o percurso em que essa personagem atuou, pois esses aspectos, a exemplo do cultural, do social, do educacional e do político, se imiscuem de tal forma que não é possível separá-las, mas sim entrecruzá-las sob a ótica de que, para compreender o indivíduo, é preciso visualizar a estrutura social. Ele está inserido em um dado período histórico e tudo o que isso representa faz parte de uma conjuntura social e cultural específica e inerente ao seu tempo, portanto, não pode ser visto de forma singular, dissociado do espaço social. Assim, atentar para as criações de Antonio Garcia Filho, tendo em vista sua presença atuante em cargos públicos diretamente relacionados às áreas da Educação e Saúde, levantou mais uma possibilidade de compreensão na abordagem biográfica, qual seja: a das marcas deixadas que constituem o legado de um ator social militante. Na concepção de Josso (2006), a produção biográfica deve basear-se em conhecimentos específicos voltados ao processo de formação do sujeito, bem como ao processo de aquisição e construção de conhecimento adquirido durante sua jornada, suas

experiências, competências, incluindo “[...] toda subjetividade individual, social ou cultural [...]”. (JOSSO, 2006, p.25).

Assim sendo, é possível compreender o passado pela memória. No entanto, um fato ou acontecimento vivido ou presenciado por alguém não pode ser transmitido a outro indivíduo sem que seja narrado. A narrativa nos faz adentrar em campos existenciais, dando sentido aos acontecimentos que lhes é conferido, criando significados para as “[...] várias dimensões da vida, sobre os trajetos, sobre os processos formativos, sobre a docência e, sobre as aprendizagens construídas a partir da experiência” (SOUZA, 2006, p.51). Nesse sentido, uma narrativa histórica nos permite evidenciar uma identidade individual e/ou coletiva. Isso porque

As narrativas das histórias de vida permitem-nos apreender âmbitos internos e externos das experiências humanas, seus aspectos vividos e, permite, especialmente, através de experiências individuais, apreender as relações que envolvem determinados momentos e situações históricas vividas por grupos sociais específicos ou pela sociedade, de modo geral. (SOUZA, 2006, p.323-324).

Assim, os procedimentos metodológicos da História Oral, em outras palavras, uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes que auxilia na identificação de elementos significativos para traçar a biografia de personagens através da memória de indivíduos que participaram ou vivenciaram um determinado acontecimento ou fato, me possibilitou decifrar as minúcias dos fatos e ler o que não está evidente. Parafraseando Alberti (2005, p.170) “[...] uma das principais vantagens da História Oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu”. Assim como Alberti (2005), Souza (2006) enfatiza que:

[...] o recurso à história oral requer, a exemplo de outros recursos, um esforço de tratamento e de cruzamento com outros dados. Dados do contexto sócio-histórico e, sempre que possível, da própria trajetória dos entrevistados, são elementos que contribuem para dar confiabilidade à narrativa e dar-lhe consciência. Importante, também, cercar-se de informações que possibilitem explorar a consciência ou inconsciência dos relatos, a coerência interna, as omissões, os silêncios. (SOUZA, 2006, p.135).

Foi através das entrevistas, consideradas aqui como um “encontro social” e movidas por percepções, sentimentos, emoções e imaginação, que lancei questionamentos aos entrevistados, afim de que esses pudessem rememorar suas experiências e com elas voltar ao passado. Sob esse viés, considerei a entrevista de suma importância para compreender a trajetória de Antonio Garcia Filho e sua contribuição no cenário educacional sergipano, além de traçar o perfil dessa personagem. Alberti (2004) afirma que a entrevista pode ser considerada uma fonte, um documento, e mais:

Entrevistas de história oral são fontes que documentam o passado – experiências pessoais, acontecimentos, conjunturas -, e as concepções sobre passado através de seqüências narrativas, isto é, pequenas histórias cujo sentido está atrelado à forma com que são narradas [...]. (ALBERTI, 2004, p.73).

Para trazer à luz a trajetória de Antonio Garcia Filho, pretendo entender o contexto social em que ele encontrava-se inserido. Ainda, perceber e analisar sua atuação política e profissional para, só então, compreender os caminhos que ele trilhou na conjuntura social-educacional e histórica de Sergipe. Com esse propósito, o trabalho foi estruturado de modo a compreender a trajetória de vida de Antonio Garcia Filho e sua contribuição para a educação sergipana. Para tanto, o dividi em dois capítulos, além da introdução e da conclusão.

Na Introdução, aponto o caminho para construir um estudo biográfico e os aportes teórico-metodológicos que subsidiaram a pesquisa. Elenco, também, alguns estudos biográficos, considerados por seus pesquisadores, intelectuais da educação. Procurei evidenciar as contribuições desses intelectuais, bem como suas marcas deixadas na história da educação de Sergipe. Analisei ainda a produção da pesquisa biográfica em Sergipe, ressaltando a trajetória de intelectuais sergipanos, cujas contribuições e intervenções no quadro político, cultural e educacional de Sergipe foram dadas a ler.

No primeiro capítulo, intitulado “O homem e sua obra: a trajetória de Antonio Garcia Filho”, procurei investigar sua trajetória de vida, em especial a esfera pública, analisando suas atuações e obras, a fim de compreender as marcas deixadas por ele no campo político, cultural e educacional no Estado de Sergipe. Nesse capítulo procurei compor Antonio Garcia Filho pelas entrevistas, pela história contada e pela história registrada, baseando-me nos conceitos de

Intelectual de Sirinelli (1996, 1997) e de capital social e capital cultural de Bourdieu (2004). Tais conceitos me ajudaram a compreender suas atuações, suas mediações e suas criações na conjuntura política, cultural e educacional de Sergipe.

O segundo capítulo recebe o nome “Do médico, do político e do educador: um intelectual engajado?”. Nele são contempladas as criações de Antonio Garcia filho, em especial a Faculdade de Medicina de Sergipe e o Centro de Reabilitação Ninota Garcia. O que pretendi foi analisar, através da memória socioeducacional dessas instituições, as modificações ocorridas no campo educacional sergipano com a fundação das referidas instituições. Isso porque considero importante perceber que tipo de ideologia foi produzido ou veiculado por esse homem. Afinal, de que adiantaria saber de sua vida e de suas criações sem perceber o fruto colhido pelas gerações que o sucederam? Parafraseando Sirinelli, a “classe” em que o indivíduo está inserido é caracterizada pelo seu poder de influência, isto é, de ressonância e de amplificação, refletidas na sociedade pela legitimidade das tomadas de decisão e ações proeminentes no tocante à matéria cultural.

Capítulo Um

O Homem e sua obra: a trajetória de Antonio Garcia Filho

MASLORE

Às vezes vamos mesmo em silêncio
portando siglas e faixas
nem sempre necessárias
pois ali há um pensamento
que transborda
e lendo vai abrangendo o ambiente
e se evola como um perfume etéreo

O que nós desejamos
nem sempre é precisamente traçado
em detalhes e alternativas mas a união
gera um pensamento coletivo
que nos guia como uma corrente
cujo impulso vem dos montes

Na verdade eu me deixo levar
como quem flutua
e canto o mesmo canto
e rio o mesmo riso
mãos alçadas em luta e prece.

(GARCIA FILHO, 1994)

1.1 A família Garcia

A trajetória de vida de Antonio Garcia Filho contempla ações na medicina, na política e na docência. Foi nesse tripé de atuações que Antonio Garcia Filho deixou marcas na conjuntura política, cultural e educacional de Sergipe. Com o intuito de perceber seus “passos”, me propus fazer a leitura de um passado vivido, o que resultou em texto oriundo do “encontro” entre pesquisadora e personagem. Seus traços, suas ações e suas obras me levaram a um passeio por seus espaços, e também me mostraram fontes que me conduziram ao caminho da história da educação de Sergipe. Interessou-me, sobretudo, ver as marcas que ele deixou ver e entrever, entre o começo e o fim... o percurso. Embora não exista a materialidade do sujeito pesquisado, permeei o seu silêncio através das “siglas” e “faixas” deixadas por ele. Assim, o visível aponta para aquilo que é invisível, ambos caminham juntos, de “mãos alçadas”, durante as páginas que virão a seguir.

Para compor seu perfil biográfico, precisei “olhar” as fontes sob diversos ângulos e em cada um deles observar um capítulo de sua história, um registro marcado por um passado vivenciado e datado. Atentar para a história de vida de Antonio Garcia Filho me exigiu um olhar aguçado. Precisei debruçar-me sobre obras de cunho biográfico para apreender, além de dados essenciais a exemplo de data e local de nascimento e morte, filiação e formação, fatos e curiosidades que compuseram a personagem. Atentar para os acontecimentos e suas ações, somados à memória deixada, me levaria, por certo, a compreender a trajetória de vida de Antonio Garcia Filho em fases e etapas, transitando em um passado sem se encontrar nele.

A trajetória de Antonio Garcia Filho começou em 29 de maio de 1916, na pequena cidade sergipana de Rosário do Catete. Sua filiação, porém, já aponta para traços precisos de seu percurso. Sua mãe, Antonia Menezes Garcia, vivia para o lar. Seu pai, Antonio Garcia Sobrinho, era comerciante, proprietário de uma padaria e de uma pequena loja de tecidos, além de funcionário do Fisco, cargo público exercido na mesma cidade. Em suas horas de lazer, dedicava-se ao estudo da literatura e da música e assim servia de exemplo para os filhos, dentre eles Antonio Garcia Filho. Os “Garcia” constituíam-se uma família de classe média, porém modesta, sendo o patriarca muito conhecido na cidade, pois gozava de prestígio e reconhecimento em virtude de sua capacidade intelectual. A matriarca da família, conhecida por “Dona Tõinha”, era de origem indígena e “[...] marcou a família com a ‘concordia e o esforço cultural’ (**estudem meus filhos, para se fazerem**)”. Assim, ela alerta os filhos quanto à importância da educação,

considerada a responsável pela formação do homem e a difusão da sua cultura”. (DOMINGUES GARCIA, 2011, p.85, grifo do autor). Na visão de Domingues Garcia (2011, p. 850), sobrinho de nossa personagem e autor de livro biográfico sobre seu pai, Carlos Garcia, irmão de Antonio: “Assim foi a educação herdada de seus pais: O estudo como pilar básico para a ascensão social.”

O que se pôde apreender dos indícios e dos depoimentos colhidos é que Antonio Garcia Sobrinho era um homem de personalidade forte, disciplinador e rígido, e prezava pela união da família. Ao tempo que brincava com os filhos, os ensinava. Muitas vezes brincadeiras lúdicas, mas que semeavam e instigavam a curiosidade da criança e a despertavam para compreender os fatos que compõem a vida. Assim foi a infância de Antonio Garcia Filho, cheia de ensinamentos e em convívio profícuo com o pai. Suas travessuras e brincadeiras que se passaram, principalmente, na “Rua da Ponte” e na “Rua da Pedra Cal”, contemplaram a fabricação de jornais manuscritos, a construção de uma cidade de madeira e a fabricação de energia para alimentar essa cidade. Assim, relembra emocionado o seu filho, o também médico, Eduardo Garcia, as histórias que seu pai lhe contara acerca de sua infância:

Eu tenho uma lembrança muito curiosa dele, que era o fato de que ele e meu tio Carlos, Carlos Garcia, editavam jornal. Um jornal escrito à mão e distribuído nas portas das casas, em Rosário. [...] isso aí mostra uma vocação muito curiosa pra literatura, pro jornalismo, que vieram ambos a exercer depois de adultos, né. E também as brincadeiras que faziam, montando uma cidade no quintal da casa, de madeira e que curiosamente eles mesmos produziam a eletricidade com pilhas. Os conhecimentos que eles aprenderam na química eles usaram para iluminar a cidade. Isso é muito curioso, porque meu pai me passou esse conhecimento das pilhas, de fabricar as pilhas e eu ainda garoto produzi. (CONDE GARCIA, 2012).

O que se pode atestar do depoimento é que Antonio Garcia Filho era uma criança que experimentava. Sempre querendo entender o “porquê” das coisas. Para seu filho, Eduardo Garcia (2012), essa curiosidade estava atrelada a três vertentes, entendidas aqui como vocações:

A primeira vertente, ligada ao jornalismo, curiosamente. A segunda vertente era no emprego da química para soluções da vida, como foi o caso da bateria para iluminar a cidade imaginária deles lá. E finalmente, a medicina, que era uma

vocação muito antiga, que já demonstrava um desejo muito antigo de cuidar das pessoas [...]. (CONDE GARCIA, 2012).

Talvez tenha sido essa curiosidade de menino, esse fascínio pelo desconhecido e a possibilidade de desvendar o que não está posto que o tenha influenciado para posteriores tomadas de decisões, quando adulto. Por certo, ser um “menino do interior” e pertencer a uma época em que as experiências e as tomadas de atitudes eram aceitas e até incentivadas, fez dele um homem de ação. Não que isso fosse incomum em sua geração, mas aquele menino de Rosário do Catete soube valer-se de suas condições para construir seu capital cultural que, a luz dos escritos de Bourdieu (1998), é um conjunto de conhecimentos e relações com a cultura e a linguagem. Por ser berço dele e de outros homens de ação, a cidade de Rosário do Catete, município situado a 37 km da capital sergipana, constituiu-se uma das mais importantes cidades do Estado, pois foi de terras rosarenses que saíram o interventor Augusto Maynard Gomes (1886-1957), que governou Sergipe em duas ocasiões (1930-1935; 1942-1945); Leandro Maynard Maciel (1897-1984), eleito Governador de Sergipe (1955-1959) e Senador em duas ocasiões (1935-1937; 1967-1975); e Luiz Garcia (1910-2001), eleito Governador de Sergipe (1959-1962). (BARRETO, 2008, s/p).

Somam-se a esses, Edélzio Vieira de Melo (1909-1962) e Manoel Cabral Machado (1916-2009), ambos eleitos deputados e vice-governadores. Destacaram-se também os desembargadores José Sotero Vieira de Melo (1856-1927) e Humberto Diniz Sobral (1900-1970), esse também fora Juiz do Tribunal Regional Eleitoral eleito por dois mandatos seguidos (1955-1959; 1962-1965). Tais nomes são alguns exemplos de filhos rosarenses que souberam honrar as oportunidades, cumprindo suas responsabilidades e inscrevendo seus nomes na galeria da vida política de Sergipe. (BARRETO, 2008, s/p).

Durante as décadas de quarenta e cinquenta do século XX, as classes sociais reinantes em Sergipe eram compostas pela burguesia rural, ou seja, os latifundiários e os proprietários de usinas de açúcar; pela classe média emergente, formada pelos engenheiros, médicos e professores e demais profissionais liberais; e pela classe baixa, constituída pelos operários e comerciários. Naquele período Sergipe afluía para a industrialização e sua economia estava calcada, principalmente, no cultivo da cana-de-açúcar e do milho, além da criação do gado. Domingues Garcia (2011) retrata bem esse período.

A sua economia era baseada, até então, exclusivamente, em cana de açúcar – as inúmeras usinas que fabricavam o açúcar o melaço e o mel – através de seus fornos e evaporadores, que soltavam vapor d’água para a atmosfera. As altas chaminés, feitas de tijolos aparentes, refratários, importados do exterior exalavam um fumo preto, vez em quando, para a atmosfera. Era a respiração do gigante. Também Sergipe exporta gado para os Estados vizinhos e com a produção do açúcar, álcool, tecidos e criação de gado, firmava-se em sua economia nascente. (DOMINGUES GARCIA, 2011, p.85)

Foi em meio a esse desenvolvimento econômico que a família Garcia deixou suas marcas. Provindo de família numerosa, Antonio Garcia Filho teve quatro irmãos e cinco irmãs. O primogênito dos irmãos, Robério Garcia, segundo o jornalista e historiador Luiz Antonio Barreto, “[...] não teve formação superior, sacrificando-se, por opção pessoal, para ajudar a que os irmãos obtivessem o grau nas profissões que escolheram”. (BARRETO, 2005, s/p). Apesar de não possuir curso superior, Robério Garcia teve uma atuação representativa, tanto no campo político, quanto no campo esportivo, no Estado. Foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e dirigiu o Jornal Folha Popular, na época, meio de divulgação de assuntos ligados ao PCB. Além de comerciante, foi também dirigente dos clubes sergipanos de Futebol Confiança e Sergipe (1959-1964). Foi envolvido com o esporte, mais especificamente com o futebol sergipano, que ele trouxe para o Estado o “Santos Futebol Clube”, quando este se encontrava no auge do sucesso, tendo como um de seus principais jogadores o internacionalmente conhecido Pelé (Edson Arantes do Nascimento). Na partida, o “Santos” enfrentou o Sergipe, espetáculo que deixou o estádio lotado.

O segundo irmão de Antonio era Luiz Garcia, este foi o primeiro irmão a ingressar na carreira política, graças ao pai, que impulsionou sua carreira ainda quando residia em Rosário do Catete. Casou-se com Maria Emília Pinto Garcia, com quem teve cinco filhos. Formado em Direito, logo foi nomeado Promotor do Estado através de concurso de títulos, análise de currículo e conduta pessoal. No transcorrer de suas atribuições de Promotor, sua carreira política foi se “pavimentando” e, em 1934, Luiz Garcia elegeu-se deputado. No entanto, após a implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas, em 1937, Luiz Garcia perde seu mandato em virtude da dissolução do Congresso Nacional e do fechamento das assembleias legislativas estaduais. Por

suas ações e posições políticas, passou a se destacar e, com o apoio de Leandro Maciel, filiado ao partido União Democrática Nacional (UDN), se candidatou ao cargo de Governador do Estado, sendo eleito através do voto direto da população, representando o Estado no período de 1958 a 1962, anos em que contribuiu com a materialização das ideias do irmão Antonio Garcia Filho. Determinado a continuar na política, decide, após o término de seu mandato de Governador, candidatar-se ao Senado Federal, porém não conseguiu eleger-se. (DOMINGUES GARCIA, 2011).

Em 1937, aos 23 anos de idade e recém-formado em Direito pela Faculdade da Bahia, seu terceiro irmão, Carlos Garcia, retorna a Aracaju e ingressa no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tornou-se um militante aracajuano do Partido, atuando como articulador e orador nos comícios, fato que o levou a ganhar o prestígio da classe operária. Porém, em virtude de suas ações e posições políticas, passou a ser perseguido pelo governo vigente do Estado Novo (1937-1945), o que acarretou na sua prisão, sem direito à defesa, por um período de dois meses. Em 1940, aos 25 anos de idade, casou-se com a baiana e cirurgiã-dentista Helena Garcia, com quem teve três filhos. Em meio a um período conturbado, tendo em vista a repressão policial, Carlos Garcia se elege, em 1947, vereador pelo Partido Comunista. Era o segundo irmão a constar na galeria de políticos de Sergipe.

O caçula dos irmãos, José Garcia Neto, formou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Bahia, em 1944, e foi o terceiro a entrar para o campo político. Residia e trabalhava na cidade de Salvador até o dia em que a empresa foi transferida para Curitiba. Na capital paranaense conheceu sua esposa, Lígia Garcia, com quem tivera cinco filhos. Mudou-se para Cuiabá e lá enveredou pelo magistério, lecionando na Escola Técnica de Cuiabá. No campo político, também teve participação, pois se elegeu, em 1954, Prefeito de Cuiabá pela UDN. Em 1966 foi nomeado Deputado Federal, pela ARENA e, tempos depois, em 1975, Governador do Estado de Mato Grosso. Teve ainda sua própria empresa, uma construtora. Vale destacar sua atuação, em Sergipe, como Diretor do Departamento de Estradas e Rodagens (DER) e também do Departamento de Saneamento, quando seu irmão Luiz Garcia ocupava o posto de Governador do Estado. (DOMINGUES GARCIA, 2011).

Quanto às irmãs de Antonio Garcia Filho, o que se pode atestar é que, ao contrário dos irmãos, tiveram uma educação doméstica voltada mais ao lar e menos aos espaços públicos. Zilda Garcia, uma das cinco irmãs, foi casada com Mariano Salmeron Filho, com quem teve

quatro filhos. Mariese Garcia foi professora e possuía uma instituição educativa de ensino fundamental na cidade de Aracaju, e dela descendem quatro filhas. A terceira irmã de Antonio Garcia Filho, qual seja, Eliete Garcia, radicou-se em Salvador desde 1950. Foi casada com o jornalista sergipano Junot Silveira, Diretor do Jornal “A Tarde”, em Salvador. Dessa união, no entanto, não tiveram filhos. Sua irmã, Emília Garcia, foi casada com o contador Jadson Barbosa, com quem teve quatro filhos. A cirurgiã-dentista Valdete Garcia, “a ponta de rama”, como denominou Domingues Garcia (2011) referindo-se à caçula das irmãs, foi a única que cursou uma faculdade, também em Salvador. Foi casada com Samuel Melo e, fruto dessa união, deixou uma filha.

As informações coletadas acerca da família de Antonio Garcia Filho, principalmente do pai, cidadão de forte influência na cidade de Rosário do Catete, e dos irmãos mais velhos, os quais, desde juvenis, já estavam voltados para as contendas políticas, me levam a interpretar que a relação entre os membros da família, de certo modo, propiciou que Antonio Garcia Filho enveredasse pelo mesmo caminho.

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (2004), o capital cultural expressa o grau cultural do indivíduo adquirido no processo de socialização primária, com a família, bem como durante a socialização secundária, ou seja, quando o indivíduo embrenha-se em instituições, não somente as educativas, a exemplo da escola e da universidade, mas também as entidades de cunho religioso e cultural, a exemplo das igrejas e das Academias Literárias. Nesse sentido, Costa (2011, p.46), em seus escritos, afirma que: “A acumulação do capital cultural acontece desde a infância, portanto, se a família é dotada de expressivo capital cultural, as crianças o acumulam mais fácil e rapidamente [...]”. Assim, apesar de levar em consideração que quem dá sentido ao documento é o pesquisador por meio da interpretação, tais informações me levam a acreditar que o contexto familiar tenha influenciado nosso personagem aqui estudado a engajar-se no campo político e cultural.

1.2 De Rosário do Catete para Aracaju

Acometido por uma enfermidade, da qual a família não soube informar, Antonio Garcia Sobrinho e mudou-se com a família para a capital, em meados de 1934, a procura de tratamento médico. Os “Garcia”, então, passam a residir à Rua Itaporanga, nº 36, centro de

Aracaju. Era considerado um local privilegiado em virtude da proximidade com o Parque Teófilo Dantas e a Catedral Metropolitana de Aracaju, região privilegiada pela fauna e flora, visto ser cercada por aves silvestres, macacos e pequenos córregos pavimentados. A praça era palco de divertimento para os netos, principalmente em época de festas, pois apareciam os parques de diversão e as barracas de iguarias. Domingues Garcia (2011) retrata bem aquele tempo:

A Rua de Itaporanga margeia o Parque Teófilo Dantas e cruza a Rua de Arauá. O parque era a festa dos meninos, na época das festas de fim de ano. A negra Isabel com seu tabuleiro repleto de iguarias ('a cocada de Isabel') era cercada pelos netos de Dona Tõinha, ávidos por beijos, acarajés, bolinhos de tapioca, quebra-queixos, cocadas (preta- a melhor! E branca); depois o parque iluminado, os barcos de madeira no vai e vem das alturas, puxados pelas cordas – uma em cada extremidade da gangorra - que os impulsionavam para cima; o carrossel gigante, onde os cavalos coloridos, imponentes, de várias cores, galopavam em círculos [...]. Os transeuntes paravam com suas crianças tendo às mãos sacos de pipocas, doces, doces, amendoins etc, e vigiavam seus filhos peraltas nos vai e vem das alturas. [...]. Na roda-gigante, acompanhados pelos pais, a vista lá, lá de cima, descortinava o imenso parque e as ruas retas de Aracaju com casinhas que pareciam de brinquedo, como pássaros pousadas de frente para as calçadas. [...]. Após o Parque, a **Sorveteria Iara**, na outra praça, era ponto de saborear os genuínos sorvetes de frutas da terra, dentre as quais a mangaba imperava com seu sabor de mestra. A **Praça Fausto Cardoso**, à frente do **Palácio do Governo**, com seus obeliscos, estátuas, cruzeiros e os jardins ordenados em toda a sua extensão era agradável e sendo o início do Centro da Cidade [...]. (DOMINGUES GARCIA, 2011, p. 12-13, grifo do autor).

Naquele período os irmãos mais velhos de Antonio Garcia Filho já estavam em Aracaju e tempos depois, em 1925, o próprio Antonio veio para essa cidade continuar os estudos. O ensino das Primeiras Letras, porém, ocorreu ainda enquanto residente em terras rosarenses. Rosa Garcia – tia de Antonio Garcia - e Laudelina Fraga foram suas primeiras educadoras. Em seguida, foi para a escola da professora Laudicéia, pequena instituição em que apenas uma sala funcionava para todas as classes. Sobre sua vida escolar, assim expõe Antonio Garcia Filho ao jornalista Osmário Santos, em 1990:

A professora Laudicéia era paciente sem perder a exigência dos deveres. Em 1925, vim estudar em Aracaju, onde já se encontravam meus irmãos em casa alugada por Robério que era comerciante da Casa Guilhermino Rezende

Tecidos. Estudei no Grupo Escolar Barão de Maruim, onde depois funcionou a Faculdade de Direito. Tive uma professora extraordinária, a professora Marieta Fraga, disciplinadora e competente. Terminando o quarto ano, entrei no curso médio do professor Padre Zezinho, em 1927, o tradicional Colégio Tobias Barreto, militarizado, excessivamente disciplinado, método eclético de ensino, exercitando a memória e o raciocínio e estimulando a competição entre os alunos [...]. (SANTOS, 2002, p.113).

O Colégio Tobias Barreto⁵ é uma instituição educativa que revela um passado de grande relevância na educação sergipana, pois sua fundação ocorreu no período em que o ensino público estava em vias de desenvolvimento com a expansão dos Grupos Escolares. O motivo desse processo seria a conscientização da importância da educação como base para o progresso, além da elevação do grau de civilização e modernidade da sociedade. A pesquisa histórica não me propiciou o encontro de informações e vestígios, a exemplo das disciplinas, das notas e das frequências de Antonio Garcia Filho, as quais me ajudariam a revelar seu desempenho escolar durante a passagem pelo Colégio Tobias Barreto. No entanto, através da entrevista, que se revela uma fonte histórica que documenta o passado, Eduardo Garcia (2012) narra acerca da formação escolar de Antonio Garcia Filho:

Papai passou pelo colégio do professor Zezinho Cardoso, que hoje é Tobias Barreto, mas que se chamava colégio do professor Zezinho Cardoso. Era um colégio militarizado, como era muito ao gosto da época. Tanto que o Jackson Figueiredo copiou esse modelo do professor Zezinho e eu que fui aluno de Jackson Figueiredo passei, por um colégio, assim, de estrutura militar do professor Benedito e Dona Judite tocavam o colégio como fosse militar, só que no colégio do professor Zezinho Cardoso era mais militarizado ainda, inclusive com patentes de soldados, sargentos, de capitão, tenente, papai mesmo era... chegou a tenente ou a capitão [...]. (CONDE GARCIA, 2012).

Em 1928, aos 12 anos de idade, Antonio Garcia Filho ingressa no Colégio Atheneu Sergipense para cursar o ensino secundário. Tal instituição foi fundada em 1870 quando Aracaju

⁵ O Colégio Tobias Barreto foi Fundado em maio de 1909, na cidade de Estância, pelo professor José de Alencar Cardoso, popularmente conhecido como professor Zezinho. Segundo a historiadora Maria Thétis Nunes, o Colégio apresentava como uma de suas características a militarização, funcionando assim o primeiro Tiro de Guerra do Estado, que, mais tarde, se transformou na Escola de Instrução Militar. A partir de 1913 o Colégio passou a funcionar em Aracaju e, somente na década de 1920 a instituição passou a receber o público feminino (NUNES, 2008).

tinha apenas 15 anos de idade, e a fundação é considerada por Alves (2005, p. 134) “[...] o evento cultural mais importante na década de 1870 [...]”. Sua fundação ocorreu na presidência do Tenente Coronel Francisco José Cardoso Júnior, quando este ocupava o cargo de Presidente da Província de Sergipe, (1869-1871). O Colégio Atheneu Sergipense ocupava uma posição de destaque, pois era a principal instituição oficial de ensino secundário da Província sergipana. O Atheneu representou a inovação da instrução pública da Província, pois lançou novas oportunidades para os interessados em ingressar no curso superior ou no magistério público, preparando-os para estes fins. Movido por “pensamentos reformistas”, o objetivo do governante da Província sergipana com a fundação do Colégio Atheneu, era:

[...] proporcionar à mocidade a instrução secundária, necessária e suficiente para a matrícula nos cursos superiores e para o bom desempenho das funções dos cidadãos na vida social, o Atheneu Sergipense agregou uma parcela significativa da elite intelectual sergipana na plêiade da sua Congregação. (ALVES, 2005, p.136).

De modo que foi esse o colégio em que Antonio Garcia Filho cursou o secundário. Seu desempenho escolar nesse curso foi percebido através de uma nota de observação no verso do Histórico do Curso de Medicina, entregue pelo próprio acadêmico no ato de sua matrícula, em 1936, à Faculdade de Medicina da Bahia. Não foi encontrada a frequência do aluno, somente as cadeiras cursadas no 5º ano ginásial e suas respectivas notas, com exceção da cadeira de matemática. A explicação encontrada para a ausência da referida nota se dá pela dispensa através do “aviso 366” do Ministro da Educação. Tal documento, constando esse “aviso 366” não foi encontrado, o que dificultou o entendimento do fato. Antonio Garcia Filho obteve resultado satisfatório em todas as cadeiras, destacando-se em História do Brasil, com média 85; História Natural e Filosofia, ambas com média 76; nas demais cadeiras obteve médias menores, a exemplo de Química, com média 69; de Latim e Física, ambas com média 66; e Cosmografia, com média 54. Apresentou, assim, média geral de 70. Sua conclusão e aprovação se deram em nove de dezembro de 1935, conforme figura a seguir:

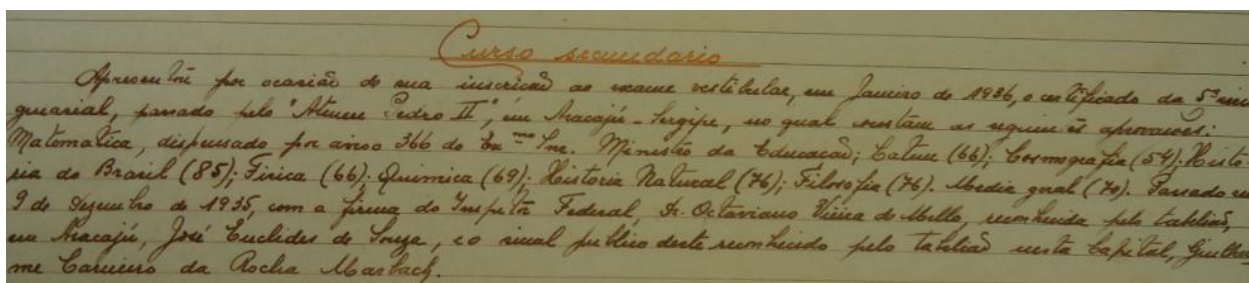


Figura 2 – Verso do Histórico do Curso de Medicina de Antonio Garcia Filho, contendo informações acerca do Curso Secundário, 1936. “Curso secundário: Apresentou por ocasião de sua inscrição ao exame vestibular, em janeiro de 1936, o certificado da 5ª série ginásial, passado pelo “Ateneu Pedro II”, em Aracaju-Sergipe, no qual constam as seguintes aprovações: Matemática, dispensado por avido 366 do Ex^{mo} Im. Ministro da Educação; Latim (66); Cosmografia (54); História do Brasil (85); Física (66); Química (69); História Natural (76); Filosofia (76). Média geral (70). Passo em 9 de dezembro de 1935, como afirma o Inspetor Federal, Dr. Octaviano Vieira de Mello, reconhecida pelo tabelião, em Aracaju, José Euclides de Souza, e o sinal publico deste reconhecido pelo tabelião nesta Capital, Guilherme Carneiro da Rocha Marbach”.

Fonte: Acervo do antigo Memorial de Medicina da Bahia.

Após concluir o curso secundário, Antonio Garcia Filho almejava investir ainda mais em sua formação. A escola era conhecida como um difusor de ideias, atuando como centro formador de atitudes e valores. Antonio Garcia Filho, tendo a consciência da importância da educação e vocacionado para a ciência médica, decidiu cursar medicina. Sabia, porém, que não seria fácil, pois teria de escolher, por exemplo, entre as cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Recife e de Salvador, capitais que ofertavam o curso de medicina no país. No entanto, acredito que em virtude da localização geográfica mais próxima, decidiu prestar vestibular para a Faculdade de Medicina da Bahia, localizada no Terreiro de Jesus, em Salvador, onde ingressou, em 1936, através de vestibular com média geral de 8,9. Seu filho, Eduardo Garcia, durante a entrevista concedida em maio de 2012, acredita que a escolha do pai tenha sido em decorrência da “aproximação dos dois povos” e, principalmente, “[...] porque tinha transporte ferroviário pra lá. Eles iam de trem para Salvador, mas o fato é que a ligação Sergipe-Bahia era muito forte”. (CONDE GARCIA, 2012).

1.3 A Faculdade de Medicina da Bahia: educação como princípio da ação

Em Salvador, encontrou amigos de infância, a exemplo de Cabral Machado, filho do Dr. Odilon Machado, médico da família Garcia em Rosário do Catete. Nas folgas acadêmicas

gostava de reencontrar o amigo Walter Barbosa da Silva e, juntos, cantavam e faziam duelos. Desde cedo demonstrou seu espírito literário, pois foi vencedor de um programa de calouros, o que o levou a cantar nos programas da Rádio Sociedade da Bahia. (MACHADO, 1986). Apesar de não ter encontrado vestígios na Faculdade de Medicina da Bahia que o tenham caracterizado como um aluno catedrático, termo designado àqueles alunos que se destacaram por suas ações, seja na área da ciência, da arte, da cultura ou da política estudantil. Os alunos catedráticos tiveram seus nomes registrados no Livro “Memória Histórica” que, segundo relatos da funcionária do setor da biblioteca e do antigo Memorial de Medicina da Bahia, Francisca Vieira (2012), não foi o caso de Antonio Garcia Filho, embora Nascimento (2000) trate de seu engajamento político dentro e fora da Faculdade de Medicina da Bahia. Segundo ele:

Em Salvador, durante o curso de Medicina, já voltado para as contendas políticas, participou dos movimentos estudantis, sendo eleito presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Medicina. Orador eloquente já conquistava o público com a sua palavra candente, erudita e de grande poder dialético. Amante das musas, compositor, musicista e intérprete de canções românticas, especialmente latinas, Antônio Garcia viveu a sua juventude na Soterópolis, arrebatando corações apaixonados, num ambiente cheio de misticismo, de arte, de cultura e de ciência. (NASCIMENTO, 2000, p.157).

Eduardo Garcia (2012) também narra a atuação do pai, como acadêmico de medicina:

[...] ele fez política estudantil, ele foi eleito presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina, numa disputa acirradíssima, e que o Dr. Oswaldo de Sousa costumava dizer: ‘votem em seu pai, hein’, enquanto estudante de medicina. [...]. Como meu avô era um homem de poucas posses, ele [Antonio Garcia Filho] participava de shows de calouros na Rádio Sociedade da Bahia e os primeiros colocados recebiam prêmio em dinheiro e ele sempre cantava na Rádio Sociedade da Bahia para ganhar uns trocados lá. Eu sei que ele fez... além daquela Rádio de lá, conheceu muita gente, a exemplo de Dorival Caymmi⁶, que estava começando sua vida de artista. E meu pai conheceu Dorival Caymmi, ambos cantando na Rádio Sociedade da Bahia. (CONDE GARCIA, 2012).

6 Dorival Caymmi foi cantor, compositor, violonista, pintor e ator brasileiro. Nasceu no dia 30 de abril de 1914, em Salvador, e faleceu aos 94 anos, em 16 de agosto de 2008, no Rio de Janeiro. Escreveu setenta canções, a exemplos da “Maracangalha”, “Saudade de Bahia”, “O que é que a baiana tem?”, “Rainha do mar”, dentre outras. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/dorival-caymmi.jhtm>. Acesso em: 29 de out. de 2012.

Conforme evidencia o Histórico Escolar, em anexo, em novembro de 1936 Antonio Garcia Filho concluiu o primeiro ano do curso de medicina, obtendo as seguintes médias: Anatomia, média geral das três provas parciais, 4,66; Histologia e Embriologia Geral, média geral das três provas parciais, 7,33. Em dezembro do mesmo submeteu-se ao exame final de Anatomia, sendo aprovado com “simplesmente”, 5,0. No segundo ano do curso, em 1937, ele cursou as seguintes cadeiras: Química Fisiológica, média geral das três provas parciais, 7,33; Física Biológica, média geral das três provas parciais, 6,0; Fisiologia, média geral das três provas parciais, 7,0. Em 1938, período que corresponde ao terceiro ano de curso de Antonio Garcia Filho, foram cursadas as seguintes cadeiras: Farmacologia, média geral das três provas parciais, 6,0; Patologia Geral, média geral das três provas parciais, 5,0; Microbiologia, média geral das três provas parciais, 4,66; Parasitologia, média geral das três provas parciais, 7,0. Em dezembro desse mesmo ano ele submeteu-se aos exames finais das cadeiras de Patologia Geral, sendo aprovado com “simplesmente” 4,0 e de Microbiologia, sendo aprovado plenamente com nota 9,0. (HISTÓRICO ESCOLAR... 1936-1941).

Em 1939, quarto ano do curso, percebemos resultados mais satisfatórios. Talvez essa evolução tenha sido pelo fato das cadeiras serem voltadas para a área clínica, mais experimental e prática e menos teórica. Não há fontes que assegurem tal suposição, mas as médias das cadeiras a seguir nos mostram algo voltado para essa vertente, qual seja: Técnica Operatória e Cirúrgica, média geral das três provas parciais, 7,33; Anatomia e Fisiologia Obstétrica, média geral das três provas parciais, 4,0; Clínica Dermatológica e Sifilográfica, média geral das três provas parciais, 7,0; Clínica Propedêutica Cirúrgica, média geral das três provas parciais, 7,33; Clínica Propedêutica Médica, média geral das três provas parciais, 8,0. Percebemos, através das fontes, que ele teve frequência em Clínica Médica e Clínica Otorrinolaringológica. Em dezembro desse ano submeteu-se ao exame final de Anatomia e Fisiologia Patológicas, sendo aprovado com plenamente 7,0. (HISTÓRICO ESCOLAR... 1936-1941).

Os anos foram se passando e durante a análise das médias das cadeiras correspondentes aos dois últimos anos do Curso de Medicina, percebi que a evolução era crescente, o que fez aviltar minhas suspeitas quando cogitei que Antonio Garcia Filho teria maior afinidade com as cadeiras voltadas para a prática clínica, como pode ser visualizado no gráfico:

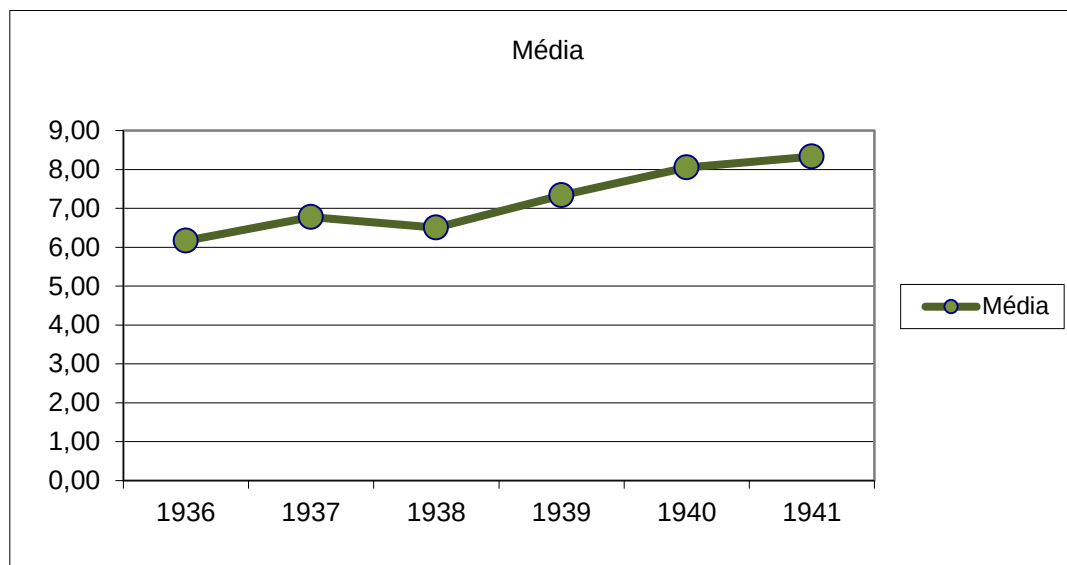


Gráfico 1- Evolução – Média anual

Fonte: Histórico do Curso de Medicina de Antonio Garcia Filho, 1936. (Foto: 2012).

No quinto ano, em 1940, o discente cursou as cadeiras: Terapêutica Clínica, média geral das três provas parciais, 8,0; Higiene, média geral das três provas parciais, 7,0; Medicina Legal, média geral das três provas parciais, 9,33; Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas, média geral das três provas parciais, 8,66; Clínica Cirúrgica, média geral das três provas parciais, 6,0; Clínica Urológica, média geral das três provas parciais, 8,33. Nesse ano obteve frequência em Clínica Médica. Em dezembro, submeteu-se ao exame final de Clínica Cirúrgica, sendo aprovado com plenamente 7,0. No último ano do curso, em 1941, todas as cadeiras estavam voltadas para a área Clínica: Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, média geral das três provas parciais, 7,66; Clínica Médica, média geral das três provas parciais, 9,0; Clínica Obstétrica, média geral das três provas parciais, 8,33. (HISTÓRICO ESCOLAR... 1936-1941).

Nesse mesmo ano, em 1941, obteve frequência em Clínica Ginecológica, Clínica Neurológica, Clínica Psiquiátrica, Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica e Clínica Oftalmológica. Apesar de não encontrar subsídios que comprovem minhas suspeitas, acredito que a frequência de Antonio Garcia Filho nessas disciplinas o tenha liberado da realização do seu Trabalho de conclusão do curso, funcionando como equivalência, ou algo do tipo. Talvez seja essa a explicação de não constar seu nome e seu respectivo trabalho registrado nas listas dos periódicos. Além disso, essa frequência, por coincidência ou não, nas cadeiras de “Clínica”, bem como sua nota (média 9,0), na cadeira de Clínica Médica, me levam a acreditar que seja esse o

motivo de sua dedicação à clínica geral. Sua colação de grau em medicina ocorreu em 18 de dezembro de 1941. Na tabela 1.3.1 podemos observar melhor seu desempenho acadêmico, pois consta a realização de um exame final nas disciplinas nas quais a média foi igual ou inferior a 5,0. Com exceção da disciplina Clínica Cirúrgica, em 1940, em que sua média foi 6,0 e ele realizou um exame final, obtendo nota 7,0. Nas demais cadeiras é possível perceber que Antonio Garcia Filho foi muito bem sucedido, com destaque para Medicina Legal com média 9,33 e Clínica Médica com média 9,0. (HISTÓRICO ESCOLAR... 1936-1941).

Quadro 1: Relação das disciplinas e suas respectivas médias.

ANO	DISCIPLINA	MÉDIA	EXAME FINAL	FREQUÊNCIA/EQUIVALÊNCIA
1936	Anatomia	4,66	5,00	
	Histologia e Embriologia Geral	7,33		
	Média Anual	6,17		
1937	Química Fisiológica	7,33		
	Física Biológica	6,00		
	Fisiologia	7,00		
	Média Anual	6,78		
1938	Farmacologia	6,00		
	Patologia Geral	5,00	4,00	
	Microbiologia	4,66	9,00	
	Parasitologia	7,00		
	Média Anual	6,50		
1939	Técnica Operatória	7,33		Frequência em Clínicas Médica e Otorrinolaringológica
	Anatomia e Fisiologia Obstétrica	4,00	7,00	
	Clínica Dermatológica e Sifilográfica	7,00		
	Clínica Propedêutica Cirúrgica	7,33		
	Clínica Propedêutica Médica	8,00		
	Média Anual	7,33		
1940	Terapêutica Clínica	8,00		Frequência em Clínica Médica
	Higiene	7,00		
	Medicina Legal	9,33		
	Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas	8,66		
	Clínica Cirúrgica	6,00	7,00	
	Clínica Urológica	8,33		
	Média Anual	8,05		
1941	Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil	7,66		Frequência em Clínicas Ginecológica, Neurológica, Psiquiátrica e Cirúrgica
	Clínica Médica	9,00		
	Clínica Obstétrica	8,33		
	Média Anual	8,33		

Fonte: Histórico Escolar do Curso de Medicina de Antonio Garcia Filho, 1936-1941.

A figura 3, a seguir, minuta o momento em que a Faculdade de Medicina da Bahia lhe confere o Registro de Diploma de Médico, em dezembro de 1941, assegurando-lhe o direito de ministrar aulas no ensino superior, instituído conforme o Decreto nº 19.851, de 11 de Abril de 1931. A ementa do referido Decreto dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados. Em 1941, período de sua formação, Sergipe contava apenas com uma instituição de curso superior,

qual seja o Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus. Tal instituição, fundada em 1913, tinha dentre outras incumbências, a de formar os seus alunos bacharéis em Ciências Eclesiásticas, ou seja, o Seminário introduziu as chamadas Aulas Maiores, equivalentes, para a sociedade, ao curso superior. (BARRETO, 2004). A partir do ano de 1947, Sergipe acompanha o processo de desenvolvimento industrial e educacional e contempla a sociedade com duas faculdades, a de Ciências Econômicas de Sergipe e a Faculdade de Química de Sergipe, ambas em 1948.

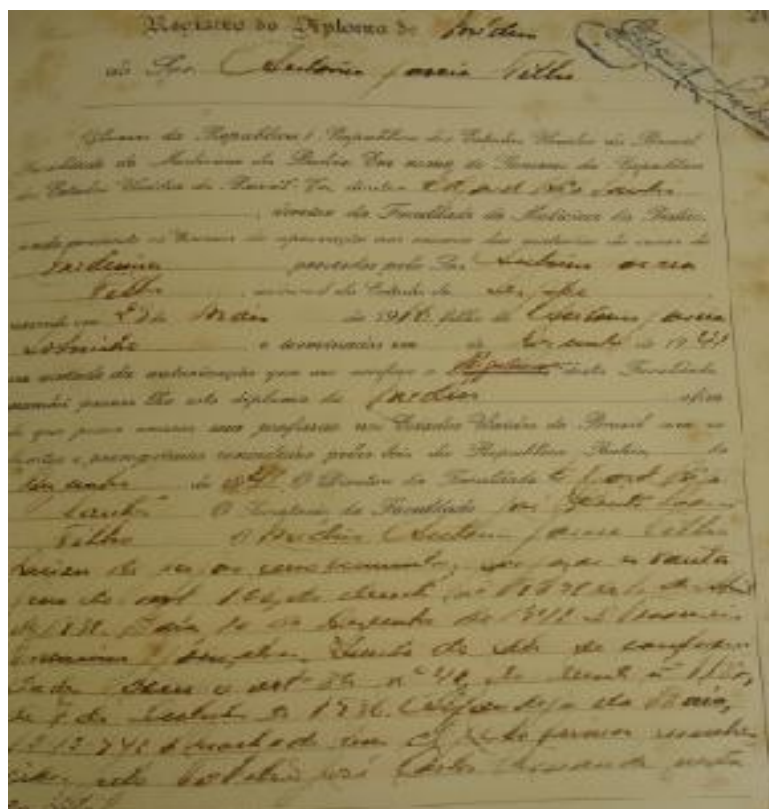


Figura 3 – Registro de Diploma de Antonio Garcia Filho, 1941.

Fonte: Acervo do antigo Memorial de Medicina da Bahia.

Em 1951, após a segunda Guerra Mundial, em meio ao clima de efervescência cultural e tecnológica, calcadas na modernidade, surgem a Faculdade de Direito de Sergipe e a Faculdade de Filosofia. Em 1956, aproveitando a época de investimento institucional e valorização intelectual, é criada a quinta faculdade isolada do Estado, a Faculdade de Serviço Social. E, por fim, completando o quadro do ensino superior em Sergipe, é implantada a Faculdade de Medicina, em 1961. No entanto, é a partir da fundação da Faculdade de Serviço Social que Antonio Garcia Filho ingressa no magistério, direito este conferido pelo Decreto nº

19.851/31, com o ensino da cadeira de Nutrição. Ao envolver-se com o ensino superior, descobriu em si a arte de ensinar.

No acervo do antigo “Memorial de Medicina da Bahia” encontrei alguns documentos relevantes para o desenvolvimento da presente pesquisa, a exemplo dos Livros de Teses, da Revista Gazeta Médica da Bahia e dos livros que compõem a “Memória Histórica” da Faculdade de Medicina da Bahia. Os dois primeiros documentos registravam a produção acadêmica e científica dos alunos do curso de medicina. A Gazeta Médica da Bahia (GMBahia), por exemplo, representa um autêntico patrimônio cultural para a História da Medicina do País, isso porque, durante a sua confecção (1866-1976), registrou em suas páginas conhecimentos, procedimentos e técnicas médicas pesquisadas e desenvolvidas por médicos e estudantes. Foi a primeira revista médica brasileira, estritamente voltada às publicações científicas⁷. Fundada por um grupo de sete médicos e pelo estudante de medicina Antonio Pacifico Pereira, a GMBahia é considerada um relicário, e, segundo Teixeira, “É a própria História de um longo período da Medicina do País, e também da vida de uma Sociedade, indistinta e incerta, que buscava afirmações com seus temores e conquistas”. (TEIXEIRA, 1984).

Com o nome de “Memória Histórica”, existem várias páginas escritas pelos estudantes de Medicina que tinham por objetivo o registro do cotidiano da referida faculdade. Tais registros perduraram de 1899 a 1926. Com o mesmo nome, existe a coletânea editada pelos professores da Faculdade. Essa, por sua vez, teve por objetivo registrar o histórico dos acontecimentos mais importantes da Faculdade de Medicina da Bahia nos respectivos períodos. Nela são assinalados todos os atos festivos ou tristes, as reuniões, os eventos acadêmicos, as homenagens, os destaques de obras científicas e literárias, a atuação de alguns alunos catedráticos, enfim, acontecimentos que compuseram aquela instituição e, por isso, ficariam registrados nas laudas da “Memória Histórica”.

O último livro foi escrito em 2008, pela professora e pesquisadora Eliane Elisa de Souza e Azevedo, quando a Faculdade de Medicina da Bahia completava seu bicentenário. Na obra, Azevedo fez o esboço histórico compreendendo o período de 1996 a 2007. A figura 4 faz

⁷ A GMBahia circulou regularmente entre 1866 e 1934, depois entre 1966 e 1972, com um número avulso em 1976. Em 1984, os professores Eurydice Pires de Sant'Anna (Escola de Biblioteconomia) e Rodolfo Teixeira (Faculdade de Medicina da Bahia) organizaram o índice cumulativo da GMBahia de 1866 a 1976, com a citação de todos os 3.870 trabalhos publicados naquele período. Mais recentemente, em 2002, foram digitalizados todos os trabalhos publicados até 1976 e alguns textos em livro-impresso, também pela Dra. Luciana Bastianelli da Gráfica CONTEXTO (Salvador, Bahia). Disponível em: <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia>. Acesso em: 13 de mai. de 2012.

parte da pesquisa de Azevedo, em que a mesma identifica todas as edições do “Memória Histórica”, desde o ano de 1899. Observei que, infelizmente, no período em que Antonio Garcia Filho trilhou pela Faculdade (1936-1941), existe uma lacuna. Depois da edição de 1924, a coleção “Memória Histórica”, foi editado um livro apenas em 1942, período em que a personagem aqui estudada já estava de volta a sua terra natal, com o título de médico. Tal fonte poderia trazer à tona o seu passado acadêmico, ajudando-nos a compreender sua atuação naquela instituição. Tal fato evidencia ainda mais a importância da constituição e da guarda dos documentos para o fazer historiográfico.

Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia - 1996-2007

Quadro 4 - Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia, 1854-2007, por ano, Autor e situação no acervo da FAMEB. (Continuação)

Nº.	Ano	Autor	Situação
46	1899	Prof. Francisco Bráulio Pereira	Não encontrada
47	1900	Prof. Alfredo Britto	Não encontrada
48	1901	Prof. Deocleciano Ramos	
49	1902	Prof. Anísio Circundes de Carvalho	
50	1903	Prof. João Tillemont Fontes	
51	1904	Prof. Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira	
52	1905	Prof. José Carneiro de Campos	
53	1906	Prof. Carlos Freitas	
54	1907	Prof. Antônio Pacheco Mendes	
55	1908	Prof. Augusto César Vianna	
56	1909	Prof. José Eduardo Freire de Carvalho Filho	
57	1910	Prof. Aurélio Rodrigues Vianna	
58	1911	Prof. Fortunato Augusto da Silva	
59	1912	Prof. Alfredo Ferreira de Magalhães	
60	1913	Prof. Antônio do Prado Valladares	
61	1914	Prof. Caio Octávio Ferreira de Moura	Manuscrita
62	1915	Prof. João Américo Garcez Fróes	Não encontrada
63	1924	Prof. Gonçalo Montiz Sodré de Aragão	
64	1942	Prof. Eduardo de Sá Oliveira	Livro Editado
65	1943-1995	Prof. Rodolfo dos Santos Teixeira	Livro Editado
66	1996-2007	Profa. Eliane Elisa de Souza e Azevedo	Presente Memória

Figura 4 – Tabela referente ao levantamento do acervo da coletânea “Memória Histórica”, de 1854 a 2007.

Fonte: Acervo do antigo Memorial de Medicina da Bahia (Foto: 2012).

Através de diálogo realizado com Francisca Vieira, em 23 de março de 2012, funcionária da Biblioteca e responsável pelo arquivamento de uma parte da documentação do antigo Memorial de Medicina da Bahia, conforme já mencionado, o Livro “Memória Histórica”, escrito pelos estudantes e que perdurou até 1926, “[...] era como um diário, onde o próprio aluno escreve sua rotina aqui nas dependências da faculdade”. O fato é que em virtude da “prática” não mais existir quando da presença de Antonio Garcia Filho no curso de Medicina, ele não escreveu

sua história no livro “Memória Histórica”. Tal livro nos ajudaria, talvez, a revelar, para além de seu cotidiano acadêmico, seus anseios, suas contendas, sua militância, suas emoções, sua erudição, enfim, nos permitiria passear por sua memória, abrindo caminhos para o encontro de algo novo. Ainda segundo Vieira (2012), também pelo mesmo motivo, o discente não defendeu sua Tese de conclusão de curso, como era designado até o ano de 1928, quando essa prática ainda vigorava. Ainda assim, vasculhamos, ela e eu, as prateleiras e caixas a procura de fontes que nos levassem a encontrar seu trabalho de conclusão de curso, porém, sem sucesso.

Sobre esse período da formação acadêmica Eduardo Garcia, afirma não ter registrado em sua memória a forma como se deu o trabalho de conclusão de curso do pai, apesar de rememorar muitos dos seus encontros com ele. Lembra, por exemplo, que o pai evocava os “bons tempos de acadêmico” e suas aventuras, ainda pelas veredas da Faculdade de Medicina da Bahia. Em entrevista realizada no dia 12 de maio de 2012, em sua própria residência, Eduardo Garcia esclarece que:

Na época dele não tinha tese, pelo menos que eu conheça, que eu saiba, [...]. Ele nunca mencionou esse trabalho, essa tese. Eu tenho a impressão que houve um vácuo no meio do caminho. Começou se exigindo o trabalho pra conclusão do Curso de Medicina, e depois, eu tenho a impressão, porque ele nunca citou esse trabalho dele. Eu nunca vi e ele nunca citou esse trabalho dele [...]. Tenho pra mim, que depois desse vácuo, eles retomaram a exigência desse trabalho, chamado Trabalho de Conclusão de Curso. [...]. Geralmente eu vejo por aí os médicos colocando no Currículo seu trabalho de conclusão, mas nunca vi o de meu pai e nem o currículo dele. (CONDE GARCIA, 2012).

1.4 Depois de formado... carreira, vinculações institucionais e atuação cultural

Já graduado em Medicina, voltou a Sergipe e começou a exercer a profissão de Médico na Rede Ferroviária Leste Brasileira⁸, em Aracaju. Naquela época residia em Laranjeiras,

⁸ A Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro (VFFLB) foi criada em 1935 durante o governo do presidente Getúlio Vargas, pela encampação da Compagnie de Chemins de Fer Fédéraux de l'Est Brésilien (CCFFEB), empresa de capital franco-belga que explorava as principais linhas férreas do Estado da Bahia. O primeiro trecho de ferrovia, partindo da cidade de Salvador, foi construído em 1860, chegando até Alagoinhas três anos depois. Em 1881, foi aberta uma nova linha de Alagoinhas para Timbó, no norte do estado da Bahia. Na sequência, a ferrovia atravessou a

onde também atuava como clínico geral, prestando seus serviços à população. Em 1945 precisou mudar-se para Aracaju para atuar como Clínico Geral e Diretor Clínico no Hospital Santa Isabel, além de fazer parte do corpo médico do Hospital de Cirurgia, a convite do também médico Augusto Leite. Como Clínico Geral do Hospital Santa Isabel, introduziu um novo método de anestesia com intubação traqueal, conhecimento esse adquirido durante um curso de especialização e de seu estágio no Serviço de Anestesia do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Segundo Nascimento (2000), estudos como esse lhe possibilitaram a publicação de trabalhos científicos, a exemplo do intitulado “Conduta Pré-anestésica na Criança”. Tal artigo foi publicado em 1957, na Gazeta Médica da Bahia.

Antonio Garcia Filho também se vinculou às instituições científicas, a exemplo da Comissão Científica da Associação Médica Brasileira. Participou também do Simpósio sobre Colecistite em Sergipe, foi ainda conferencista nas Jornadas Médicas do Hospital de Cirurgia e nas Jornadas Médicas das cidades de Propriá e de Penedo. (GARCIA FILHO, 1961-1962, p.45). Suas atuações na área científica lhe instigaram para a publicação de artigos na Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, centro do qual foi presidente. Tal Centro reunia a classe médica do Estado no intuito de discutir e aprofundar seus conhecimentos médicos. Embora não fosse encontrado o currículo compilado da nossa personagem, seu filho, Eduardo Garcia, afirma que:

Esses artigos foram publicados na Revista do Hospital de Cirurgia. Chama Revista do Centro de Estudo do Hospital Cirurgia. Já não existe mais, nem sei onde tem cópia disso. Porque o Hospital Cirurgia nessa época era um hospital muito organizado, com o Dr. Augusto Leite à frente e havia uma parte, uma cessão do Hospital Cirurgia, que chamava de Centro de Estudos, que era responsável por discutir os casos mais complicados, é... Os médicos se reuniam, apresentavam temas científicos, palestras científicas, muitos deles... e o Centro de Estudos mantinha uma revista pra publicar justamente os trabalhos dos médicos. Papai ali... publicou vários artigos, ali... em congressos de anestesia também. Agora infelizmente eu não tenho nada disso. Porque em congresso de anestesia, se publica os anais do congresso e normalmente só as pessoas que vão é que ficam com os anais e aí vai se perdendo. E não vai parar numa biblioteca que permaneça *ad eternum*, então é realmente uma fonte difícil de encontrar. (CONDE GARCIA, 2012).

No intuito de encontrar os artigos publicados por Antonio Garcia Filho na Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, vasculhei os arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Realizei o levantamento, conforme tabela a seguir, entre os anos de 1953 e 1963, período em que houve a publicação da Revista, segundo o levantamento e arquivamento do IHGS. Sua atuação vai desde o início da Revista, em 1953, até o ano de 1958. Além de ter sido Presidente do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, conforme já informado, foi ainda o Redator da Revista por dois anos. Acredito que, por estar envolvido na campanha política do irmão, em 1958-1959, Antonio Garcia Filho não tenha se dedicado às produções científicas.

Quadro 2: Levantamento da produção científica de Antonio Garcia Filho, na Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia.

SUPORTE	TIPOLOGIA	TÍTULO-ASSUNTO DA PRODUÇÃO	PÁGINA	REFERÊNCIA	OBSERVAÇÃO
Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	Artigo	Dietas para operados no Hospital de Cirurgia	135-147	vol. 1, Jul-Ago, de 1953, N°4	
	Artigo	Valor e importância do 'Coeficiente neutrófilo de não segmentados' nas infecções	228-237	Vol. 1, Nov-Dez de 1953, N°6	
	Resumo	Comentário do Estatuto do Centro de Estudo do Hospital de Cirurgia	-	-	Documento não encontrado. Apenas citado no Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia
	Resumo	Comentário-Resumo do Simpósio sobre Colecistopatias crônicas	279-286	Vol. 2, Nov-Dez de 1954, N°6	
	Resumo	Movimento clínico do Hospital de Cirurgia do ano de 1956	153-156	Vol. 4, Nov-Dez de 1956, N°5	Este ano Antonio Garcia Filho foi um dos Redatores da Revista
	Discurso	Discurso pronunciado na inauguração do Busto do Dr. Augusto César Leite, no Hospital de Cirurgia	27-29	Vol. 5, Mar-Abr de 1957, N°2	Este ano Antonio Garcia Filho foi um dos Redatores da Revista
	Artigo	Apontamento de um Congresso Médico - O V de anestesiologia	131-147	Vol. 7, Mar-Dez de 1958, N°2 a 6	
	Noticiário	Considerações em torno do Leucograma	161	Vol. 7, Mar-Dez de 1958, N°2 a 6	Os noticiários não foram encontrados na íntegra, apenas foram citados no sumário.
	Noticiário	Homenagem ao Dr. Waldir Andrade	161	Vol. 7, Mar-Dez de 1958, N°2 a 6	
	Noticiário	Primeiras observações no emprêgo da Hidergina (?)	162	Vol. 7, Mar-Dez de 1958, N°2 a 6	
	Noticiário	Noções sobre equilíbrio Hidro-Sanin - no adulto	162	Vol. 7, Mar-Dez de 1958, N°2 a 6	

Fonte: Acervo do IHGS

A figura 5 registra o referido Simpósio sobre Colecistite que ocorreu no dia 10 de janeiro de 1954, no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia. O evento contou com a participação de membros da Associação Baiana de Medicina. Composto a mesa, da esquerda para direita, estavam o Dr. Walter Cardoso, médico sergipano; o Dr. Macedo Costa, médico baiano; o Dr. Antonio Garcia Filho, na condição de simposiarca; o Dr. Adriano Pandé, também baiano e o Dr. Aloísio Andrade, médico sergipano.



Figura 5: Antonio Garcia Filho (no centro) no Simpósio sobre Colescistopatias crônicas.
Fonte: ITBEC. (Foto: 1954)

O objetivo de aprofundar-se nas Ciências Médicas era, junto com o de outros colegas, para trazer maior segurança ao ato cirúrgico, já que os serviços médicos em Aracaju, segundo Silva (2006), ainda se encontravam em condições precárias, principalmente os do Hospital Santa Isabel, que não apresentava boas condições higiênicas de funcionamento, e não dotava de aparelhagem, equipamentos e infra-estrutura adequados e condizentes para prestar os serviços médicos aos enfermos. Sobre seus relacionamentos profissionais e especialização, Nascimento (2000) complementa:

A partir de 1959, começou a tomar parte com maior frequência de conclaves internacionais voltados para a área médica, mantendo estreito relacionamento com cientistas do Velho e do Novo Mundo, entre os quais: Max Sadowe, Siney Orth, Paulo Bittencourt e Cecil Gray. Na área médica, especializou-se, também, em Reabilitação e Coordenação Motora, cujos estudos aplicou no Centro de Reabilitação Ninota Garcia, inaugurado quando exercia o cargo de Secretário de Educação, Cultura e Saúde, no Governo de Luiz Garcia. (NASCIMENTO, 2000, p.158).

Além de sua atuação na área da saúde, Antonio Garcia Filho ainda se dedicava às atividades de comunicação e de cunho literário, atuando nos jornais de Sergipe. Dirigiu o Correio de Aracaju e a Gazeta Socialista (1948, 1951 e 1952), além de ter colaborado com os jornais O Nordeste e A Cruzada, tornando-se, por isso, membro da Associação Sergipana de Imprensa. Escreveu também para várias edições da Revista da Academia Sergipana de Letras e para Revista Sergipana de Cultura, como revelam as tabelas a seguir. Para as análises, adotei como parâmetro

para as amostras, os anos de 1960 a 1963 e pesquisei nos jornais A Cruzada e Sergipe Jornal, este último sem vestígios de produção. Para os anos de 1961 a 1999 pesquisei as obras de sua autoria publicadas nas Revistas da Academia Sergipana de Letras, bem como na Revista de Cultura Sergipana, publicadas nos anos de 1977 e 1978.

Quadro 3: Levantamento das produções de Antonio Garcia Filho no Jornal “A Cruzada” (1960-1963).

SUPORTE	FONTE	TÍTULO-ASSUNTO DA PRODUÇÃO	PÁGINA	REFERÊNCIA	OBSERVAÇÃO
A CRUZADA	Poesia	A Sala (do Clube Sergipano de Poesia)	4	Ano XXV, nº 1.127, 30 de janeiro de 1960	
	Matéria jornalística	Entrevista de AGF acerca da FMS e apresentação do Dr Isqueto Laguna como professor da FMS	1	Ano XXV, nº 1.194, 25 de março de 1961	
	Matéria jornalística	Entrevista sobre seleção de professores para o Ateneu Sergipe	1	Ano XXV, nº 1.192, 11 de março de 1961	
	Matéria jornalística	Matéria sobre paralisia infantil - AGF, Secretário de Educação, Cultura e Saúde	1	Ano XXVI, nº 1343, 31 de março de 1962	
	Matéria jornalística	Entrevista de AGF acerca do primeiro Encontro sobre Reabilitação, em Recife, e inauguração sobre o CRNG.	1	Ano XXVI, nº 1338, 27 de janeiro de 1962.	

Fonte: Acervo do ITBEC

Quadro 4: Levantamento das produções em “Um pensamento na praça” de Antonio Garcia Filho, 1960.

SUPORTE	TIPOLOGIA	TÍTULO-ASSUNTO DA PRODUÇÃO	PÁGINA	REFERÊNCIA	OBSERVAÇÃO
Um pensamento na praça	Peça Teatral	Um pensamento na praça (1959)	9 a 27	GARCIA FILHO, Antonio. Um pensamento na praça. Aracaju: Fundação Augusto Franco, 1960.	(Peça em um ato e 3 cenas)
	Homenagem biográfica	Fortes (Carlos Garcia) (s/d)	35 a 37		
	Homenagem biográfica	Augusto Leite (s/d)	38 a 45		
	Homenagem biográfica	Abdias Bezerra (s/d)	46 a 49		
	Homenagem biográfica	Gilberto Freyre (s/d)	50 a 54		
	Homenagem biográfica	Fernando Sampaio (1975)	56 a 57		
	Homenagem biográfica	Canuto Garcia Moreno (s/d)	58 a 62		
	Homenagem biográfica	Garcia Rosa (s/d)	63 a 72		
	Artigo	Aspectos da vida literária de Tobias Barreto (s/d)	73 a 88		
	Homenagem biográfica	Jessé Fontes (s/d)	89 a 92		
	Homenagem biográfica	José de Dome (s/d)	93 a 96		
	Homenagem biográfica	Hunald Alencar (s/d)	97 a 102		
	Homenagem biográfica	Fernando Porto e Aracaju nascente (s/d)	103 a 104		
	Homenagem biográfica	Gilvan Rocha (1980)	105 a 112		
	Homenagem biográfica	José Sampaio (s/d)	113 a 116		
	Homenagem biográfica	Luiz Carlos Fontes de Alencar (s/d)	117 a 120		
	Homenagem biográfica	Walter Cardoso (s/d)	121 a 132		
	Homenagem biográfica	Pires Wynne - Memorialista (s/d)	133 a 138		
	Artigo	A Faculdade de Medicina de Sergipe (s/d)	139 a 148		
	Artigo	O Folclore (s/d)	149 a 152		
	Artigo	Primeiro Encontro (s/d)	153 a 156		
	Artigo	Segundo Encontro (s/d)	157 a 158		
	Artigo	Terceiro Encontro (s/d)	159 a 162		
	Artigo	Quarto Encontro (s/d)	164 a 167		
	Artigo	Presença de Vilela (s/d)	168 a 171		
	Poema	Masslore (s/d)	172 a 177		Atraves do poema discute o conceito de Masslore como "a sabedoria da massa"
	Artigo	Primeiras manifestações românticas em Sergipe (s/d)	178 a 187		
	Artigo	Reflexão do Natal (s/d)	188 a 192		

Fonte: Acervo do ITBEC

Quadro 5: Levantamento das produções em “A reabilitação em Sergipe”, de Antonio Garcia Filho, 1966.

SUPORTE	TIPOLOGIA	TÍTULO-ASSUNTO DA PRODUÇÃO	PÁGINA	REFERÊNCIA	OBSERVAÇÃO
A reabilitação em Sergipe	Poema	Balada da reabilitação	19	GARCIA FILHO, Antonio. A Reabilitação em Sergipe. Aracaju: Gráfica Aracaju, 1966.	Poema em homenagem as crianças deficientes
	Sub-item	Reabilitação e saúde pública			
	Sub-item	Educação e reabilitação			
	Sub-item	Centro de Reabilitação "Ninota Garcia"			
	Ofícios	Manifestações honrosas			
	Sub-item	Considerações em torno das sequelas beneficiadas pela reabilitação			
	Sub-item	O problema dos retardados mentais			
	Sub-item	Dados estatísticos do Setor Técnico			
	Sub-item	Dados estatísticos do Setor educacional			

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dórea

Quadro 6: Levantamento das produções na Revista da ASL (1961-1999).

SUPORTE	TIPOLOGIA	TÍTULO-ASSUNTO DA PRODUÇÃO	PÁGINA	REFERÊNCIA	OBSERVAÇÃO
Revista da Academia Sergipana de Letras	Discurso	Discurso de posse de Antonio Garcia Filho	43-51	nº 21/22. Ano: 1961-1962	
	Canção	Mancha no Mar	52-66	nº 21/22. Ano: 1961-1962	Canções de AGF citado por J. Freire Ribeiro no Discurso de recepção de AGF.
	Canção	Pesca do Maçunim			
	Canção	Velha Ponte			
	Canção	Musa Branca			
	Canção	Injustiçada			
	Canção	Momento Valsa			
	Canção	O menino além			
	Canção	Trovas			
	Homenagem	Homenagem a Jordão	219-223	nº 28. Set. 1981	
	Discurso	Discurso de Antonio Garcia Filho no centenário do Dr. Jessé de Andrade Fontes	73-76	nº 29. Set. 1984	Nesse ano AGF foi Presidente da ASL e fez parte do Conselho redacional da Revista da ASL.
	Poesia	Masslore	132	nº 31. Set. 1994	Nesse ano AGF foi Presidente da ASL.
	Poesia	O preço da liberdade	132		
	Artigo	Cacau - o impacto	143-146		
	Discurso	Discurso de homenagem ao professor Abdias Bezerra pelo transcurso do seu centenário de nascimento.	37-40	nº 33. Nov. 1997	Nesse ano AGF foi Presidente da ASL.
	Poema	Como um ramo adventício	61	O Sodalício - 70 Anos. 1999	Nesse ano AGF foi Presidente da ASL.
	Poema	Sons de outrora	62		
	Poema	A bandeira	63		
	Poema	Beleza pura	64		
	Poema	Tempo - Rio	65		
	Poema	Princesa do Congo	66		
	Poema	Espiral	67		
	Poema	Estrelas	68		

Fonte: Acervo do ITBEC

Quadro 7: Levantamento das produções na Revista de Cultura Sergipana (1977-1978).

SUPORTE	TIPOLOGIA	TÍTULO-ASSUNTO DA PRODUÇÃO	PÁGINA	REFERÊNCIA	OBSERVAÇÃO
Revista de Cultura Sergipana	Oração	Oração do Presidente do Conselho Estadual de Cultura no I Encontro Cultural de Laranjeiras	29-31	Ano 1, Jan. 1977, Vol. I, N°1	Diretor da Revista
	Discurso	Fala do Presidente do Conselho Estadual de Cultura, na abertura do II Encontro Cultural de Laranjeiras	49-50	Ano 4, Jan. 1978, Vol. I, N°3	Diretor da Revista

Fonte: Acervo do IHGS

Talvez sua aptidão para atuação em atividades de comunicação tenha aflorado muito cedo, ainda na infância, nos embalos das brincadeiras. Quando criança, como já foi citado, brincava de fazer jornais e distribuí-los em uma pequena cidade, feita por ele mesmo, de tijolo, barro e madeira. Assim foi sua infância em terras rosarenses, de muita imaginação e criação. Mais tarde, já moço e em Aracaju, sente a emoção em preparar um jornal impresso, um jornal para além da ficção. É assim que ele narra esse período, na entrevista ao jornalista Osmário Santos:

No tempo do Atheneu, fizemos um jornal de verdade. Eu, mano Carlos e dois primos que eram tipógrafos (João e José Dantas Lima) compúnhamos a Voz de Sergipe nas Oficinas do Centro Operário Sergipano. Nesta ocasião, deu-se um desastre com a minha mão esquerda impressada na máquina, que ainda hoje mantém uma feia cicatriz. (SANTOS, 2002, p. 115).

Suas publicações em jornais e revistas foram compostas por poemas, excertos, homenagens, pronunciamentos, discursos e artigos, dentre as quais, grande parte voltada para a trajetória de alguns de seus amigos, como foi o caso de Fernando Sampaio, Canuto Garcia Moreno, Garcia Rosa, dentre outros. Nas entrelinhas de seus excertos percebi o quão ele valorizava suas amizades, compondo o perfil de seus amigos e narrando desde o momento em que os conheceu. Seus escritos obedeciam a uma sequência cronológica, além de serem ricos de citações de grandes personalidades, a exemplo de Shakespeare, de Castro Alves, de Olavo Bilac e de Camões. Foi no intuito de compreender suas ideologias veiculadas através de suas atuações em instituições, que fiz o levantamento de suas produções.

Com o mesmo afã que escreveu, ajudou a fundar, no início da década de 1950, a Sociedade de Cultura Franco-Brasileira, de cujo comitê foi presidente. Foi ainda Presidente de Honra do Clube de Imprensa, Rádio, Letras e Artes Plásticas de Sergipe. Foi membro e Presidente do Lions Clube Atalaia e da Liga Universitária Católica (LUC). Nessa última entidade, Antonio Garcia Filho desempenhou importante papel, enquanto membro e presidente, entre as décadas de 1960 e 1970. A LUC foi uma entidade criada pelo bispo Dom Fernando Gomes para levar a doutrina da Igreja para perto da camada popular, ou seja, aumentar a ação social da Igreja através de uma pastoral mais ligada aos pobres. Seus membros eram formados por médicos, por advogados e por bacharéis em direito, a exemplo dos médicos, Oswaldo Leite, Oswaldo de Souza, Fernando Sampaio e Garcia Moreno, e dos bacharéis em Direito, Manoel Cabral Machado e José Amado Nascimento. Vinculada à LUC, havia a Juventude Universidade Católica (JUC), formada pelos universitários e coordenados pelo então Padre Luciano Cabral Duarte. A Juventude Estudantil Católica (JEC) também se vinculou. (CONDE GARCIA, 2012). Eduardo Garcia, durante a entrevista, relembra:

Papai era Católico Apostólico Romano. E ele era um católico, tipo assim, de estudo de catolicismo. [...] eu participei da JEC. Meu Pai era da LUC. E a LUC tinha o papel, não só de... digamos assim, de promover estratégias para a pastoral da igreja, pastoral social da igreja, como também para fazer divulgação, isto é, como eram intelectuais da terra, divulgarem um pensamento católico. Pra isso a igreja tinha um jornal, A Cruzada. Mantinham o jornal A Cruzada onde eles todos escreviam em A Cruzada. (CONDE GARCIA, 2012).

Foi eleito o orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Segundo Machado (1986), era considerado um orador expressivo, se destacando por sua erudição e conquistando o público com a sua habilidade retórica, declamando versos em seus discursos, na maioria das vezes, de seus próprios poemas e excertos. Fato que explica os diversos convites para fazer discursos, homenagens e saudações na Academia Sergipana de Letras, para a qual foi eleito em 1961, como representa a figura 6, em que Antonio Garcia Filho saúda o poeta sergipano Hunald Alencar, quando da posse da cadeira de nº 10. Seu discurso poético e por isso envolvente, dá as boas vindas ao poeta sergipano:

Assim, nós, acadêmicos, recebemos-te poeta Hunald Alencar, já amadurecido na arte de poetar, apesar da pouca idade, tratando um poema como um ser, ao seu modo, que tem uma função na comunidade das Letras. [...]. A tua poesia ultrapassa os próprios limites do poema já por si só de horizontes desdobráveis, para atingir outras formas da manifestação literária. [...] Contigo, Hunald, apego-me a Goethe, quando Fausta, na última fase da Redenção, é recebido pelos anjos que cantam em coro: 'E se lhe houvera haurir de cima/Do amor a graça infinda,/Dele a suma hoste se aproxima/com franca boa-vinda'. Assim te recebemos, poeta Hunald Alencar, 'com franca boa-vinda' (GARCIA FILHO, 1984, p.98, 101, 102).



Figura 6 - Foto de Antonio Garcia Filho em saudação ao poeta Hunald Alencar, na Academia Sergipana de Letras. (1984)

Fonte: Acervo do ITBEC

Antonio Garcia Filho carregava em suas veias o lado poético da vida. Como sujeito eclético, buscava fazer seus poemas de forma objetiva, sem os exageros românticos. Defendia, no entanto, que “[...] a musicalidade natural do verso é requinte qualificado de arte poética”. (GARCIA FILHO, 1961, p.48). Versava sobre diversos temas, porém, em grande parte de sua produção percebi que aflora o interesse e a valorização pelo humanismo, pelo amor, pela família, pela religião, pela Pátria, pela liberdade e pelas belezas naturais. Já em seus discursos, homenagens e excertos, percebi, em boa parte, aspectos que nos levam a refletir acerca dos problemas sociais e econômicos pelos quais Sergipe passava naquela época. Era uma maneira de veicular suas ideologias, seus ideais, seus pensamentos, de modo que os podemos tomar como um instrumento para compreender suas ações voltadas para o campo político e social. Como exemplo, podemos expor um trecho de seu discurso na Academia Sergipana de Letras em comemoração ao centenário do médico Jessé de Andrade Fontes:

O rio Piauitinga a cantar entre as pedras, aliviando o trabalho das lavadeiras e vestindo de água límpida o corpo moreno das moças. E o operário a seguir na luta inexorável do dia-a-dia para o trabalho nas Fábricas. Estância é a cativante princesa que se debruça nos balcões de seus sobrados, orgulhosa de uma beleza jovem, no rumor ordenado de sua vida econômica, política e social. (GARCIA FILHO, 1984, p.73).

Embora o médico Jessé de Andrade Fontes tenha nascido em Arauá/SE, foi em Estância/SE que teve atuação de destaque na vida social e cultural da cidade. Foi lá que, em 1904, estabeleceu sua clínica médica, atuou como Diretor do Hospital Amparo de Maria e também como professor de vários colégios estancianos (SANTANA *et al.*, 2009). Por isso que, na alocução acima proferida por Antonio Garcia Filho, ele descreve e valoriza o cotidiano dos trabalhadores da cidade de Estância, sem deixar de lado seu viés poético.

Antonio Garcia Filho foi ainda um homem que se destacou por sua expressividade e participação social ativa em diversas instituições. As vinculações com instituições científicas, com entidades de cultura e órgãos da Igreja, nos permitem visualizar um perfil multifacetado de um sujeito de conhecimento epistêmico, contribuindo assim para a reprodução de um capital cultural. É possível ainda que as relações sociais, a participação e atuação de Antonio Garcia Filho nas referidas instituições e entidades, tenham possibilitado a ele reputação e prestígio, além

da oportunidade de difundir suas ideologias, pois, conforme afirma Sirinelli (1996, p.248) “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes [...]”.

As relações sociais e/ou o capital social construído pelo ator social Antonio Garcia Filho possibilitou sua inclusão em um determinado grupo de pertencimento. Para que tal fato ocorresse, foi necessário que os indivíduos ou atores sociais desse grupo partilhassem das mesmas ideologias, sejam elas voltadas para os meios sociais, políticos e/ou culturais. Foi assim que Antonio Garcia Filho pertenceu ao grupo dos médicos, ao grupo dos políticos, ao grupo dos professores e conseqüentemente ao grupo dos “intelectuais”. Apesar de estarem atadas por um mesmo sistema de ideias, valores e costumes, essas organizações dos indivíduos, por vezes, também dificultavam a incorporação de um sentimento de pertencimento maior, como foi, por exemplo, a disputa para a entrada na Academia Sergipana de Letras, entre ele e o poeta José Santos Souza. A eleição ficou marcada não somente pela competitividade entre ambos por um lugar de distinção na sociedade cultural, mas também pela divisão do grupo que o fato provocou, posto que o interesse individual começa a sobrepujar o interesse coletivo.

1.5 O político, o escritor e o agente cultural: três, das muitas faces de um homem engajado

A história dos intelectuais tornou assim,
em poucos anos, um campo histórico
autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo,
é um campo aberto situado no cruzamento
das histórias política, social e cultural.

(SIRINELLI, 1996, p.232)

O intelectual engajado, segundo Sirinelli (1996), deve ser entendido a partir de seu engajamento no campo político, no campo social e no campo cultural, ou seja, no campo da produção do conhecimento, inseparavelmente. Assim, um intelectual engajado é tanto aquele que escreve, quanto aquele que atua no sentido de produzir e difundir um conhecimento. Nesse sentido, como sujeito multifacetado, Antonio Garcia Filho deixou marcas no campo educacional, político e cultural, o que evidencia, sobremaneira, seu viés de intelectual engajado. No campo político, foi partidário do Partido Socialista Brasileiro (PSB), pelo qual se elegeu vereador de

Aracaju, em 1947, período de grandes mudanças no cenário político e econômico do Estado. Nesse cenário, iam-se esquematizando novas tendências, a exemplo das articulações políticas marcadas pela disputa entre o Partido Socialista Democrático (PSD) versus União Democrática Nacional (UDN); a coligação do Partido Republicano (PR), antes aliado à UDN, com o PSD; e, a aliança do Partido Comunista Brasileiro (PCB) com a UDN, foram acontecimentos que marcaram e redefiniram a estrutura política do Estado. Ibarê Dantas (2004) perscruta o quadro político e econômico da década de 1947 e afirma que:

O regime autoritário era substituído pelo liberal-democrático. O governo central diminuía o nível de ingerência na política interna. O índice de votantes aumentava consideravelmente. As massas urbanas passavam a influir de forma mais decisiva no processo eleitoral. Num momento em que o número de senhores de açúcar já se achava bastante reduzido, os pecuaristas ascendiam com muito animo ocupando o cenário, influenciando na vida partidária. O pluripartidarismo, que se ensaiou nos anos 1933/35, voltava com maior rigor. A dominação interna mais do que nunca passava a ser definida pela competição partidária local. (DANTAS, 2004, p. 121).

Ainda enveredando pelas searas políticas, Antonio Garcia Filho foi também o primeiro Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe (1959-1962) no governo de Luiz Garcia (1959-1962). Foi um período em que a conjuntura política passava por instabilidades em virtude, por exemplo, da perda de terreno para a aliança PSD-PTB e da divisão dos partidos em blocos suprapartidários. Apesar desse quadro conturbado, o transcurso do governo de Luiz Garcia foi voltado para uma orientação desenvolvimentista e de uma relação amistosa com os trabalhadores urbanos. (DANTAS, 2004). Eduardo Conde Garcia envereda, durante a entrevista, pelo transcurso do governo de Luiz Garcia e tece acerca das mudanças ocorridas durante seu mandato. Para ele o governo foi

Uma revolução na história política da sociedade Sergipana. Porque a sociedade sergipana era como se fosse uma fazenda, cheia de donos e os donos eram os fazendeiros mesmos. Isso aqui era uma fazenda de porta, de porteira fechada. Então a aristocracia rural se servia dos poderes para manter a aristocracia rural. Então o poder tava nas mãos dos aristocratas rurais. Luiz Garcia rompe com essa tradição, de que o poder só podia ser concedido ao dono da terra, Luiz Garcia é filho de um exator estadual de classe média baixa e que vem e chega a Governador do Estado. É a ascensão da classe média ao governo do Estado de

Sergipe, a possibilidade de dizer que não é assim que faz política. Se faz com ideais, com a luta, com a confiança pública e que essa confiança pública não pode ser comprada com dinheiro. Eu acho que a ascensão de Luiz Garcia ao governo é muito mais de que uma eleição de governador é o resgate da cidadania da classe média e da classe média urbana que não tinha direito de falar e Luiz Garcia, diferentemente do governo anterior, alias até a quem Luiz Garcia seguia, que era o Dr. Leandro Maciel, mas Luiz Garcia fez um governo completamente distinto do de Leandro Maciel. [...]. Foi um governo que trouxe paz. Luiz Garcia não foi governo de perseguição, de perseguir ninguém, foi um governo de ajudar, de trazer tranquilidade para o Estado de Sergipe. (CONDE GARCIA, 2012).

A administração do governo de Luiz Garcia revelou-se modernizadora, em virtude da política desenvolvimentista, através do incentivo à industrialização e do investimento em instituições educativas. “Luiz amoldou-se ao capitalismo, adotando um liberalismo moderado, distanciando-se tanto das práticas entreguistas quanto do combate fanático ao comunismo” (DANTAS, 2004, p.134). Seu comportamento, oscilando entre o conservadorismo e a modernização social, proporcionou ao Estado um desenvolvimento econômico, educacional e cultural, com a criação, por exemplo, de alguns órgãos importantes para o Estado, qual seja, o Conselho de Desenvolvimento de Sergipe (Condese), o Banco do Fomento Econômico de Sergipe e a Energipe. Estruturou também o Instituto de Previdência do Estado de Sergipe (IPES); criou o Centro de Reabilitação; criou a Secretaria de Educação, Cultura e Saúde; promoveu a construção de um hotel amplo e moderno, o Hotel Pálace, ampliou o aeroporto e promoveu a construção de rodovias; deu continuidade aos trabalhos de ampliação dos serviços hidráulicos e de energia; apoiou a criação da Faculdade de Medicina; incentivou escritores e artistas, contribuindo para o enriquecimento do movimento cultural do Estado; dentre outras obras. (DANTAS, 2004).



Figura 7 - Foto de Antonio Garcia Filho sendo empossado Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe, em 1959.

Fonte: Acervo do ITBEC

A figura 7 revela o dia da posse de Antonio Garcia Filho como Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe que, junto com o jornalista e cunhado Junot Silveira, Secretário particular do Governador, fundou, em 05 de março de 1960, o Museu Histórico de Sergipe. Tal entidade foi instalada no antigo Palácio Provincial localizado na cidade de São Cristóvão. Trata-se de um museu eminentemente eclético e de grande valor para a história sergipana em virtude da diversidade de peças e obras, sendo que a maioria delas está ligada ao período do Brasil Império. Ainda no ramo cultural, fundou o Clube Sergipano de Poesia (CESPO), uma sociedade civil de caráter literário e que tinha por objetivo promover a divulgação, o estudo e o debate da poesia. Para tanto, contou com o apoio de colegas do meio artístico, a exemplo de Clodoaldo Alencar, Freire Ribeiro, Josué Silva e Pires Wynne. Participou também do grupo musical “Velha Guarda”, tendo como integrantes os violonistas: João Moreira, João Pires Argolo, José Carvalho, Macepa e Ursicino Fontes de Araújo Góes, ao lado dos cantores: Dão, Jaci Menezes, Moraes e outros. Nessa área, ainda foi membro do grupo Coral Madrigal, da Universidade Federal de Sergipe. (CONDE GARCIA, 2008). Culto e portador de um espírito literário e cultural, Antonio Garcia Filho “possuía dotes de bom cantor e alegrava as

reuniões familiares e entre amigos”, afirmou seu sobrinho Domingues Garcia (2011, p.89). Nesse mesmo sentido, Cabral Machado, amigo de Antonio Garcia, rende-lhe homenagem no Jornal da Cidade, em 1986, afirmando:

Alma boêmia, gosta de noites tardas com amigos, em comes e bebes sóbrios, na palavra ou no canto, inclusive adorando treinar com sua voz firme de mezzo-tenor, marcadas pelos acordes dos violões. E assim, recria as melodias que compõem para seus versos os que lhe sensibilizam a alma. (MACHADO, 1986, p.51).

Antonio Garcia Filho também foi escritor. Publicou dois livros. O primeiro é “Um Pensamento na Praça”, de 1960. Na primeira parte da obra, o autor transcorre acerca de uma peça teatral “[...] realmente impressionante, forjada sob o calor da fecunda imaginação [...]”, conforme afirma seu amigo José Augusto Garcez (1960), no prefácio da obra. Na segunda parte o autor reúne excertos de pronunciamentos e trabalhos sobre personalidades sergipanas e, principalmente, de seus amigos, a exemplo do Augusto Leite, Abdias Bezerra, Gilberto Freyre, Fernando Sampaio e Canuto Garcia Moreno. Traz a tona ainda aspectos da vida literária de Tobias Barreto; da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe; de alguns dos Encontros Culturais de Laranjeiras, realizado com o apoio profícuo do amigo Luiz Antonio Barreto; e, finaliza sua obra com uma “Reflexão sobre o Natal”, enveredando desde a divindade até a humanidade, e ressaltando a importância que a Igreja Católica tem ao incutir, nos cristãos, a fé, a esperança e a caridade.



Figura 8 - Antonio Garcia Filho (de perfil), ao lado dos amigos, Gilberto Freyre e Luiz Antonio Barreto (da esquerda para direita). (s/d)

Fonte: Acervo do ITBEC

Em sua segunda obra, publicada em 1966, “A Reabilitação em Sergipe”, ele enfoca a criação, os propósitos e o funcionamento do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”⁹, uma instituição educativa voltada para uma proposta educacional de indivíduos deficientes e para os ditos “normais”, além da preparação desses para o mercado de trabalho. No livro, ele deixa claro que a instituição foi criada, fundada e administrada por ele, quando ocupou o cargo de Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe. No texto abaixo, a sua “apresentação” do livro, fica clara a sua visão acerca da importância do tratamento do deficiente em consonância com a medicina.

Vejam e leiam estas páginas. Elas contam um pouco da verdade teológica no campo temporal, e a ciência que daqui emerge cumpre *mutatis mutandis*, em ângulo humano, algumas previsões do evangelho, que nem sempre são exclusivamente apocalípticas ou estabelecidas para o plano estritamente espiritual:

OS MUDOS FALAM
OS SURDOS OUVEM

⁹ A instituição foi denominada “Centro de Reabilitação Ninota Garcia”, em homenagem à esposa do governador Luiz Garcia. Seu verdadeiro nome era Maria Emília Garcia, mas era conhecida como “Ninota Garcia”.

OS COXOS ANDAM

OS CEGOS VÊEM

Não como um milagre ou um passe de mágica.

Porém com o esforço cotidiano e a paciência, a ciência e o labor, a técnica e a persistência. (GARCIA FILHO, 1966, p. 11).

O viés religioso fica claro em seu argumento quando afirma a importância da combinação teológica, ou seja, a fé, com a ciência, no sentido de alcançar bons resultados no tratamento dos deficientes. Apesar de acreditar que as atuações e as práticas assistenciais podem ser influenciadas pelo viés religioso, Antonio Garcia Filho, enquanto Católico Apostólico Romano, sempre demonstrou preocupação com o próximo através de suas ações, principalmente quando estas eram voltadas para a população carente do Estado. Talvez esse atributo constitua uma das marcas mais distintas na fundação do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, quando pretendeu oferecer não apenas a educação para aqueles deficientes, mas também um tratamento de reabilitação calcado, para a época, em métodos modernos, e na capacitação profissional para inseri-los no meio social. Talvez, ainda, isso nos revele a simbiose entre o “criador” e a “criatura”.

As obras de Antonio Garcia Filho são dotadas de grande versatilidade criativa e literária. Difícil traçar seu perfil de escritor, pois, ao ver e entrever suas obras, seus excertos, seus discursos e homenagens, percebemos que derrama nas letras, sentimentos, aspirações e frustrações, sem a preocupação com a estética, estrutura e forma. Alguns escritos, regidos pelo conhecimento científico e pela sabedoria, nos instigam a refletir acerca de temas atuais para aquela época, provocando-nos inquietações e indagações. Como exemplo, trago à tona um parágrafo do seu discurso de posse, em agosto de 1961, na Academia Sergipana de Letras, ocupando a cadeira nº 1, cujo patrono foi Tobias Barreto:

Estamos na fase da Revolução científico-industrial em que o átomo é fissurado, a máquina substitui o próprio homem nos avanços da cibernética e os espaços são pesquisados. Se um novo mundo está a surgir, novas relações e novo comportamento serão consequentes, sem falar no tempo disponível para o aprimoramento dos espíritos que as jornadas mais reduzidas de trabalho e a vida mais longa proporcionam ao homem. (GARCIA FILHO, 1962, p.43).

Dotado de um saber literário, mas, sobretudo científico, Antonio Garcia Filho foi também Presidente da Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE), no período de 1960 a 1962 e um dos fundadores do Conselho Regional de Medicina desse Estado. Também esteve entre os fundadores da UNIMED¹⁰ e ainda participou da fundação da Sociedade de Anestesiologia do Estado de Sergipe (SAESE). Quanto à fundação da UNIMED, no próprio site dessa entidade, é possível encontrar uma homenagem aos seus fundadores, ressaltando a atuação e persistência de Antonio Garcia Filho na realização de seus ideais:

Vinte pessoas era o número exigido para se criar uma cooperativa e naquela memorável noite, na sede da Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE), seus fundadores assinaram a histórica ata. Registre-se um fato notável: a presença de dois médicos consagrados, professores da Faculdade de Medicina, que acreditaram nas idéias do cooperativismo e emprestaram os seus nomes para o prestígio da entidade. São eles: Antonio Garcia Filho e José Maria Rodrigues Santos. A presença deles nesse movimento, entretanto, não era de se surpreender. Garcia e Zé Maria sempre tiveram posições de vanguarda na sociedade médica de Sergipe. A participação dos dois no grupo fundador, sem dúvida, reforçou a criação da Singular. Mesmo assim, os dias que se seguiram não foram fáceis. (UNIMED, s/d).

Na Academia Sergipana de Letras, onde ocupou a cadeira nº 1, cujo patrono foi o intelectual Tobias Barreto de Menezes, foi presidente daquele sodalício entre os anos 1983 a 1999. Antonio Garcia Filho foi eleito, com 11 votos contra 9, para ocupar a cadeira deixada vaga pela morte de Garcia Rosa, após uma “calorosa” e “rumorosa” eleição entre a nossa personagem e o poeta José Santos Souza, como já anunciado. Logo depois da leitura do parecer a respeito dos dois candidatos, o acadêmico Garcia Moreno contestou o resultado alegando a existência de poesias não publicadas de Antonio Garcia Filho, além de que “[...] artigos e trabalhos apresentados em conclave médicos, não poderiam, objetivamente, mostrar o mérito intelectual do Dr. Antonio Garcia Filho” (A CRUZADA, 1961, Ano XXV. Nº 1174). Tal acontecimento nos remete ao discurso de Pierre Bourdieu (2004) em que o mesmo afiança que:

¹⁰ Rede de assistência médica do Brasil. O Sistema nasceu com a fundação da Unimed Santos (SP) pelo médico. Edmundo Castilho, em 1967. Fonte: www.unimed.com.br, acesso em: 29. abr. 2012.

[...] o campo literário é, como todo campo, o lugar de relações de força (e de lutas que visam transformá-las ou conservá-las), permanece o fato de que essas relações de forças que se impõe a todos esses agentes que entram no campo – e que pesam em especial brutalidade sobre os novatos – reveste-se de uma forma especial: de fato, elas têm por princípio uma espécie muito particular de capital, que é simultaneamente o instrumento e o alvo das lutas de concorrência no interior do campo, a saber, o capital simbólico como capital de reconhecimento ou consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 170).

O fato é que, mesmo diante do protesto, Antonio Garcia Filho foi eleito “Novo Imortal” e o acadêmico Garcia Moreno apresentou uma carta de renúncia ao Presidente da Academia Sergipana de Letras, em caráter irrevogável, conforme consta nos Anexos. Em uma disputa como essa, geralmente, os agentes sociais investem seu capital simbólico, entendido também como fruto do seu capital cultural e social, composto pelo arsenal que os qualificam, a exemplos dos seus títulos escolares, das suas produções literárias, das suas produções científicas, dentre outros. Foi dotada de tal manancial que ocorreu a disputa entre Antonio Garcia Filho e Santos Souza, na Academia Sergipana de Letras. Mesmo diante das contestações do acadêmico Garcia Moreno acerca do capital Cultural de Antonio Garcia Filho, esse, valendo-se do que representou seu trabalho e de suas estratégias específicas, se tornou membro e a solenidade de posse ocorreu dia 8 de agosto, às 20 horas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, sendo saudado pelo acadêmico Freire Ribeiro, como consta na matéria do jornal “A Cruzada”, a seguir:

Dia 8 : Posse de Antônio Garcia na Academia Sergipana de Letras



Está marcada para o dia 8 do corrente, terça-feira próxima, a posse do dr. Antônio Garcia Filho na Academia Sergipana de Letras, devendo a solenidade iniciar-se às 20 horas, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, onde funciona a sede da mesma Academia.

O novo imortal sergipano, que foi eleito para ocupar a cadeira deixada vaga com a morte do poeta Garcia Rosa, será saudado pelo Acadêmico Freire Ribeiro.

Figura 9: Matéria do jornal A Cruzada, em 05 de agosto de 1961, Ano XXV. Nº 1213, noticiando a posse de Antonio Garcia Filho.

Fonte: Acervo do IHGS

Anos mais tarde, em 1975, Antonio Garcia Filho foi eleito presidente do Conselho Estadual de Cultura, como atesta a figura 10. Nessa oportunidade, junto com outros colegas, a exemplo do jornalista Luiz Antonio Barreto, idealizou e criou o Encontro Cultural de Laranjeiras, em 1976. Ao longo dos anos, o Encontro Cultural de Laranjeiras se tornou um evento em que o foco era a defesa do folclore. Diversos pesquisadores e estudiosos da cultura popular se reuniam para apresentar e debater temas, tornando-se um fórum aberto de discussões de ideias e reflexões. O intuito de preservar e disseminar a cultura popular levou Antonio Garcia Filho, como presidente do Conselho Estadual de Cultura, a promover anualmente tal evento. No ano em que completara vinte anos de sua edição, a Secretaria, juntamente com seus colaboradores, organizou e publicou os Anais com diversos trabalhos apresentados e discutidos durante os eventos anteriores. Na Apresentação dos Anais, a Secretária Especial da Cultura, Aglaé D'Ávila Alencar, afirma que “A memória cultural do Estado se enriquece com os textos que, permeando duas décadas, fazem com que nos desviemos do ingrato caminho do esquecimento”.



Figura 10 - Antonio Garcia Filho empossado Presidente do Conselho Estadual de Cultura, em 1975.

Fonte: Acervo do ITBEC

Além de poeta foi também compositor de músicas. É o autor da letra do Hino da cidade de Rosário do Catete. Em parceria com o Tenente José Graciliano Nascimento, compôs ainda a letra do Hino do 28º Batalhão de Caçadores. E é dele também a letra e a música de “Aracaju, uma estrela”, vencedora do concurso público “Uma canção para Aracaju”, promovido pela Prefeitura Municipal de Aracaju na administração do prefeito Cleovansóstenes Pereira de Aguiar (1971-1975). Para ressaltar a participação de Antonio Garcia Filho e sua importância no meio cultural, Conde Garcia (2008) cita suas principais composições musicais, a saber: “[...]’injustiçada’, gravada por Alcides Gerardi, ‘A Pesca do Aratu’, ‘A Pesca do Massunim’, ‘Samba de São João’ e ‘Uma Estrela Cruza o Meu Caminho’ [...]”. Ainda musicou letras de poetas sergipanos como Freire Ribeiro (“Crescente Lunar”), José Sampaio (“Najara”) e Garcia Rosa (“Amália”). (CONDE GARCIA, 2008, p.25). Antonio Garcia Filho tinha mais de trinta composições musicais, inclusive com versos de grandes poetas sergipanos, a exemplo dos mencionados.

Ainda engajado no ramo cultural e com o objetivo de reunir obras literárias e favorecer o surgimento de novos espaços para os intelectuais sergipanos, fundou, em agosto de 1984, o Movimento de Apoio Cultural (MAC), que, após sua morte, passou a receber o seu nome. Em sessão solene realizada a 26 de julho de 1999, o orador e acadêmico José Anderson Nascimento (2000) enfatizou a importância da fundação do MAC, quando afirmou que “[...] Antônio Garcia, ao criar o Movimento de Apoio Cultural da Academia, reunia intelectuais residentes em Aracaju, buscando o agenciamento e a difusão da cultura sergipana” (NASCIMENTO, 2000, s/p). Dentre os membros do MAC, podemos citar a professora e escritora Maria Lígia Madureira Pina, também membro da Academia Sergipana de Letras, ocupante da cadeira nº 27; Josefina Braz, professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS); do médico, pesquisador, poeta, biógrafo e crítico musical Marcelo da Silva Ribeiro, também membro da Academia Sergipana de Medicina e da Academia Sergipana de Letras; e do músico, cantor, poeta, declamador e dramaturgo Sergival da Silva. Assim como outros agentes culturais, não menos importantes que os mencionados. (CONDE GARCIA, 2008; MENESES, 2008).

Ao analisar seu itinerário por entre as vinculadas instituições, sejam elas educacionais, religiosas, literárias e culturais, percebemos que Antonio Garcia Filho foi construindo sua rede social, entendida aqui como um agrupamento de pessoas que são capazes de conectar e criar vínculos entre si. Trata-se de um fenômeno organizacional que, além de incluir atores sociais, é dotado de interdependência e de ações planejadas, definidas e acordadas coletivamente. A rede social é, deste modo, o meio pelo qual os indivíduos se expressam e difundem suas ideologias, seus ideais e seus anseios, levando à mudanças significativas na construção social. Para Schueler (2008), “Investigar as sociabilidades significa seguir as trajetórias de indivíduos e grupos, buscando mapear suas ideias, tradições, comportamentos e formas de organização, de modo que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reunião e de afirmação de identidades em determinados momentos históricos”. (SCHUELER, 2008, s/p.). É por isso que as redes sociais, os agrupamentos e os meios de comunicação merecem a devida ênfase para se compreender o compartilhar, o colaborar e o competir de Antonio Garcia Filho nas instituições em que atuou, bem como compreender os ideais lançados por ele, pois acredito que os meios de comunicação são poderosas aprestas que favorecem e

contribuem para a formação de um imaginário comum, para a propagação de ideias e ideais. Para Schueler (2008),

No campo aberto pela chamada História Intelectual, situada no cruzamento das Histórias Política, Social e Cultural, os intelectuais são definidos como produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates. (SCHUELER, 2008, s/p).

Também nesse sentido, o uso do termo intelectual, como propusera Sirinelli (1996), permite-me caracterizar Antonio Garcia Filho como criador e mediador, tendo em vista não apenas o campo da observação das suas criações e obras, mas também pela experiência desse personagem que souber valer-se de sua posição social, de sua atuação no campo educacional, político e cultural, e de sua rede de sociabilidade, especialmente, para promover debates sobre a educação, por exemplo; mas também, e principalmente, para lançar ideias, opiniões e propostas políticas e educacionais. Para Schueler (2008, s/p.), “[...] inexistente meio intelectual sem a existência de um espaço de debates, ou seja, de lugares de sociabilidades, que são condição para a elaboração intelectual”. Foi assim que Antonio Garcia Filho se destacou, tanto pela participação intensa nos grupos de sociabilidade intelectual e política da cidade, tais como os clubes literários e as associações e sociedades culturais e científicas, quanto pela sua produção escrita (poesias, poemas, livros, artigos para a imprensa, artigos para revistas e memórias), para além de suas ações, que serão evidenciadas no capítulo segundo.

1.6 O leitor e o amigo

Apaixonado pela leitura, Antonio Garcia Filho sempre tinha um livro à cabeceira da cama, seja na área da Medicina, da Cultura, da Filosofia ou da Sociologia, dentre outros campos. Sempre havia um livro ao seu lado. Eduardo Garcia relembra: “[...] ele lia tudo, ele nunca dormia antes de uma ou duas horas da manhã todos os dias, ou estudando medicina, que estudava diariamente até morrer. Impressionante, até morrer ele lia medicina, ou então literatura”. (CONDE GARCIA, 2012). O acervo de sua biblioteca era admirável, tanto pela diversidade de obras, quanto pela quantidade de exemplares. Nos discursos, principalmente na Academia

Sergipana de Letras, suas reflexões estavam pautadas em autores como Ernst Krieck, Platão, Emmanuel Kant, John Dewey, Peña Yanez, Olavo Bilac, Castro Alves, Camões, Fernando de Azevedo, Machado de Assis, Tobias Barreto, dentre outros (CONDE GARCIA, 2012; Revista da ASL, 1961, 1962, 1981, 1984). Isso me leva a conjecturar que, através dessas leituras, Antonio Garcia Filho foi construindo e ampliando seu capital cultural, um conjunto de saberes, experiências e conhecimentos acumulados ao longo da vida e que o compôs enquanto intelectual.

No discurso do centenário de nascimento do professor Abdias Bezerra, Antonio Garcia Filho enaltece alguns autores, atribuindo-lhes epítetos a partir das suas características:

[...] Artur Fortes – poeta, causeur, orador, historiador, apolíneo, professor de largos e profundo recursos didáticos; Costa Filho – fulguração de arco voltaico na eclosão do movimento social em Sergipe; Franco Freire, realista da questão social, gentleman do labor-party, cativante e líder nato; José Figueiredo – a geografia geo-política e geo-econômica nos albores da sua ascensão para o social; Clodomir Silva – na linguagem dinâmica a partir das origens e da transculturação da nossa raça e costumes; Florentino Menezes – abrangente na integração sociológica do Homem; Virgínio Santana – a Filosofia que perquire e responde; Alberto Bragança – doutor e douto, a mostrar a vida que ainda brotava do latim; Oscar Nascimento - cômico, postura de médico e professor que ensinava pelo exemplo e amor aos estudos [...]. (GARCIA FILHO, 1997, p.39).

Segundo seu filho, o acervo musical de Antonio Garcia Filho era bastante diversificado, porém apresentava um deslumbramento por música clássica. Muitos dos discos que compunham seu acervo eram encomendados, e isso tornava seu acervo diferenciado. Eduardo Garcia rememora o local em que seu pai adquiria esses discos e elenca alguns autores clássicos que formavam o seu arsenal musical:

[...] então em Sergipe quando se ouvia falar na Música erudita tinha discos especiais só porque, Antônio Prudente, um comerciante que tinha loja na Rua de Laranjeiras, esquina quase com a João Pessoa, por ali assim. Lembro que tinha uma banquinha ao lado da loja dele que vendia discos 78 rotações, e quando saíram os Long Plays, então eram grande coisa, você ter um long play era uma grande coisa para tocar numa vitrola. Era uma beleza, e eles mandavam buscar discos de músicas clássicas só pra papai. Papai era quem comprava os discos de músicas clássicas. Então eu nasci e me criei ouvindo, dormindo ao som de música clássica. Beethoven, quarta, quinta, primeira sinfonia. Todos esses

autores clássicos, de Bach. Uma coisa que marcou muito a vida de meu pai era essa capacidade de entender a música clássica. (CONDE GARCIA, 2012).

Antonio Garcia Filho foi um homem que prezava pelas suas amizades. Vollmer Bomfim e Hercílio Cruz são exemplos de amigos seus, como afirma o próprio Conde Garcia (2008), “amigos notáveis”. Vollmer Bomfim também se formou pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1961. Entre os anos de 1962 e 1972, fez Residência em cirurgia geral, cirurgia vascular e cirurgia cardíaca. Possui vários trabalhos científicos publicados e apresentados em congressos de vários países do mundo. Ainda é membro da Academia Sergipana de Medicina, ocupando a Cadeira 16. Seu amigo, Hercílio Cruz, se formou pela Faculdade de Medicina de Recife, em 1947. Em 1949, transferiu-se para Aracaju, iniciando suas atividades no Hospital Santa Isabel. Foi ele o fundador da Casa de Saúde Santa Maria, primeira entidade privada de assistência psiquiátrica do Estado. Foi médico psiquiatra e diretor do Hospital Adauto Botelho. (SANTANA *et al.*, 2009).

Na mesma entrevista citada a Osmário Santos, Antonio Garcia se refere ao amigo e poeta José Sampaio como um ídolo. Natural de Carmópolis, pequena cidade do interior do Estado, José Sampaio se transferiu para Riachuelo, e lá passou a frequentar as redações dos pequenos jornais, colaborando com eles e escrevendo seus primeiros poemas. Ao chegar a Aracaju, em 1934, enveredou-se pelos meios culturais e artísticos com a participação da edição dos jornais estudantis e, nesse interstício, conhece os irmãos, Antonio Garcia Filho e Carlos Garcia. Sampaio passa a ganhar a simpatia dos aracajuanos com a participação de seus poemas em jornais locais, abrangendo temas sociais e políticos daquela época. Em um estudo biográfico, Barreto (2006) afirma que Sampaio “[...] passa a liderar os jovens intelectuais sergipanos e estudantes que lutavam contra o niponazifascismo, combatiam a ditadura do Estado Novo e a censura dos meios de comunicação [...]. As revistas também publicavam as poesias do jovem poeta, passando a considerá-lo “o poeta dos humildes”. (BARRETO, 2006, s/p).

Na dedicatória de sua obra “Um pensamento na praça”, ele se refere a Abelardo Horta, Luiz Antonio Barreto, Ofenísia Freire, Luiz Rabelo Leite, Emmanuel Franco, José Silvério Leite Fontes, Eunaldo Costa e José Anderson do Nascimento, como amigos e confrades. Dentre os mencionados, destaco o jornalista, historiador e diretor do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura, Luiz Antonio Barreto, que ocupou o cargo de Secretário de Estado da Cultura, foi Secretário de Educação e de Cultura de Aracaju e de Sergipe, membro da Academia

Sergipana de Letras e, desde 1972, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. No rol de amigos também estava José Anderson Nascimento, jurista e também professor concursado, desde 1976, lecionando Sociologia Jurídica, Direito Processual Civil e Eleitoral na Universidade Federal de Sergipe e que, em 1981, assim como ele, tornou-se membro da Academia Sergipana de Letras, ocupando a cadeira número 20. Muitos foram os amigos que passaram pela vida de Antonio Garcia Filho deixando lembranças profícuas. Foram amizades que deixaram marcas em sua vida. Amigos que acompanharam sua militância e que, por isso, estiveram presentes em momentos ímpares de sua vida. Em um de seus discursos na Academia Sergipana de Letras, Antonio Garcia Filho se refere a suas amizades como “Recordações amoráveis de um ontem recente com o mesmo sol e a mesma noite envolvendo saudosos corações”. (GARCIA FILHO, 1984, p. 73).

O médico, professor e pesquisador Eduardo Garcia (2012) faz algumas considerações em relação aos amigos de Antonio Garcia Filho, durante uma entrevista concedida no dia doze de maio de 2012. Aponta alguns desses amigos (os mais velhos) e afirma o quão eram valorosas as amizades para o pai.

Os amigos dele, coitadinhos, já morreram todos. Manoel Cabral Machado, Silvério Fontes, professora Ofenísia Freire, e os amigos Zé Mario Nascimento tá vivo ainda, mas não foi amigo dele assim, era mais amigo pela intelectualidade mesmo. Mas os amigos de infância, Renato Brandão, já morreu, Cazuza, já morreu, Carmalo Violonista, Argolo, todo mundo.... é uma geração que já se foi. (CONDE GARCIA, 2012).

Conde Garcia (2012) ao mencionar “amigo pela intelectualidade”, acredito, em uma análise pautada em suposições, que o termo aludido se refira ao status social em virtude da influência dos ideais mobilizados por homens em posições de destaque na sociedade, mas também pela influência direta de suas tomadas de posição política e teóricas, como foram os casos dos seus colegas médicos da Faculdade e do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, dos seus confrades da Academia Sergipana de Letras ou ainda dos seus pares no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

1.7 Depois de aposentado

Em relação ao futuro, Antonio Garcia Filho, homem lúcido e ativo aos 74 anos de idade, faz algumas considerações em relação aos seus planos para o ano de 1991, na mesma entrevista concedida ao jornalista Osmário Santos, em dezembro da década de 1990.

Meus planos para 1991 são: estudar mais alemão e russo, inaugurar a nova sede da Academia e estudar computação; talvez publicar um livro que está quase pronto: ‘Um Pensamento na Praça’. Continuo trabalhando como clínico-geral e geriatra, com consultório na Praça da Imprensa, nº 28. Apesar de tudo isso, acredito que ainda falta muita coisa a fazer para que eu me sinta realizado: estudar sempre, voltar à Europa, ver alguns netos formados, curtir a terceira idade, publicar um caderno com minhas composições musicais, ter bis-netos e participar da entrada do século XXI. (SANTOS, 2002, p.118).

Diante de suas considerações, ficaram minhas indagações: Qual destas Antonio Garcia Filho conseguiu realizar? Conseguiu estudar alemão? Conseguiu voltar à Europa? Para respondê-las, no entanto, fiz uso da memória do seu filho Eduardo Garcia que, durante a entrevista, esclareceu: Em relação ao estudo da língua alemã e russa, Antonio Garcia Filho continuou seus estudos, com o professor Lourival Bomfim, um “grande estudioso de línguas estrangeiras, um poliglota”. Através de fitas cassetes ele seguia os estudos das línguas, contudo, “[...] ele nunca aprendeu alemão e russo, mas estudou muito [...]”. Conseguiu inaugurar a nova sede da Academia Sergipana de Letras, com o auxílio do Governador do Estado na época, Antonio Carlos Valadares, eleito pelo PFL em 1986, que acolheu seu pedido de reforma. Quanto ao estudo da informática, esse não conseguiu realizar. “No início das décadas de 1980 e 1990, meu pai se viu desatualizado. O mundo já era outro. Tentou fazer informática, mas não conseguiu”. Alcançou a publicação de sua obra, “Um pensamento na praça”; continuou trabalhando como Clínico-Geral e Geriatra; não teve a oportunidade de voltar à Europa; alcançou ver um dos netos formando-se em Música, pela Unicamp; não conseguiu publicar suas composições musicais; não alcançou o nascimento dos bisnetos; e não conseguiu alcançar o século XXI. (CONDE GARCIA, 2012).

Antonio Garcia Filho lecionou e clinicou até, aproximadamente, 1991, data em que se aposentou por motivos de doença. Naquele ano, Waldete Garcia ligou para o filho Eduardo Garcia e o comunicou que seu pai não passava bem. Ao chegar à residência do pai, Eduardo desconfia, pelos sintomas, que o mesmo está enfartando e o leva para o hospital. Lá, fizeram os procedimentos necessários para seu tratamento, conforme narra Dr. Eduardo Garcia, em entrevista:

Ele se aposentou na verdade por doença. A partir de uma determinada fase ele começou a ter um problema de coração. Minha mãe me telefonou e disse, olhe vem aqui que seu pai não tá passando bem. Eu fui, cheguei em casa ele tava assistindo televisão e disse: eu estou com uma dor aqui em baixo nas axilas, nas duas axilas como se eu tivesse andado de muleta o dia inteiro, aquela dor cansada aqui em baixo [aponta para as axilas]. E eu logo suspeitei que aquilo era enfarto. Eu digo, olhe nem se mexa daí. Pegamos ele da cadeira, botamos dentro do carro, chamei os colegas e disse: vamos lá pro hospital porque vamos precisar fazer umas coisas. E lá, levamos ele pra uma sala de hemodinâmica. Quando foi fazer o cateterismo nele se viu que tinha uma artéria obstruindo, não estava completamente obstruída, mas tava já fechando. Aí ele colocou o “stent”, que é uma mola para dilatar a artéria [...]. Só que na hora de passar o cateter aqui [mostra com as mãos], aquele que vai pela artéria femoral, na hora de passar o cateter se viu que tinha uma dificuldade de passar em algum ponto do abdômen, uma dificuldade como se tocasse ali numa placa de “aderom (?)” Então, na saída do resultado do exame, se resolveu injetar mais contraste para estudar a aorta abdominal. Conclusão: esse contraste que ele tomou acabou lesando os rins e ele saiu do hospital com insuficiência renal. [...]. A insuficiência renal o levou até São Paulo. Nós fomos a São Paulo tentar ver se era possível fazer um transplante, alguma coisa assim, mas já a idade não dava mais. E ele mesmo assim, heroicamente aguentou oito anos de insuficiência renal fazendo tratamento diário de manhã, de tarde e noite, uma luta terrível. [...]. Ele não se aposentou por tempo de serviço, aposentou-se por invalidez. E aí foi ficando em casa, até que um dia, minha mãe chamou e disse: “venha ver seu pai, que não tá querendo acordar”. Tava morto, morreu de noite, dormindo. Foi assim. (CONDE GARCIA, 2012).

No dia 22 de junho de 1999, Aracaju recebe a notícia do falecimento do médico, político, professor, poeta, compositor, literato e agente cultural, Antonio Garcia Filho. Chega ao fim sua militância, todavia, fica seu legado. Sua imagem de homem múltiplo ficará marcada na galeria da vida política e educacional de Sergipe. Finalizo este capítulo com uma recita do poema “Sons de outrora” do próprio Antonio Garcia Filho (1970):

SONS DE OUTRORA

A cidade de outrora
 Volta agora
 Ao som do sino
 Lembrando que ainda mora
 Em mim
 O mesmo menino

Morreu alguém
 Talvez não
 Que o sol está a pino
 Com tanta luz e calor
 É natural “esse sino”

Batalhão de calça curta
 Tambor de lata
 Volver!
 Somos soldados da Paz
 Da alegria de viver

E o sino
 Dobra gemendo
 Sonorizando uma dor
 Não é possível morrer-se
 Com tanta luz e calor

É a novena de maio
 Catecismo ou procissão
 É capaz de ser ensaio
 Para a festa de São João

Morreu alguém? Talvez não... Pois sua trajetória deixou marcas que irão perlustrar as refulgentes páginas da historiografia sergipana. Transcorrer sua história de vida me fez sentir presente em um passado vivido e datado, contudo sem me encontrar nele. Agora, nas páginas seguintes, registrarei o seu legado. Obras que nos revelam a vida de um personagem que soube valer-se das oportunidades existentes e criar as que ainda não estavam postas em evidência, e que, por isso, destacou-se nos diversos campos em que atuou. Assim foi Antonio Garcia Filho, fascinado pela política, amante da Ciência, das Letras, das Artes, da Cultura... Um intelectual?

Capítulo Dois

Do médico, do político e do educador: um intelectual engajado?

Mas se há bons motivos para nos perguntarmos assim como as idéias vêm aos intelectuais, também é preciso estudar a descida, das cúpulas da *intelligentsia* até a sociedade civil, dessas idéias fecundas e analisar, de um lado, sua influência sobre os sobressaltos da comunidade nacional, e de outro, mais amplamente, sua assimilação – ou não – pela cultura política da época. Quanto à influência, é, no pano de fundo, a questão da responsabilidade do intelectual que se coloca. E quando às relações com a cultura política, é preciso, ao que nos parece, distinguir vários níveis de análise. (SIRINELLI, 1996, p.259).

Ao analisar os dados biográficos, decifrar as minúcias dos fatos e ler o que não está posto em evidência no Capítulo Um, percebi que Antonio Garcia Filho se configurou como um ator que deixou marcas na historiografia sergipana. A sua atuação, a sua ideologia, o que ele criou, o que ele mediou e os seus engajamentos configuram sua vida, de tal modo, que nos propicia a compreender sua trajetória e desvelar suas principais criações, considerados aqui como marcas deixadas no tempo e que mudaram o ‘perfil da História’ em Sergipe, no século XX. Tais criações, quais sejam: a Faculdade de Medicina de Sergipe e o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, frutos do seu engajamento, são o foco de análise do presente capítulo. Assim, com o intuito de analisar as contribuições de tais instituições no cenário educacional e social sergipano, começo por desvelar suas memórias. Isto porque, segundo Justino Magalhães:

A história de uma instituição educativa inicia-se pela reinterpretação dos históricos anteriores, das memórias e do arquivo, como fundamento de uma identidade histórica. Esta identidade implica ainda, para além da internalidade, a inscrição num quadro sociocultural e educacional mais amplo, constituído pela rede de instituições congêneres e pelo sistema educativo. (MAGALHÃES, 2004, p. 147).

Assim, para compreender a identidade histórica das referidas instituições educativas que foram formadas em um contexto sociocultural e educacional marcados pelo pioneirismo, faz-se necessário compreender seus “históricos anteriores”, afim de que se consiga chegar o mais próximo possível de suas respectivas identidades. Conceber, portanto, a Faculdade de Medicina de Sergipe e o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” como instituições educativas, que podem ser reinterpretadas a partir de suas memórias, é entendê-las como possuidoras de uma identidade própria, focadas na formação intelectual e profissional de cidadãos, cujo objetivo era melhorar o quadro educacional e social do Estado de Sergipe, fosse na medicina, fosse com os trabalhos manuais ensinados no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”.

2.1 – O cenário da saúde em Sergipe

Durante a década de 1960 a economia de Sergipe estava calcada na produção de tecido, açúcar, fumo, extração de Petróleo e minério de potássio, além da pecuária.

(DOMINGUES GARCIA, 2011). Com o processo de industrialização (a exemplo da Fábrica de Tecidos Confiança) e, conseqüentemente, com o aumento da população urbana em virtude da migração do homem do campo, a cidade passa a ser vista como um “ambiente insalubre”, pois boa parte desses indivíduos é alojada em condições subumanas, com as mínimas condições de higiene. Apesar do século XX ser caracterizado uma época de modernização, progresso e civilização, em que a população passa a mudar seus hábitos, costumes e comportamentos em consequência do processo de modernização, a medicina ainda convivia com um tratamento baseado nas crenças e com as práticas da cura popular. No entanto, o discurso da medicina estava fundamentado em conhecimentos científicos e na conscientização da população em inculcar práticas higiênicas, a fim de diminuir os riscos de contaminação e enfermidades. Foi diante dessa situação que a classe médica da época adotou “[...] intervenções técnicas na cidade para modificação do meio físico onde se desenvolvem as doenças”. (SILVA, 2006, p.12). Assim, com a contribuição da medicina e através do “Sanitarismo”, surgiram os Urbanistas, profissionais que tinham por objetivo combater as enfermidades provenientes do ambiente insalubre através de técnicas de saneamento e higiene pública.

As ações dos Urbanistas estavam voltadas, principalmente, em conter as doenças epidêmicas através da vacinação em massa e do saneamento básico, além de “[...] devolver à cidade ar puro, água de boa qualidade, espaços abertos com muito verde e sol”. (SILVA, 2006, p.12). Tais medidas proporcionaram o controle e erradicação dos males que assolavam a saúde pública. Nesse sentido, Silva (2006) enfatiza a contribuição dos médicos quando afirma que:

Assim a concepção de cidade doentia versus cidade sadia foi sendo elaborada por intelectuais da classe médica criando um programa de saúde civilizador a partir de uma racionalidade médico-higienista. Equipamentos urbanos, salubridade, normas de higiene, tanto da cidade quanto dos próprios indivíduos serão alguns dos temas presentes na construção do saber médico-sanitário desse período. (SILVA, 2006, p.15).

Antonio Samarone de Santana, em sua pesquisa acerca das Febres do Aracaju (1997), deixa claro o cenário epidemiológico de Aracaju nas primeiras décadas do século XX. Tal cenário, segundo o autor, era decorrente, dentre outros fatores, da “[...] má qualidade da água potável; da precariedade da alimentação; das emanções miasmáticas dos poços, charcos e alagadiços; e os eflúvios deletérios dos corpos em putrefação”. (SANTANA, 1997, p.68).

Segundo os estudos de Santana (1997), era necessário disciplinar o funcionamento dos matadouros, açougues, cemitérios, fontes públicas, prisões, hospitais, habitações e pântanos, além da sujeira das ruas, a fim de evitar a proliferação dessas afecções, bem como controlar o quadro epidemiológico, aliando, para tanto, o conhecimento científico vigente naquela época com a mobilização do Governo e da sociedade civil.

Ao desvelar as doenças que acometia o aracajuano naquele período, a exemplo da peste bubônica, da gripe espanhola, da febre amarela, da malária, da cólera e das febres intestinais, ele nos mostra, já naquela época, a necessidade de um corpo médico que desse ao aracajuano, e por extensão ao sergipano, o atendimento científico necessário para exterminar com as doenças. Tal situação, embora em menor escala, visto que muitos sergipanos foram se formar na Bahia ou no Rio de Janeiro voltando médicos e suprimindo algumas das deficiências clínicas, chegou ao século XX, alastrando-se por muitos anos, até que na década de 1950 um grupo de médicos tentou fundar uma Faculdade de Medicina no Estado de Sergipe, porém, a história mostra que apenas em 1961 ela foi concretizada.

O discurso de modernização na área da saúde em Sergipe, iniciado na década de 1920, estava representado por um grupo de médicos liderados pelo médico Augusto Leite que, a época, tinha o apoio do então Governador do Estado Graccho Cardoso (1922-1926). Apesar de ter sido um período conturbado em virtude do movimento tenentista, sua administração é um fato que não deve deixar de ser evidenciado na historiografia sergipana. Isso porque Graccho Cardoso foi considerado “o maior empreendedor político do seu tempo”, “portador de sólida cultura humanística” e de “ideias positivistas”, promoveu o desenvolvimento social e educacional do estado através de uma política progressista. (SILVA, 2006). Naquele período Sergipe contava apenas com um único hospital, o Santa Isabel, que funcionava em condições precárias de funcionamento, causando receio à comunidade que precisava usufruir de seus serviços. Foi então, através da influência e das aspirações científicas de Dr. Augusto Leite, que Graccho Cardoso se convenceu de que era necessário construir “[...] um novo hospital, moderno e condizente com os avanços da medicina da época”. (SILVA, 2006, p.16). A esse hospital deram o nome de Hospital de Cirurgia, objetivando a melhoria da saúde dos sergipanos.



Figura 11- Vista aérea do complexo do Hospital de Cirurgia, situado na Avenida Desembargador Maynard, bairro Cirurgia. Na figura pode-se identificar, no canto superior direito e ao fundo, o bloco onde ficou instalada a Faculdade de Medicina de Sergipe. (Foto: 1966)

Fonte: Acervo do ITBEC

Graccho Cardoso também defendia a construção de instituições como aporte aos estudos científicos e, por isso, investiu na construção e funcionamento de estabelecimentos, como por exemplo, o Instituto Parreiras Horta, criado através da Lei nº 836 de 14 de novembro de 1922 e inaugurado em 05 de maio de 1924, sendo responsável pela sua direção o médico patologista Paulo Parreiras Horta. Tal instituição funcionou durante muito tempo como Centro de Pesquisa Médica, contribuindo assim para o “desenvolvimento das práticas médicas e a implantação da medicina científica em Sergipe”. (SILVA, 2006, p.38). Para o jornalista e historiador Luiz Antônio Barreto, a referida instituição “[...] deveria ser, ao mesmo tempo, um Instituto Pasteur, um Instituto Vacinogênico e um Laboratório de Análises Clínicas, Bacteriológicas e Químicas e também de pesquisas médicas, dotando Sergipe de um estabelecimento eficiente contra a raiva e a varíola, além de constituir um centro científico para a investigação dos principais problemas da medicina”. (BARRETO, 2003, p. 75).

Obra de grande repercussão para Sergipe, o Instituto tinha como finalidades elevar o padrão do atendimento à saúde da população, através da prestação de serviços, a exemplos, da preparação de vacinas, da realização de análise de hemograma completo, da realização de exames

bacteriológicos, exames de urina e da produção de insumos básicos e medicamentos. Além do “Instituto Parreiras Horta”, podemos elencar, como criações de Graccho Cardoso, o Instituto de Química, a Faculdade de Direito Tobias Barreto e a de Farmácia e Odontologia Anibal Freire. Além desses feitos, Graccho fundou também o Mercado Municipal de Aracaju, o matadouro público, o Banco Estadual de Sergipe e a penitenciária do Estado, além de projetos destinados ao aumento das redes de água e esgotos. Expandiu as rodovias e as linhas ferroviárias e firmou contrato com firmas nacionais e estrangeiras a fim de promover o aumento da energia elétrica. (NUNES, 2008; SILVA, 2006).

Tais criações visavam o desenvolvimento do Estado em todos os aspectos, sobretudo o educacional. Infelizmente o Presidente seguinte, Ciro Franklin de Azevedo, não levou adiante os projetos de Graccho Cardoso, fechando, por exemplo, as Faculdades. Desse modo, o Estado retardou o projeto de implemento do Ensino Superior em Sergipe, ficando apenas o Seminário Sagrado Coração de Jesus, oferecendo os cursos superiores de Filosofia e Teologia aos interessados.

2.2 - A Faculdade de Medicina de Sergipe: primórdios de sua história

Como já anunciado, no período que compreende o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os brasileiros que almejassem cursar medicina teriam que se deslocar para a Faculdade de Medicina da Bahia ou para a Faculdade do Rio de Janeiro. O Brasil dependia apenas dessas duas instituições para formar seus quadros médicos e Sergipe teve a sua parcela. Com o intuito de conquistar *status* socioeconômico, os filhos dos senhores de engenhos começaram a migrar para estas duas cidades, além do Recife, onde cursavam Direito. Naquela época, havia poucos médicos em Sergipe exercendo a profissão, fato explicado não somente pela dificuldade em cursar a faculdade, mas também pela forma de rendimentos pecuniários que os mesmos recebiam pela prestação de seus serviços à comunidade. Nesse sentido, Silva (2006) relata:

A proporção era de 01 médico para 20.000 habitantes, distanciados uns dos outros pela situação geográfica, sem apoio da imprensa e sem movimento organizado pelas questões da classe. Não existiam clínicas particulares que não

dependessem dos favores do Estado e no interior não havia cidade em que dois médicos pudessem, com o seu trabalho, manter-se e sua família. Os serviços médicos não eram pagos satisfatoriamente e não havia incentivos para que os médicos buscassem mais conhecimentos, além daqueles da sua formação, procurando a especialização nas várias áreas, o que já vinha ocorrendo nos grandes centros do país. (SILVA, 2006, p. 19).

A melhoria na área da saúde em Sergipe começou a ganhar destaque com a fundação do já referido Hospital de Cirurgia, inaugurado em maio de 1926, caracterizado como um complexo hospitalar de grande repercussão e importância social. Conforme afiança Barreto (2003), tal fato “[...] deve-se ao apoio governamental na construção do Hospital de Medicina e Cirurgia, somando-se às iniciativas particulares, lideradas pelo médico cirurgião Augusto César Leite, que levantavam doações, como era comum naquele tempo”. (BARRETO, 2003, p. 75). Tal incentivo do Governo, aliado às doações e patrocínio da rede privada, possibilitou a ampliação e a oferta dos serviços e novas instalações à comunidade sergipana, dentre os quais podemos revelar, conforme afirma Silva (2006):

[...] a Maternidade Francino Melo, o Hospital Infantil, Serviços especializados na área de urologia, proctologia, serviço social de Assistência Maternal e Infância, consultório pré-natal, consultório de higiene infantil, lactário, espaço para um museu anátomo-patológico, serviço de assistência obstétrica domiciliar e de clínica médica. (SILVA, 2006, p.21).

O Hospital de Cirurgia tornou-se, assim, uma das obras mais importantes daquela época, promovendo a confiança da classe médica e de seus usuários. Um grupo seletivo de médicos, composto pelo Dr. Augusto Leite, pelo Dr. João Batista Perez Garcia Moreno, pelo Dr. Benjamin Carvalho, dentre outros, no intuito de promover um local de reunião para debates e discussões buscando o avanço do conhecimento científico e tecnológico na área da saúde, acabaram por criar, na década de 1950, o Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia. Além disso, com as modernas instalações e métodos do Hospital¹¹, foi possível realizar operações cirúrgicas mais complexas.

Foi em uma das reuniões, ocorrida no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, que os médicos Dr. João Batista Perez Garcia Moreno e o Dr. Benjamin Carvalho colocam em

¹¹ Vale ressaltar que, em virtude da infraestrutura, o Hospital de Cirurgia, se torna sede, na década de 1969, da Escola de Auxiliar de Enfermagem, do curso de Odontologia e da Faculdade de Medicina de Sergipe.

pauta a criação de uma possível Faculdade de Medicina em Sergipe. (SILVA, 2006). A ideia logo despertou olhares da classe médica e da comunidade sergipana para essa necessidade, mas o projeto não saiu do papel. Na perseverança da fundação da Faculdade e com o intuito de viabilizar o projeto, alguns médicos fundam, em 12 de junho de 1953, a Sociedade Civil Faculdade Medicina de Sergipe, uma entidade sem fins lucrativos, estando o Dr. Augusto Leite à frente da presidência. (SILVA, 2006). Segundo Conde Garcia (2008), o objetivo da classe médica, ao fundar essa entidade, era instalar e manter uma escola de Medicina em Sergipe. No entanto, apesar da ideia ter sido bem aceita pela classe, o projeto ficou apenas na fase de aprovação e registro dos Estatutos da referida entidade, mesmo com a sensibilização do governador Dr. Arnaldo Rollemberg Garcez (1951-1955) que colocou o Estado à disposição da Sociedade Civil.



Figura 12- Dr. Augusto Leite ocupando cargo de Presidente da Primeira diretoria da Sociedade Civil Mantenedora Faculdade de Medicina. Da esquerda para direita: (?), Benjamin Alves de Carvalho, Dr. Augusto Leite, Teófilo Mesquita. (1954). Ao fundo, quadro de Dom José Thomaz Gomes da Silva, primeiro Bispo de Aracaju.

Segundo Ednaldo Garces (2011, p.14), “[...] a coisa não prosperou, talvez em função de disputas acirradas entre os dois maiores partidos políticos de então, a UDN, de oposição e o PSD, da situação”. A essa época, ou seja, na década de 1955, o Partido Social Democrático

(PSD), aliado há muitos anos ao Partido Republicano (PR), após “renhida” campanha, foi derrotado pela União Democrática Nacional (UDN). A UDN era tradicional adversário político dos partidos PSD e PR. Após as eleições de 1955, na qual Leandro Maynard Maciel se elegeu governador do Estado (1955-1959), o movimento iniciado pela Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina esfriou completamente, perdurando por todo seu mandato. Foram tempos difíceis para os estudos médicos em Sergipe, em virtude das disputas políticas. Somente na eleição seguinte, em 1959, quando a coligação PSD/PR é novamente derrotada, elegendo-se para o governo de Sergipe o advogado Luiz Garcia (1959-1962) do partido UDN, a Faculdade de Medicina passa a ser um dos principais focos das políticas públicas educacionais de seu Governo. Quanto ao mandato de Luiz Garcia, o jornalista e historiador Luiz Antonio Barreto afirma que sua administração foi de:

[...] grandes inovações e empreendimentos, que modernizaria Sergipe, a começar pela criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe (Condes), uma espécie de escola de Governo, priorizando o planejamento e formando quadros para a administração pública, ao tempo em que fixava as grandes linhas da administração. Seguiram-se o Banco de Fomento (atual Banese), a Energipe, o Ipes, a Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, confiada ao irmão, o médico e intelectual Antonio Garcia Filho, e obras essenciais como a Estação Rodoviária, construída na Esplanada do Bonfim, o Hotel Palace de Aracaju, no lugar onde havia o Quartel do 28 BC, na praça General Valadão, [...]. (BARRETO, 2005, p.1).

Antes da campanha política na qual Luiz Garcia se elegeu Governador, Antonio Garcia Filho, que até então conduzia o Partido Social Democrático (PSD) com seus colegas Orlando Dantas, José Rosa, José Francisco Santos, Hélio Amado, Lourival Bomfim, José de Freitas Leitão, Jorge Oliveira Neto e Bonifácio Torres, solicitou o desligamento do partido, “[...] pois estava convencido pela razão e pelo coração de que a candidatura que apresentava perfil político mais progressista era a do seu irmão, Dr. Luiz Garcia”. (CONDE GARCIA, 2008, p.34). do partido de oposição UDN, ao qual se filiou. Apesar de a decisão de Antonio Garcia Filho ter gerado polêmica, principalmente por parte dos udenistas, sua filiação se revelaria importante. Isto porque Luiz Garcia se elegera e ele apostava na Secretaria de Educação, Cultura e Saúde. Assim, o tema “Faculdade de Medicina de Sergipe” volta a ser pauta das reuniões políticas logo após Antonio Garcia Filho ocupar o cargo de Secretário. Embora o fato nos remeta, a princípio, ao

protecionismo, o Secretário, no exercício de suas atividades, soube aproveitar as oportunidades e lançou suas propostas políticas educacionais, as quais renderam bons frutos, como foi o caso, por exemplo, da Faculdade de Medicina de Sergipe e do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”.

2.3- A fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, por entre espaços e tempos

Com a vitória do udenista Luiz Garcia, a cúpula médica do Estado volta a encher-se de esperanças e a fundação de uma Faculdade de Medicina em Sergipe volta a entrar em pauta nas reuniões ocorridas no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia. O então Governo de Sergipe, no uso de suas atribuições, conforme já mencionado, criou a Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Saúde e convidou seu irmão, Antonio Garcia Filho, para assumir o cargo. Foi com o apoio de Antonio Garcia Filho que a Faculdade se tornou uma realidade. (CONDE GARCIA, 2008). É sabido que a indicação de seu nome para ocupar a Secretaria não agradou a muitos, pois, conforme afiança Garces (2011) “A princípio, Antonio Garcia Filho ficou à margem do governo, pois a indicação de seu nome sempre esbarrava nas restrições impostas por lideranças da UDN, por sua história socialista”. (GARCES, 2011, p. 14).

Sua notoriedade na sociedade e sua rede de sociabilidade, contudo, lhe favoreceram. Para Sirinelli (1996), a rede de sociabilidade também se interpenetra com o afetivo e o ideológico e, geralmente, as ‘redes’ partilham de contextos “[...] dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos”. (SIRINELLI, 1996, p. 252). Isso me leva a acreditar que as ideologias produzidas e veiculadas por Antonio Garcia Filho em torno da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, e de tantas outras ações, lhe tenham proporcionado notoriedade na sociedade sergipana, tendo em vista ser o mesmo propósito daqueles que estavam ao seu lado.

Para a fundação da tão almejada faculdade de Medicina de Sergipe, Antonio Garcia Filho se aliou àqueles aos quais plantaram uma semente na década de 1950, mas que somente germinou depois de quase uma década. Com a ciência e o magistério andando lado a lado, esses colaboradores resolvem driblar os obstáculos, a exemplo da falta de estrutura física e da formação do quadro docente, dentre outros, e, juntos, investir em ações para a pretensa Faculdade. Dentre esses principais colaboradores, constam: Benjamin Alves de Carvalho, formado pela Faculdade

de Medicina da Bahia e especializado em dermatologia e urologia, foi Diretor do Hospital de Cirurgia em 1945 e Secretário da Saúde no governo Leandro Maciel (1955-1999); e Lourival Bomfim, também formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, que foi radiologista dos hospitais de Cirurgia e Santa Isabel, foi ainda radiologista e fisiologista da Secretaria de Estado da Saúde, além de médico clínico da Fábrica Confiança. (SANTANA *et al.*, 2009).

O médico Fernando Sampaio também consta no rol dos principais colaboradores da Faculdade de Medicina de Sergipe. Foi formado pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, em 14 de dezembro de 1940, fez especialização em cirurgia na Faculdade de Medicina de São Paulo e trabalhou no Hospital de Cirurgia, em Aracaju, atuando como diretor de 1952 a 1961. João Baptista Perez Garcia Moreno também deixou suas marcas na história da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe. Foi formado pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, em 1933, dedicou-se à psiquiatria e por isso dirigiu o Hospital Colônia Eronides Carvalho, criado e inaugurado em 1940. Outro membro foi Lauro de Britto Porto, também formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1935, atuou na área de oftalmologia e otorrinolaringologia. Fez especialização no Hospital São Francisco no Rio de Janeiro e na Escola Paulista de Medicina, cursos que o levaram a atuar no Hospital de Cirurgia onde, por várias vezes, assumiu a direção dessa entidade. O empenho desses médicos, além dos colaboradores Bento Carvalho, Jairo Fontes, José Moreira, Lourival Baptista, Gileno Lima, Osvaldo da Cruz Leite, dentre outros aqui não referenciados, mas que ajudaram a tornar realidade a Faculdade de Medicina, contribuíram para que Sergipe entrasse na lista dos Estados com maior nível técnico-científico do país, naquela época. (SANTANA *et al.*, 2009).

Quando Antonio Garcia chegou ao cargo de Secretário do Estado, Sergipe contava com cinco instituições superiores: a Faculdade de Química e a Faculdade de Ciências Econômicas e Contábeis, ambas mantidas pelo Estado de Sergipe; a Faculdade de Filosofia e Letras e a Faculdade de Serviço Social, ambas privadas e mantidas pela Igreja Católica e a Faculdade de Direito, mantida pelo Governo Federal. (SILVA; BARRETO, 2012). No entanto, o novo Secretário de Estado da Educação, Cultura e Saúde percebeu a necessidade e a viabilidade de criação de uma sexta escola superior para Sergipe. Antonio Garcia Filho como “Médico devotado, clínico e anestesiológico de renome, logo tomou como prioridade para a sua gestão [...] a criação da Faculdade de Medicina de Sergipe. Para isso, dispunha de talento, vontade e

força política”. (CONDE GARCIA, 2008, p.35). Engajado na causa, ocupando cargo político e aproveitando o interesse ideológico comum de um grupo de médicos, o então Secretário, juntamente com os colaboradores já citados, abre caminhos e promove estratégias para iniciar a concretização do projeto da fundação da Faculdade de Medicina.

Para definir, no entanto, as ações infra-estruturais e organizacionais, bem como colocá-las em prática rumo à construção da Faculdade de Medicina de Sergipe, era necessário compor a primeira Diretoria da Faculdade. Tal fato ocorreu em 21 de janeiro de 1960, de acordo com a Ata do Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Medicina de Sergipe. Foi durante essa reunião que ocorreu a nomeação dos cargos, que ficaram assim definidos: Dr. Antonio Garcia Filho ocupou o cargo de primeiro Diretor da Instituição; Dr. Osvaldo da Cruz Leite, Dr. João Conrado Guerra e Dr. Antero Pales Carozo ocuparam o cargo de Conselheiros Técnicos; Alberto Santos Bragança de Azevedo, logo substituído por Bento Alvino Carvalho, ocupou o cargo de Secretário; Jairo Fontes Sampaio e José Moreira Alves ocuparam o cargo de Auxiliares e Eduardo Antonio Conde Garcia ocupou o cargo de Bibliotecário. Repete-se, mais uma vez, a nomeação de Antonio Garcia Filho para ocupar um cargo de Diretor, desta feita, da Faculdade de Medicina de Sergipe. É sabido que seu nome estampa a figura de um intelectual de elevado arcabouço gerencial e que, por isso, lhe favorecia tanto na participação da vida política, quanto no campo educacional e intelectual. Isso, de certo modo, evidenciou seu engajamento nos itinerários político, educacional e cultural, de modo a abrir caminhos para que ele concretizasse suas criações, mediações e engajamentos.

Para Sirinelli (1996), o termo intelectual é “uma questão de qualidade humana”. Existe um caráter polimorfo e polifônico, ou seja, de compreensão e de extensão do termo, que “[...] pode desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento.” À primeira categoria pertencem os que participam da criação artística e literária ou do progresso do saber, sendo que os mediadores contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber. A segunda, por sua vez, pode ser entendida segundo modalidades específicas, como por exemplo, “a assinatura de manifestos –, testemunho ou consciência”. (SIRINELLI, 1996, p. 242-243).

Ainda segundo o autor, a acepção ‘mais estreita’ dos intelectuais, ou seja, a do engajamento,

[...] não é, no fundo, autônoma da anterior, já que são dois elementos de natureza sociocultural, sua notoriedade eventual ou sua “especialização”, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate das cidades –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende. (SIRINELLI, 1996, p. 243).

Embora com adversidades, Antonio Garcia Filho defendeu um ideal. Ele se engajou em prol da educação sergipana, fosse agindo estrategicamente, fosse criando a Faculdade de Medicina de Sergipe. Ainda que o cenário político daquela época favorecesse a fundação da Faculdade de Medicina, Antonio Garcia Filho afirma a vontade de desistir de sua concretização, posto às “lutas e injustiças” pelas quais passou. Mas o “apelo e apoio” que recebia de universitários, de vestibulandos, de operários e da comunidade sergipana, o encorajavam e o fortaleciam para enfrentar novas batalhas, desta vez com “otimismo e confiança”, apesar de acreditar, “[...] que forças ocultas se arregimentassem contra a Faculdade, apesar dos entrechoques provincianos que as afastavam”. (GARCIA FILHO, 1995, p.139). Esta afirmação se deu tendo em vista os vários adiamentos “inexplicáveis” referentes à aprovação do Projeto de Lei que criava a Faculdade.

Sua afirmação nos leva a acreditar que ele também trilhou caminhos de hostilidade, rivalidade e rancor, sentimentos que devem ser considerados para a compreensão de sua trajetória. Seu filho, Conde Garcia (2011), em entrevista, ressaltou: “Sabe, meu pai era um homem irrequieto. Era um homem que se envolvia em múltiplos aspectos sociais e da vida política do Estado, [...]. Por conta disso, é claro, que ele criou várias arestas por aí [...]”. Isto talvez explique o fato de que, ao fim do seu segundo mandato como Diretor da Faculdade de Medicina de Sergipe, Antônio Garcia Filho ao emitir uma Circular, no dia 05 de fevereiro de 1968, ao Presidente da Fundação do Ensino Médico, tenha assim se expressado: “Sou uma personalidade afirmativa e isto, às vezes, fere e torna-se pedra de tropeço, porém lutador e inquieto pela distribuição da justiça, senhor e dono das funções ao meu encargo, aberto, entretanto, ao diálogo e à harmonia”. (GARCIA FILHO, 1968, p.1). No entendimento de Sirinelli (1996;1998), o campo intelectual está vinculado às relações de poder e aos aspectos ideológicos e afetivos. Assim, quando os indivíduos de um grupo cruzam caminhos aos quais apontam para a

existência de regras, oposições e ideologias divergentes, geram um campo de conflito, desencadeando, por vezes, construções.

No período da fundação, Antonio Garcia também era Presidente da Sociedade Médica de Sergipe, o que muito facilitou e contribuiu para agilizar o processo da fundação da Faculdade. O fato de o Dr. Benjamin Carvalho, amigo de Antonio Garcia e do Governador, ter sido presidente da Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina e “[...] por sua habilidade em tratar problemas e por sua maneira polida e culta” também contribuiu muito para agilizar este processo. (CONDE GARCIA, 2008, p. 36). Apesar das dificuldades, a exemplo da falta de um local para as instalações físicas e do corpo docente, o Secretário de Estado da Educação, Cultura e Saúde entendeu que aquele era o momento ideal para a realização do projeto, justamente pelo fato do apoio decisivo do Governo do Estado, do Dr. Luiz Garcia e dos demais colegas e facilitadores, a exemplo dos médicos já citados, Benjamin Carvalho, Lourival Bomfim, Walter Cardoso e Lauro Porto.

O Governador Arnaldo Rollemberg Garcez, ainda em 1955, no último ano do mandato, havia doado à Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina de Sergipe o prédio onde funcionava o Instituto de Educação Rui Barbosa. Tal medida tinha como finalidade proporcionar a instalação da referida Faculdade. No entanto, por se tratar de uma edificação antiga, o prédio apresentava precariedade em sua estrutura física, necessitando assim de reforma para receber a Faculdade de Medicina. Somente no governo de Luiz Garcia, decidido a apoiar a Faculdade de Medicina, é que os trabalhos de reforma e adaptação do prédio foram iniciados. Porém, por se tratar de uma obra de longo prazo, Antonio Garcia sugeriu ao governo do Estado a construção de um prédio próximo ao Instituto Parreiras Horta, com o objetivo de sediar, com brevidade, mas provisoriamente, a Faculdade.



Figura 13 – Construção do prédio para sediar provisoriamente a Faculdade de Medicina de Sergipe, no pavilhão do Instituto Parreiras Horta, em 1960.

Fonte: Arquivo Morto da UFS, Caixa 40, Pacotilha 128.

O prédio construído contava com três salas para aulas teóricas e uma sala para o ensino da Anatomia. Além disso, Luiz Garcia colocou à disposição da Faculdade os laboratórios de Bioquímica e de Microbiologia do referido Instituto, bem como os disponíveis da Escola de Química e do Centro de Saúde da Clínica Psiquiátrica Adauto Botelho. Depois de três anos de funcionamento nas dependências do Instituto Parreiras Horta, a Faculdade de Medicina migrou para o Hospital de Cirurgia, permanecendo ali por mais de vinte anos, ou seja, até meados da década de 1984. (CONDE GARCIA, 2008). As salas teóricas, conforme figura a seguir, eram bem estruturadas e contavam, além do birô, com carteiras e quadro negro, com “peças” do corpo humano (frontal e corte lateral) para o estudo do cerebelo, com “peças” do sistema respiratório e com uma “peça” do corpo humano para os estudos do sistema circulatório e para os estudos da musculatura e tendões.



Figura 14 – Sala de aula teórica da Faculdade de Medicina de Sergipe, no pavilhão do Instituto Parreiras Horta, em 1961

Fonte: Arquivo Morto da UFS, Caixa 40, Pacotilha 128.

Esses recursos tinham por objetivo facilitar o processo de ensino aprendizagem. A sala, que fora estruturada no pavilhão do Instituto Parreiras Horta para o ensino da cadeira de Anatomia, contava com recursos necessários, a exemplo de “cadáveres”, luvas, cubas, mesas de mármore, dentre outros, para o aprendizado da aula prática. Os recursos didáticos utilizados pelo corpo docente eram considerados atuais, condizentes para a época, conforme afirma Zulmira Rezende, aluna da primeira turma do Curso de Medicina: “[...] havia aparelhos para projeção de slides, muitos slides, feitos em transparências. As aulas eram boas, eram muito boas, aliás”. (REZENDE, 2011). No entanto, na opinião da ex-aluna, a estrutura física deixava a desejar, apesar de não influenciar negativamente na qualidade do ensino. Segundo ela:

No início foi precário. Se construiu um anexo ao Instituto Parreiras Hortas onde funcionou o curso de medicina, ali inicialmente. E ali foram as disciplinas de anatomia, histologia, bacteriologia, tudo isso nós fizemos ali. Havia tudo, mas o espaço era um espaço muito simples. É uma coisa, assim, que nós estudantes, não aceitamos aquilo com tranquilidade, entendeu? Não houve falha no ensino. Os professores, eles supriam isso tudo. A parte de anatomia mesmo, tava tudo equipado. A parte de histologia, com relação a equipamentos, cadáveres para as aulas de anatomia, isso aí, não houve nenhum problema. As aulas de bacteriologia eram no Parreiras Horta. Agora as instalações, tipo assim, as acomodações para os professores e para os alunos, eram instalações muito simples, mais isso não

prejudicou, de nenhuma forma, porque os professores eram tão bons, eles eram tão capazes, assim, que não houve nenhum prejuízo. (REZENDE, 2011).

Passado dez anos, quando Antonio Garcia Filho não mais ocupava o cargo de Diretor da Faculdade, o cenário da referida instituição, em relação às estruturas físicas, não havia mudado muita coisa. Na opinião do médico e professor José Arnaldo Vasconcelos, aluno de Antonio Garcia na 13ª turma do curso, durante uma entrevista concedida em agosto de 2012, a Faculdade de Medicina possuía uma estrutura simplória, adaptada para suas necessidades básicas. Segundo ele, por falta de verbas e decididos a investir na Faculdade de Medicina, os próprios colaboradores e professores doavam e compravam móveis, instrumentos laboratoriais e livros, conforme relata:

Compravam livros para a Faculdade, traziam birôs de suas casas, estantes. A Faculdade era pobre, tinha o necessário, o mínimo. Eu vi pessoas como Dr. Oswaldo que comprou éter e livros. Deixou a biblioteca dele, de anatomia, para o Departamento. E assim fizeram outros, como Sóstenes [Cleovansóstenes], que também deixou seus livros lá. Cada um deles contribuiu. Iam buscar as coisas, faziam congressos. Não se alienaram não. Não pararam no tempo. (PALMEIRA, 2012).

Quanto às bibliotecas e os espaço para leitura, disposto no item 11 do Relatório de Verificação Procedida na Faculdade de Medicina de Sergipe, localizado nos arquivos da Universidade Federal de Sergipe, ficou assim aparelhado:

No que concerne às facilidades bibliográficas, existe um primórdio de biblioteca, que serve a toda a fundação, localizado no “Centro de Estudos”, além de pequenas bibliotecas departamentais, da qual a mais importante é a localizada no Departamento de Patologia (Anatomia e Fisiologia Patológica), provida de livros modernos da especialidade. O “Centro de Estudos” assina algumas revistas estrangeiras e nele trabalha uma funcionária que fez estágio de aperfeiçoamento no Instituto de Bibliografia e Documentação (I.B.B.D.), no Rio de Janeiro. (RELATÓRIO ..., s/d).

Ao passo em que a estrutura física ia sendo edificada, o Diretor da Faculdade pensava no próximo desafio, o de ministrar o ensino das ciências básicas na Faculdade. Para isso era necessário a composição do corpo docente, fato decidido durante reunião da Congregação de professores da Faculdade de Medicina de Sergipe. Antonio Garcia e seus colegas Lourival

Bomfim e Volmer Bomfim, que já haviam feito cursos de preparação para professores em outras Universidades do País, e até mesmo nos Estados Unidos da América, ficaram incumbidos de lecionar, respectivamente, as disciplinas: Bioquímica, Biofísica e Farmacologia. Outros colegas aceitaram o desafio de associar a prática médica com a docência, a fim de completar o quadro docente da faculdade. Da mesma forma, outras disciplinas seriam ministradas por professores convidados de Universidades, inclusive do exterior, a exemplo do professor Silvano Izquierdo Laguna da Universidade de Valladolid, Espanha, que ministrou aulas de Anatomia Humana¹². Além de compor o quadro docente da faculdade, o médico Silvano Izquierdo Laguna também passou a exercer o cargo de Técnico de saúde da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, conforme noticiado no Sergipe Jornal, em 8 de março de 1961 (nº14230).

PROFESSOR ESPANHOL PA- RA A FACULDADE DE ... MEDICINA —————

ARACAJU — Encontra-se nessa cidade o Dr. Silvano Izquierdo, ex-professor das faculdades de medicina de Salamanca e Valladolid.

O Professor Izquierdo, exercerá o cargo de técnico de saúde da Secretaria de Educação Cultural e Saúde, e servirá também como técnico da cadeira de Anatomia da nável Faculdade de Medicina de Sergipe.

Figura 15 – Matéria noticiando a presença do Dr. Silvano Izquierdo Laguna em Sergipe.

Fonte: Sergipe Jornal, 1961, nº14230, IHGS.

Com tais estratégias, o quadro docente ficou composto por 28 professores, “selecionados através de análise dos Currículos pela Diretoria do Ensino Superior”, sob a direção do Prof. Dr. Durmeval Trigueiro Mendes. As fontes nos mostram, por exemplo, como ficou a relação de professores e suas respectivas cadeiras do curso. A cadeira de “Anatomia descritiva” ficou sob a responsabilidade do médico Oswaldo Leite, cirurgião de renome. Suas aulas eram

¹² Ata de reunião da Congregação da Faculdade de Medicina de Sergipe, realizada no dia 19 de janeiro de 1962. Fonte: Arquivo Morto da Universidade Federal de Sergipe, Caixa 40, pacotilha 128.

ministradas em uma sala ampla de aproximadamente 10 x 6,5m, estruturada com seis mesas de mármore para a dissecação e duas cubas para cadáver. Cabe ressaltar que a Faculdade não apresentava dificuldades na obtenção de cadáveres para os estudos médicos. Quanto às cadeiras de “Histologia e Anatomia” e “Fisiologias Patológicas”, eram ministradas pelo patologista Nestor Piva. Tal patologista fez estágio de especialização de Histoquímica no Departamento de Histologia da Faculdade de Medicina de São Paulo. Para suas aulas ele dispunha de vinte microscópicos, além de equipamentos como balança analítica, centrífuga, drogas, corantes, dentre outros instrumentos necessários aos exames. (RELATÓRIO..., s/d).

A cadeira de “Fisiologia” ficou confiada ao cardiologista Dr. Antero Carozo, que estagiou durante seis meses na Cátedra de Fisiologia da “Universidade da Bahia”. Para o ensino, Carozo dispunha de um laboratório e de equipamentos básicos. A cadeira de “Biofísica” ficou sob responsabilidade do radiologista Lourival Bomfim, que também dispunha de um laboratório de biofísica. Seus conhecimentos versavam sobre física médica, microscopia, Raios-X, radioisótopos¹³ e aparelhos de fisioterapia. A cadeira de “Bioquímica”, por sua vez, ficou confiada ao fundador e Diretor da Faculdade de Medicina, Antonio Garcia Filho, que também dispunha de aparelhagem suficiente ao ensino da disciplina, como, por exemplo, balança analítica, calorímetro foto-elétrico, fotômetro de chama, galvanômetro de alta sensibilidade, microscópios mono e binocular, agitadores, banho-maria, aquecedores elétricos, além de vidrarias, drogas e reativos. (RELATÓRIO..., s/d).

A disciplina “Farmacologia” foi confiada ao assistente de farmacologia da Faculdade de Medicina do Recife, Armando Carvalho, que esteve em Aracaju por três meses ministrando o curso para preparar o futuro professor, qual seja, Raimundo Almeida. A disciplina “Parasitologia” ficou sob a responsabilidade de Alexandre Netto, que tinha forte ligação com o Departamento Nacional de endemias rurais. Para o ensino, poderia utilizar os recursos de Microscopia do Departamento de Anatomia Patológica. No que se refere ao ensino da disciplina “Microbiologia”, a direção da Faculdade encontrou alguns obstáculos, a exemplo da renúncia do professor, inicialmente convidado, o “médico Mesquita”, e a insuficiência do laboratório que ainda estava em vias de estruturação. Quanto ao ensino da disciplina, o problema foi resolvido ao convidar o médico Brenha Chaves. As demais cadeiras ficaram assim distribuídas: Medicina e

¹³ Um radioisótopo ou isótopo radioactivo é um equipamento que tem aplicações em medicina e em outras áreas, como na datação radiométrica. Por exemplo, o isótopo radioactivo tálio pode identificar vasos sanguíneos bloqueados em pacientes sem provocar algum tipo de dano.

Ética Médica com o médico Benjamin de Carvalho; Anatomia Topográfica com o médico Oswaldo Leite; Psicologia médica com o médico Garcia Moreno; Higiene e Medicina preventiva com o médico João Cardoso Nascimento Junior; Clínica Cirúrgica com o médico Fernando Sampaio; Clínica Médica com o médico José Aloísio de Andrade; Clínica Dermatológica com o médico Celso Bringel Calheiros; Clínica de Doenças Parasitárias e Infecciosas com o médico Walter Cardoso; Clínica Urológica com Dr. Lucilo Da Costa Pinto; Clínica Ortopédica com Dr. José Sobral; Clínica Psiquiátrica com o médico Hercílio Cruz; Clínica Oftalmológica com o médico Juliano Calasans Simões; Clínica Otorrinolaringológica com o médico Lauro de Brito Porto; Clínica Ginecológica com o médico Albino Figueiredo de Melo; Clínica Obstétrica com o médico Hugo Bezerra Gurgel; Clínica Pediátrica com o médico José Machado de Souza; Clínica Neurológica com o médico Tarcísio Carneiro Leão; Clínica Pneumológica com o médico Airton Teles Barreto; e Medicina Legal com o médico João Batista Peres Garcia Moreno. (RELATÓRIO..., s/d).

Alguns desses médicos já possuíam experiência acadêmica, posto que já ensinavam em outras instituições, a exemplo da Faculdade de Medicina da Bahia, do Recife e do Paraná, (REZENDE, 2011). Naquela época não havia concurso para a seleção desses professores, porém foram muito bem indicados e escolhidos para lecionar na Faculdade de Medicina de Sergipe. Foram médicos atuantes, que clinicavam e apresentavam experiências no campo da medicina. Rezende (2011), ao rememorar o quadro efetivo da referida instituição educativa, atribui-lhe a seguinte característica:

Excelente. Não eram professores de formação, eles eram médicos raros. Por exemplo, Dr. Piva. Ele já era professor e tinha vindo da Bahia, de Salvador. Dr. Garcia Moreno também, que já tinha grande experiência na Faculdade de Direito. Ele era professor de Medicina Legal na Faculdade de Direito, mas os outros não. Todos eram clínicos, anestesiistas. Esse pessoal que foi convocado e que chegou, mas eles davam boas aulas. (REZENDE, 2011).

Em meio à procura das fontes, encontrei, no Arquivo Central da UFS, os currículos de alguns desses professores responsáveis por lecionar na Faculdade de Medicina de Sergipe. Na tabela a seguir constam os nomes de alguns desses médicos e professores, bem como seus respectivos títulos. Seus currículos denotam a importância das especializações necessárias à Faculdade de Medicina de Sergipe. O objetivo é deixar claro a congregação que compôs a

referida instituição e que denota o grau de articulação de Antonio Garcia Filho frente à empreitada de arregimentar a gama de médicos que segue, somada a outros nomes, que não deve ter sido tarefa fácil, outrossim, ele o fez, para o bem do ensino e do campo médico sergipano.

Quadro 8: Súmula dos currículos de alguns dos professores que lecionaram na Faculdade de Medicina de Sergipe.

PROFESSOR	ATUAÇÃO/TÍTULOS	TRABALHOS PUBLICADOS
Celso Bringel Calheiros	Aprovação em concurso para o cargo de médico do Serviço de Saúde do Exército	
	Aprovação em concurso para o cargo de médico dermatologista do IAPC	
	Médico interno do Hospital Getúlio Vargas (serviço de pronto socorro) na Bahia	
	Médico dermatologista do Hospital de Clínicas Dr. Augusto Leite	
	Médico dermatologista do SESI	
	Professor do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora da Bahia	
	Professor do Colégio Ipiranga da Bahia	
José Machado de Souza	Professor do Colégio Estadual da Bahia	Síndrome de Lourencia Sield, em 1950; Tumor de (?), em 1960; Polipo Retocolico na Infância, em 1960.
	Médico pediatra da Maternidade Dr. Carlos Firpo	
	Médico auxiliar da Higiene da Criança do Departamento de Saúde Pública	
	Médico do Preventório São José	
	Médico da Clínica pediátrica do Hospital infantil, no Hospital de Cirurgia	
José Aloísio de Andrade	Leccionou no curso de Puericultura realizado pelo Departamento Nacional da Criança	Cirurgia atual; Colecistopatia Cirúrgica; Abscesso do Fígado; (?) Masculino. Todos publicados na Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia
	Participou da III a VI Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria	
	Médico auxiliar do Serviço de Sífilis e Doenças Venéreas do Centro de Saúde de Aracaju	
	Chefe do Centro de Saúde e do Departamento de Saúde Pública de Aracaju	
	Curso de Extensão Universitária de Eletrocardiografia Clínica, em 1951	
	Médico do IAPC	
Benjamin Alçves de Carvalho	Superintendente do IAPC	Da resistência dos estudos mórbidos e da incurabilidade perante a Euthanssia, em 1928. ("Tese de doutoramento")
	Atuou como Clínico Geral na Delegacia do IPASE	
	Leccionou no Colégio Estadual de Sergipe,	
	Médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários	
João Cardoso Nascimento Junior	Médico Chefe do Instituto dos Bancários	Epilepsia na criança, em 1949; O Problema da Infância, em 1953 - Revista do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia; Inquérito de Mortalidade Infantil, em 1954 - No Departamento Nacional da Criança.
	Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública do Estado de Sergipe, de 1955 a 1956	
	Professor da Escola Agrotécnica Benjamin Constant	
	Participou da V, VI e da IX Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria	
	Curso de Puericultura e Administração do Departamento Nacional da Criança, em 1949	
	Curso de Patologia do recém nascido, em 1949	
	Atuou como Clínico Geral no Posto Médico Darcy Vargas, em Aracaju	
	Médico do Departamento de Saúde Pública de Aracaju, em 1947	
	Secretário do Instituto de Proteção e Assistência a Infância de Sergipe e Diretor do Centro de Puericultura	
	Leccionou Higiene Geral no curso de auxiliar de Maternidade, pelo Departamento Nacional da Criança, em 1962	
João Batista Perez Garcia Moreno	Leccionou no Curso de Psicologia Infantil e Higiene Mental patrocinado pelo Departamento de Saúde Pública	Temas de Medicina Legal, em 1960
	Professor da Escola de Serviço Social	
	Leccionou no Curso de Formação de Professores Primários do Instituto de Educação Ruy Barbosa	
	Curso de Psicodiagnóstico, realizado no Rio de Janeiro em 1944	
	Curso de Higiene Mental e Psiquiatria Clínica pelo Departamento Nacional de Saúde	
Nestor Piva	Ministrou um curso de Psicologia para oficiais Federais de Aracaju, em 1947	Reticulo - Contribuição ao seu estudo nos Epitelionas Basculares, em 1951; Fibras Reticulares - sua natureza e importância, em 1952; Fibras Reticulares - sua significação nos processos patológicos da pele, em 1955. (Todos publicados na Semana Brasileira de Debates Científicos)
	Ministrou um curso de Psicanálise no Centro Acadêmico Silvio Romero, da Faculdade de Direito de Recife, em 1956.	
	Leccionou na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, em 1957	
	Curso de Especialização em Histoquímica, na Escola Baína de Medicina e Saúde Pública	
	Curso de Hemoterapia na Escola Baína de Medicina e Saúde Pública, em 1953	
	Curso de Extensão em Leprologia pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1958	
	Estagiário da Secção de Anatomia Patológica da Fundação Gonçalo Muniz, em Salvador, 1961	
	Chefe da Secção de Histologia e Histoquímica da Fundação Gonçalo Muniz, em Salvador, de 1955 a 1958	
	Patologista do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, em 1967	
	Diretor do Hospital de Cirurgia de Aracaju, em 1962	
	Patologista do Hospital Santa Isabel, em 1969	

Fonte: RELATÓRIO...(s/d).

Na tabela constam apenas alguns dos títulos e trabalhos publicados, tendo em vista os currículos serem densos. Tais nomes, mais do que o de médicos especialistas e atuantes, encontram, por certo, em seus currículos, a motivação para que compusessem o corpo docente da Faculdade de Medicina de Sergipe. O que revela, para além da preocupação com um corpo de professores qualificados, a visão de que todas as áreas da medicina deveriam ser contempladas.

2.4 Autorização e reconhecimento da Faculdade de Medicina de Sergipe

No dia 12 de novembro de 1960 a Comissão de Ensino Superior de Sergipe solicitou ao Ministério da Educação e Cultura, através do Parecer Nº 679, autorização para o devido funcionamento da Faculdade que, fundada em 1961, obteve seu reconhecimento apenas em setembro de 1966, através do Decreto n.º 59.226. No processo da concessão da autorização para o funcionamento da Faculdade de Medicina de Sergipe foi anexado um denso relatório informando, por exemplo, a entidade mantenedora, sua capacidade financeira, detalhes sobre os edifícios e instalações, as disciplinas do curso, o aparelhamento administrativo, as condições culturais da região, a organização didática e administrativa, o corpo docente e, principalmente, a justificativa da necessidade do curso de Medicina no Estado.

A situação financeira e patrimonial da Faculdade de Medicina de Sergipe foi um dos pontos positivos que favoreceu para a autorização do seu funcionamento. Além de receber um vultoso donativo do Governo do Estado, a saber, um prédio no valor de Cr\$ 20.000.000,00; recebeu ainda verbas para a construção de um pavilhão provisório nas dependências do Instituto Parreiras Horta, conforme já mencionado, para o funcionamento dos primeiros anos da Faculdade; uma subvenção anual no valor Cr\$ 1.500.000,00, das esferas Federal, Estadual e Municipal; além de renda de matrículas, transferências e anuidades. O balanço patrimonial, ativo e passivo, naquele período, por exemplo, atingiu Cr\$ 976.155.466,20, somado aí o patrimônio móvel e financeiro. O total de despesa, no entanto, foi de Cr\$ 156.602.279,70. As fontes mostram que, no passivo, o patrimônio líquido foi avaliado em Cr\$ 912.929.503,90 e que a renda total foi de Cr\$ 157.739.838,50, da qual, porém, cerca de 30 %, ou seja, Cr\$ 45.479.007,60, provém de auxílios e subvenções. (RELATÓRIO..., s/d).

Apesar da Comissão de Ensino Superior de Sergipe ter solicitado ao Ministério da Educação e Cultura a autorização para o funcionamento da Faculdade de Medicina em novembro

de 1960, sua autorização foi concedida apenas, efetivamente, em 11 de janeiro de 1961, através do Presidente da República Juscelino Kubitschek, pelo do Decreto Nº 49.864, com sua publicação no Diário Oficial da União em 12 de janeiro do mesmo ano. Mais que uma data, um símbolo para Sergipe, a autorização consagrou os anseio da classe médica, principalmente para o mentor dessa obra. Na visão de Conde Garcia (2008): “Com a sua Faculdade de Medicina, Antonio Garcia Filho permitiu que a Universidade Federal de Sergipe fosse criada. E ele esteve entre os líderes dessa nova batalha [...]”. (CONDE GARCIA, 2008, p.109). A concretização desse projeto foi tão importante na vida de Antonio Garcia que, durante uma entrevista concedida em dezembro de 1990 ao jornalista Osmário Santos, do Jornal da Cidade, mediante a pergunta: - “Uma realização?” e o entrevistado prontamente respondeu: “A Faculdade de Medicina de Sergipe”. Naquele ano, Antonio Garcia havia completado 74 anos de idade.

Depois de um ano de espera, Antonio Garcia Filho e seus colaboradores finalmente puderam colocar em plano os preparativos para o processo seletivo. Assim, com a preocupação de preparar e mobilizar a sociedade para a Faculdade de Medicina, o então Secretário criou, com o apoio do Núcleo Estudantil Pró-Universidade de Sergipe (NEPUS), o primeiro curso preparatório para vestibular do Estado e assim o denominou de Curso Pré-Vestibular “Dr. Oscar Nascimento”. Isto porque constou no rol de suas preocupações que outros interessados nos estudos da medicina, residentes de outros Estados, pudessem, por estarem mais preparados, ocupar as vagas oferecidas pela nova Faculdade. Com vistas ao bom desempenho dos estudantes, o próprio Antonio Garcia atuou como um dos seus professores, lecionando a disciplina Química. Conseguiu ainda a visita de um emissário do Ministério da Educação ao referido curso, com o interesse de que esse testemunhasse o trabalho que estava sendo realizado para fins da fundação da referida Faculdade. Conde Garcia (2008) enfatiza a importante atuação de seu pai para a fundação da Faculdade:

[...] não se furtou em colaborar para preparar a juventude do seu Estado, a fim de que ela pudesse usufruir a Faculdade de Medicina que decidira criar. Como se não bastassem suas atribuições de gestor público e de médico com grande clientela, Antonio Garcia Filho ministrou aulas de Química no citado curso pré-vestibular. Aliou-se aos seus diletos amigos Lourival Bomfim e Hercílio Cruz, também conscientes da importância social e histórica do processo em que estavam envolvidos, e prepararam uma plêiade de jovens talentosos que depois vieram a se formar pela Faculdade de Medicina de Sergipe. (CONDE GARCIA, 2008, p.39).

No dia 20 de março de 1961, após três meses da autorização, ocorre o evento tão esperado por Antonio Garcia Filho e pela “plêiade de jovens talentosos” que compuseram a primeira turma da Faculdade de Medicina. Sua aula inaugural ocorreu entre aplausos e “justas vibrações” dos meios universitários do Estado. (SERGIPE JORNAL, 1961). Uma data que ficou marcada na historiografia educacional sergipana e nas páginas dos jornais, conforme figura a seguir. Aquele seria o dia em que ele iria olhar para trás e ver que todos os seus esforços teriam valido à pena, não somente por ter alcançado seu objetivo, mas também por ter proporcionado aos sergipanos, principalmente às classes menos favorecidas, a oportunidade de cursarem Medicina em seu próprio Estado. Antonio Garcia Filho foi, segundo as palavras de Eduardo Conde Garcia, “um sonhador de sonhos concretos”. Sonhou, idealizou, planejou e concretizou. Suas obras marcam sua formação e sua vida profissional e, por isso, nos levam a acreditar ser Antonio Garcia Filho um intelectual. Isso porque, na acepção de Sirinelli (1996;1998) o intelectual deve ser caracterizado a partir de seu engajamento político e cultural, inseparavelmente. O intelectual deve estar situado na interseção do campo político e do campo da produção do conhecimento. Nesse sentido, o intelectual engajado é tanto aquele que escreve quanto aquele que atua no sentido de produzir e difundir um determinado conhecimento. Assim, levando-se em consideração a interpretação do que as fontes me dizem, os escritos de Sirinelli (1996;1998), a função e o lugar ocupado por ele, chego à conclusão de que Antonio Garcia Filho constituiu sua imagem social de homem militante, que deixou marcas na conjuntura política, educacional, cultural e social do Estado.

AULA INAUGURAL DA FACULDADE DE MEDICINA . . .

ARACAJU — Realizou-se ontem às 20 horas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe a aula inaugural da recém criada Faculdade de Medicina de Sergipe.

A aula constou de 2 trabalhos, um a cargo do Diretor da Faculdade Dr. Antonio Garcia Filho, e o outro do Dr. Silvano Izquierdo Laguna..

Figura 16 – Matéria noticiando a aula inaugural da Faculdade de Medicina de Sergipe, em 21 de março de 1961.

Fonte: Sergipe Jornal, 1961, nº14234, IHGS.

Compuseram a 1ª turma do Curso de Medicina ou a “plêiade de jovens talentosos” os acadêmicos Antonio Leite Cruz, que hoje desempenha suas atividades médicas em consultório particular como Pediatra; João Fernando Salviano, que exerce suas atividades médicas em consultório particular como Cirurgião Geral; Lydia Mesquita Salviano, já falecida; Maria Rosa Silva, que realiza suas atividades médicas no Programa de Saúde da Família; Simone Matos Moura e William de Oliveira Menezes, também já falecidos; e Zulmira Freire Rezende, que desempenha suas atividades médicas em consultório particular como Endocrinologista. A figura a seguir registra esses acadêmicos em uma aula prática no laboratório de Anatomia, ainda no pavilhão do Instituto Parreiras Hortas, em 1961.

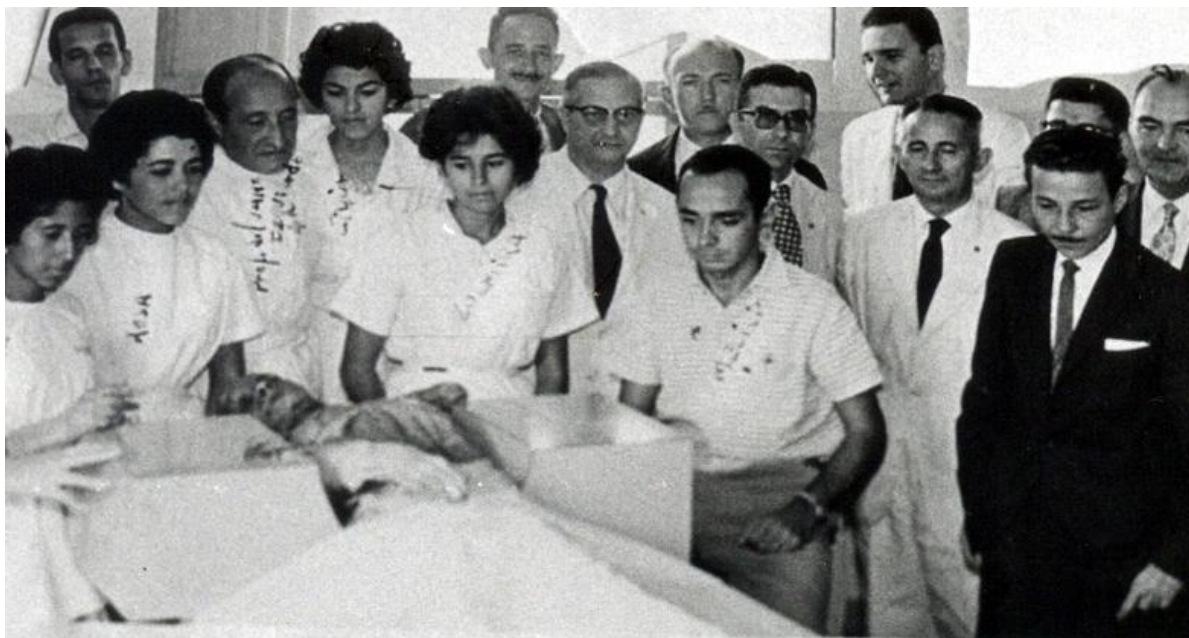


Figura 17 – Sala de aula para o ensino da Anatomia na Faculdade de Medicina de Sergipe, no pavilhão do Instituto Parreiras Hortas, em 1961. Visita de personalidades a uma dessas aulas. Da direita para a esquerda: Benjamin Carvalho, (?), Olímpio Campos, Carlos Melo, Antonio Garcia Filho (terno preto), (?), Bento Carvalho, Paulo Carvalho, Melício Machado, Álvaro Santana, Julianio Calazans, Lélío Fortes, Zulmira Rezende, Lydia Mesquita, Silvano Izquierdo Laguna, Rosa, Antonio Leite Cruz, Simone, Francisco Gomes da Silva e Salviano.

Fonte: Arquivo Morto da UFS, Caixa 40, Pacotilha 128.

No ano de 1962 a Sociedade Civil Mantenedora da Faculdade de Medicina de Sergipe se fundiu com o Hospital de Cirurgia, o que acabou resultando na criação da Fundação do Ensino Médico de Sergipe. Após a fusão, a Fundação do Ensino Médico de Sergipe ficou incumbida de manter não somente a Faculdade de Medicina de Sergipe, mas também as instituições: “Hospital de Clínicas Dr. Augusto Leite”, Casa Maternal Amélia Leite, Escola de Auxiliares de Enfermagem, Centro de Estudos, Centro de Puericultura Martagão Cesteira e o Instituto de Pesquisa e Medicina Experimental. Desta forma, a Faculdade passou a funcionar dentro do próprio Hospital de Clínicas Dr. Augusto Leite, melhorando consideravelmente o padrão do ensino prático. Vale ressaltar, porém, que a Faculdade de Medicina não usufruía gratuitamente das dependências deste hospital, sendo o governo do Estado responsável pelo pagamento do aluguel das áreas utilizadas, através das verbas destinadas para cobrir as despesas que o ensino exigia. (RELATÓRIO..., s/d).

O próximo passo seria, no entanto, o processo de reconhecimento da Faculdade. O Diretor da referida instituição, Antonio Garcia Filho, e sua equipe técnica e administrativa organizaram a documentação exigida e, junto a ela, a solicitação para a inspeção da Faculdade junto ao órgão responsável, qual seja, o Ministério da Educação e Cultura, MEC. Após dois anos da solicitação, o Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha, Inspetor Federal, emite um ofício, datado de junho de 1963, ao Diretor da Faculdade de Medicina de Sergipe, informando:

Tendo sido designado pelo Snr. Dr. Diretor do Ensino Superior pela Portaria 70, de 13 de maio de 1963, confirmada pelo telegrama nº1755, de 25.5.1963, juntamente com meu colega Dr. Antonio Bezerra Cabral e Prof. Otto Guilherme Bier para podermos verificação e consequente reconhecimento da Faculdade de Medicina dessa Capital e como pretendo seguir em breve dias, solicito de V. Excia. um entendimento urgente, antes de nossa ida em definitivo sobre este assunto, aqui nesta cidade, ou com pessoa que bem o represente. Apraz-me cientificar a V. Excia, que este acerto prévio dará ensejo a que possamos fazer um trabalho à altura do que exige o Ministério da Educação e Cultura e com justiça e absoluta correção para a Faculdade dirigida por V. Excia. Peço, entretanto, que na urgente viagem de V. Excia. a esta cidade, se faça acompanhar de um esboço de relatório, já naturalmente confeccionado para este fim. (CUNHA, 1963, p.1).

Antonio Garcia Filho e seus colaboradores aguardaram ansiosos pela chegada do Inspetor Federal encarregado de vistoriar e avaliar tanto as instalações infraestruturais, quanto o “currículo vitae” do corpo docente, a Diretoria, a Secretaria, a Tesouraria, a Biblioteca, o Conselho técnico e administrativo, a organização didática, a organização administrativa, o patrimônio, o meio cultural, o corpo docente, as atividades discentes, a necessidade do Curso Médico e, por fim, sua conclusão em relação a todos esses aspectos e seu parecer final quanto ao reconhecimento ou não da Faculdade de Medicina de Sergipe. Em relação às instalações infraestruturais, Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha atesta que a instituição estava:

[...] muito bem instalada em prédio próprio, tendo vários departamentos como sejam: Gabinete de Fisiologia, Gabinete de Bioquímica, Gabinete de Microbiologia, Gabinete de Farmacologia, Gabinete de Parasitologia, Gabinete de Biofísica, Gabinete de Histologia e Embriologia Geral, Anatomia e Fisiologia Patológicas, Anatomia descritiva e Topográfica, Enfermarias para Clínicas Cirúrgicas e Clínica Médica, Gabinete do Diretor, Secretaria, Sala dos Professores, possuidora de amplas salas de aula que bem condiz ao fim a que são

destinadas. Pertence êste majestoso edifício, dado suas várias dependências, à Fundação do Ensino Médico de Sergipe e por força da Lei, destinado a Faculdade de Medicina: Hospital de Clínicas Dr. Augusto Leite, Casa Maternal ‘Amélia Leite’, Escola de Auxiliares de Enfermagem, Centro de Estudos, Centro de Puericultura, Instituto de Pesquisa e Medicina Experimental, [...]. Bem situado em belíssimo local desta progressiva Cidade, à Avenida Desembargador Maynard nº 174, está enquadrado em um terreno próprio, que mede no lado Sul 111,65 metros pela Rua D. Bôsko no lado Leste com 110 metros, pela rua Permínio de Souza no lado Norte com 111,65 metros e pela N.S. das Dôres no lado Oeste com 110 metros. (CUNHA, 1963, p.2).

No relatório do Inspetor Federal, enviado ao Diretor do Ensino Superior, o professor Durmeval Trigueiro Mendes, constavam detalhes de cada item avaliado, a exemplo da quantidade de funcionários da Secretaria e da Tesouraria da Faculdade de Medicina, bem como o nome dos mesmos e a relação dos móveis e objetos em cada sala vistoriada. Para o Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha, “Os móveis e utensílios são os mais modernos enquadrando-se de forma eficiente no fim a que é destinado [...]. [...] Fichários de aço, móveis de tesouraria e de secretaria, pastas identificadoras dos alunos, bureaux e móveis de madeiras também próprios e modernos” (CUNHA, 1963, p.2,3). A biblioteca também foi vistoriada pela comissão, apresentando pontos positivos em relação aos compêndios, enciclopédias, anais e revistas. Em relação ao item “Organização Didática”, o inspetor relatou que a Faculdade de Medicina possuía cursos bem organizados “[...] haja vista a tarefa de organizar trabalhos tendentes as suas disciplinas de base, experimentais, obedecendo a um estilo moderno, eficiente e científico e ao mesmo tempo prático, conseguindo o máximo de aproveitamento de seus alunos”. (CUNHA, 1963, p.3).

Com relação à análise do relatório do Inspetor Federal a respeito do reconhecimento da Faculdade de Medicina de Sergipe, o “Meio Cultural” foi outro aspecto avaliado pelo Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha. Nesse aspecto, ele faz um apanhado acerca do quadro do ensino na Capital. Segundo ele, em 1963, havia cerca de vinte e sete mil alunos distribuídos entre o ensino superior, médio e primário e que Aracaju dispunha ainda de ampla rede de ensino. Além das Escolas superiores, que eram a Faculdade de Química de Sergipe, a Faculdade de Economia de Sergipe, a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a Faculdade de Direito de Sergipe, a Faculdade de Odontologia de Sergipe e a Faculdade de Medicina de Sergipe, havia ainda vinte e três instituições educativas ministrando o ensino médio, dentre as quais quatorze eram ginásias, e cento e setenta ministrando o ensino primário. Para o Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha, a cidade de Aracaju apresentava um bom meio cultural e que, além das instituições educativas

mencionadas, a capital apresentava “[...] um grande número de associações de caráter cultural e entre elas citamos, Centro Cultural de Sergipe, Academia Sergipana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Associação Franco Brasileira, Instituto Brasil Estados Unidos, Associação Sergipana de Imprensa, Sociedade Médica de Sergipe e Instituto dos Advogados de Sergipe”. (CUNHA, 1963, p.4).

Dentre as oito associações de caráter cultural citadas pelo Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha, Antonio Garcia Filho atuou, seja como Diretor ou como membro, em seis delas, quais sejam, Centro Cultural de Sergipe, Academia Sergipana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Associação Franco Brasileira, Associação Sergipana de Imprensa e a Sociedade Médica de Sergipe. Tal fato permite trilhar um caminho que remete à conjuntura social e cultural de um período histórico, que teve em suas atuações, fatos que deixaram marcas no tempo. Sirinelli (1997, p.274) destaca a importância de estudar aqueles que exerceram influência política e cultural em uma dada época, atentando não apenas para suas ações, mas considerando também as ideologias produzidas ou veiculadas por esses intelectuais. Para o autor, essa “classe” é caracterizada pelo seu poder de influência, isto é, de ressonância e de amplificação, refletidas na sociedade pela legitimidade das tomadas de decisão e ações proeminentes no tocante a matéria cultural.

No último aspecto avaliado pelo Inspetor Federal, qual seja a “Necessidade do Curso Médico”, o Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha ressalta não só a importância de uma Faculdade de Medicina para o Estado de Sergipe, mas também sua necessidade, tendo em vista as vias de progresso que Sergipe se encontrava naquela época, em 1963. Segundo o Inspetor:

Sergipe é um Estado de grandes trabalhos e de franco progresso. O seu povo tão bem conhecido como honesto e de boas organizações se apresenta aos outros Estados da Federação como pioneiro das ótimas iniciativas, e apesar de sempre seus governos sentirem falta de apoio monetário precioso, para levantamento de obras inadiáveis e um esforço extremo tudo vai se fazendo nesse Estado, graças ao valor de seus filhos. Uma Cidade como esta, cujo povo tem disposição para o trabalho, não pode deixar de ter sua Faculdade nos moldes modernos como se acha, amparada solenemente por uma Instituição de valor como é a Fundação do Ensino Médico de Sergipe. Comporta a cidade de Aracaju não somente a Faculdade de Medicina, como outras Escolas Superiores, para complemento de seu legítimo senso cultural. Há portanto necessidade absoluta desta Faculdade. (CUNHA, 1963, p.5).

Por fim, chega o momento em que o Inspetor Federal e sua equipe, no dever de suas atribuições, chegam à “Conclusão” quanto à inspeção para o devido reconhecimento da Faculdade de Medicina de Sergipe. O parecer da equipe Federal ficou assim disposto:

De tudo que visitamos, olhando com rigor absoluto o que exigem as Leis Federais do Ensino Superior, atendente de modo eficiente as exigências do Decreto-Lei nº421, de 11 de maio de 1938, no seu artigo 4º letras de A a G, modificado pelo Decreto-Lei 2.076 de 8 de março de 1940, possuindo a Fundação do Ensino Médico de Sergipe a finalidade de desenvolver o Ensino Superior no Estado; sob sua perfeita orientação benfazeja, que releva a plano superior este “*desideratum*” formando assim um recurso próprio para manutenção desta e de outras Faculdades, graças a sua bela situação monetária e por exigir o meio cultural da cidade de Aracaju, em franco desenvolvimento neste imenso Brasil, somos de parecer, que depois de lido e examinado por V. Excia., e por ser de justiça, seja encaminhado o relatório, anexo ao presente parecer, ao Egregio Conselho Federal de Educação, para o devido reconhecimento da Faculdade de Medicina de Aracaju, Estado de Sergipe. (CUNHA, 1963, p.5).

Apesar do parecer favorável do Dr. Florêncio Rodrigues da Cunha, em 1963, o devido reconhecimento da Faculdade de Medicina de Sergipe ocorreu, efetivamente, em setembro de 1966, através do Decreto n.º 59.226, ano de formatura da primeira turma da Faculdade. Vale ressaltar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, em seu artigo 9º, letra B, previa o prazo para o reconhecimento de Instituição de Ensino Superior, pelo Conselho Federal de Educação, de dois anos de funcionamento regular.

Levando-se em consideração os fatos aqui expostos, o que fica evidenciado é que, através da atuação política do governador Luiz Garcia e do Secretário Antonio Garcia Filho, a fundação da Faculdade de Medicina deixa o lado meramente alusivo e passa a ser uma realidade. Quanto à atuação de ambos os dirigentes políticos e a fundação da Faculdade, Garces (2011) afirma que “[...] a Faculdade nasceu porque Antonio Garcia soube conquistar o apoio do seu irmão Governador Luiz Garcia. Soube transformar a quimera, o letárgico sonho, numa firme decisão de governo”. (GARCES, 2011, p. 15). O autor discorre ainda acerca da importância desse intelectual sergipano, bem como da atuação do Secretário quando afirma que: “[...] Dr. Antonio Garcia Filho se tornou, por sua dedicação, esforço, liderança e pela sua privilegiada posição social e política na sociedade sergipana, a mais importante figura na criação da Faculdade de Medicina, removendo com grande esforço todos os obstáculos e realizando o grande sonho dos

sergipanos”. (GARCES, 2011, p. 15). O médico José Arnaldo também revelou que Antonio Garcia Filho “Foi um grande professor. Uma pessoa distinta, responsável e pontual. Ele foi um marco na História da Medicina de Sergipe, principalmente, e também como educador”. (PALMEIRA, 2012). Desse modo, as fontes me revelam que Antonio Garcia Filho tornou-se personagem principal na história da Faculdade de Medicina de Sergipe, contribuindo com a educação e o desenvolvimento social do Estado. Ainda referente à fundação da instituição educativa, Conde Garcia (2008) afirma que:

[...] Antonio Garcia Filho foi além do sonho. Ele foi seu FUNDADOR, aquele que realmente concretizou a ideia de se ter uma escola desse porte. Por isso, merece ser reconhecido como tal. É verdade que contou com a ajuda de amigos e idealistas, mas se não foi ele o primeiro a pensar na faculdade, foi dele que brotou a atitude, o trabalho e a persistência para que a obra nascesse. ‘Deus quer, o homem sonha e a obra nasce’, conforme Fernando Pessoa. (CONDE GARCIA, 2008, p.46, grifo do autor).

Conde Garcia (2008), ciente da importância dessa instituição educativa, encerra sua obra recitando um texto, fruto de um ofício-circular em fevereiro de 1968, encaminhado por Antonio Garcia Filho ao Presidente da Fundação do Ensino Médico, ao final dos seus oito anos de mandato como Diretor da Faculdade de Medicina de Sergipe. Segundo ele: “A vitória é dupla: A Faculdade de Medicina de Sergipe como realidade irreversível e, por causa dela, a instalação da Universidade Federal de Sergipe”. (CONDE GARCIA, 2008, p.113). Isto porque Sergipe possuía apenas cinco Faculdades e faltava uma sexta para que o Estado pudesse pleitear a criação de sua Universidade Federal, pois, conforme explícito no Capítulo II, artigo 79 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), “As universidades constituem-se pela reunião, sob administração comum, de cinco ou mais estabelecimentos de ensino superior”. (BRASIL, Lei nº 9.394, 1996).

Ainda acerca da importância da Faculdade de Medicina de Sergipe, o médico José Arnaldo Palmeira discorre que a fundação dessa instituição:

Significou um avanço muito grande. Até porque existiam muitos Estados brasileiros sem uma Faculdade de Medicina. E um dos menores Estados da Federação já possuía sua Faculdade de Medicina, isso foi muito importante para

o povo sergipano. E ali servia de ambulatório para as pessoas pobres, aumentando o fluxo de atendimento médico no Estado, né, facilitou bastante. Foi um grande avanço para a Medicina em Sergipe. (PALMEIRA, 2012).

2.5 Sergipe, enfim, forma seus primeiros médicos

Amor à Medicina e ao Estudo Integrado! Do Estudo Integrado fala a filosofia de ensino adotada em vossa Faculdade, vencendo os praticistas que julgam a Medicina ser uma Arte que se aprende nas bulas dos laboratórios, ou uma técnica que prepara apenas especialistas. [...]. A Ciência como vedes, tornou-se Integral: do fenótipo e do genótipo; dos sinais e sintomas; do conhecimento do sofrimento celular; da célula e da molécula. O médico deve cercar-se desses conhecimentos que somente o Estudo Integrado lhe proporcionará. Esta tem sido a filosofia de ensino da vossa faculdade e vos, jovens médicos de Sergipe, soubeste valorizar o esforço dos vossos ilustres e abnegados mestres. [...]. Nascemos, assim, de um ciclo de esforços conjugados, vencendo as indiferenças e as armadilhas que os opositores espalhavam no caminho. Todavia esquecemos, como esqueceste, as decepções sofridas, na certeza de que ninguém teria podido arrancar o ideal de nossas mãos. Assim, resta-me agradecer-vos e vos desejar felicidades e muitas vitórias!

(GARCIA FILHO, 1966)

Esta epígrafe é parte do discurso proferido por Antonio Garcia Filho durante a sessão solene da colação de grau da primeira turma da Faculdade de Medicina de Sergipe. Percebi em seus parágrafos o quão emocionado estava o fundador, o professor e paraninfo. Discorreu seu discurso entre a razão, a emoção e a semântica. Começa, no entanto, por agradecer ao “Criador”. Debate, de forma sucinta, alguns artigos científicos, a exemplo dos estudos de Beadle e Tatum acerca do *Neurospora*, um fungo que produz complexas moléculas protéicas a partir de açúcar e sais inorgânicos; os estudos de Griffith acerca da bactéria *pneumococos*; os estudos de Hershey e Chase acerca da constituição nucléica dos fungos, dentre outros estudos. Vários são os temas abordados por Antonio Garcia Filho, a exemplo do avanço da medicina, do estudo integrado, da Biologia molecular, do DNA e RNA, do amor à medicina, da criação da Faculdade, bem como dos “obstáculos” e “armadilhas” pelos quais passou para fundação dessa instituição educativa.

Apesar de vasculhar as fontes, não somente as impressas, mas também as orais, na esperança de encontrar explicações plausíveis que me levem ao entendimento dos termos citados por Antonio Garcia Filho, quando ele argumenta as dificuldades pelas quais passou para a

fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, elas pouco me disseram. A impressão que fica é que, no processo de instalação e funcionamento da referida instituição educativa, alguns mistérios pairam no ar, e que aqueles que vivenciaram o fato se ocultam, dificultando compreender o passado, de tal modo, que não podemos desvelá-lo e trazer suas representações para o presente. Remeto-me ao próprio Antonio Garcia Filho quando afirmou que: “[...] poderosas forças, algumas de hábito ocultas, insurgiram-se contra a mesma [a Faculdade de Medicina de Sergipe], criando obstáculos, omitindo-se nas oportunidades necessárias ou formando o ‘front’ do silêncio”. (GARCIA FILHO, 1968, p.2). Nem mesmo seu fundador nos revelou esse enigma. Nesse mesmo sentido Conde Garcia (2006) nos adverte:

A razão dessa intolerância talvez estivesse na luta das oligarquias pela manutenção dos privilégios, pois o Governador Luiz Garcia era filho de uma família humilde de Rosário do Catete, interior de Sergipe. Desta forma, ele não se enquadrava nem como membro da oligarquia rural, nem da oligarquia urbana. Por isso, uma obra da importância de uma Faculdade de Medicina estava fadada a incomodar os poderosos. A análise que faço neste ensaio é da minha inteira responsabilidade. Deixo, contudo, para o futuro – quando o tempo tiver domado completamente as paixões – a oportunidade para que alguém decifre os enigmas e traga à luz, se houver interesse maior, os que estiveram a favor e os que lutaram contra a criação da Faculdade de Medicina de Sergipe. Os fatos históricos, como sabemos, devem ter um intransigente compromisso com a verdade. Somente assim, eles podem contribuir para que se faça a correta justiça aos homens e à História. (CONDE GARCIA, 2006, p. 105-106).

No entanto uma coisa é certa: para Antonio Garcia Filho, as “poderosas forças”, “obstáculos”, “armadilhas de opositores”, tampouco a “luta das oligarquias”, não impediram seu engajamento na causa e na concretização dos seus objetivos. Engajar-se é ostentar uma atitude no mundo, é adotar partido e assumir as temeridades inerentes a esta atitude. Certas circunstâncias históricas não permitem a neutralidade política. Por outro lado, o engajamento implica na escolha de um dos lados em disputa. E esta foi a atitude adotada por Antonio Garcia Filho. Escolheu o lado do progresso, da modernização e do cientificismo e, calcado nessa tríade, contribuiu para o quadro educacional, cultural e social do Estado.

Depois de cinco anos de profícua existência, calcada na cientificidade, chega o momento mais esperado, não somente para os acadêmicos, mas também para os docentes, em especial para Antonio Garcia Filho por estar presente nesse evento e poder prestigiar a formatura

da primeira turma da Faculdade de Medicina de Sergipe. Os acadêmicos aproveitaram o ensejo para prestigiar o fundador e professor da faculdade e o convidaram, conforme já mencionado, para ser o paraninfo da turma. Conforme a ex-aluna e médica Zulmira Rezende, a relação aluno-professor era harmoniosa e, segundo seus relatos:

[...] nós, alunos da primeira turma, nos ficamos muito amigo de Dr. Antonio Garcia. Ele tinha uma característica. Ele era uma pessoa muito educada, um intelectual, uma pessoa culta, preparada, carinhosa, gentil, entendeu? Ele foi o primeiro paraninfo, né? Ele foi o paraninfo da minha turma porque nós tínhamos por ele um afeto muito grande e foi assim a pessoa mais importante na criação da faculdade. (REZENDE, 2011).

A solenidade de formatura ocorreu no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e marcou não somente a vida da sociedade sergipana, mas também a história educacional do Estado. Após a colação de grau, os alunos da primeira turma da Faculdade de Medicina se dirigiram para o Iate Clube, local onde foi promovido um coquetel de conagração em homenagem aos formandos pelo Laboratório Carlo Erba. Das personalidades que se fizeram presentes para prestigiar o acontecimento, constam: professores da Faculdade, médicos sergipanos, Inspetora Federal do MEC, clérigos e arcebispo, políticos, autoridades, além dos acadêmicos e familiares, conforme nos revelam as figuras a seguir:



Figura 18: Alunos da primeira turma acompanhados pelo Diretor da Faculdade, o professor Antonio Garcia Filho (primeira fila à direita) e do Ex-Governador Luiz Garcia e do Presidente da Sociedade do Ensino Médico e professor Benjamin Carvalho (primeira fila à esquerda). Ainda na primeira fila as acadêmicas (da esquerda para a direita): Maria Rosa Silva, Lydia Mesquita Salviano, Simone Matos Moura e Zulmira Rezende. Na segunda fileira: Antonio Leite Cruz, João Fernando Salviano, Melício Machado e William de Oliveira Menezes. (Foto: 1966; IHGS).

Fonte: Acervo do ITBEC



Figura 19: Colação de grau da primeira turma de médicos da Faculdade de Medicina de Sergipe. Primeira fileira da direita para a esquerda: Lucilo da Costa Pinto, Nestor Piva, José Machado de Souza, Lauro de Britto Porto, José Augusto Barreto, Hugo Gurgel, Juliano Calazans Simões. Segunda fileira: Inspetora Federal Celina Oliveira Lima, D. Luciano Cabral Duarte, D. José Vicente Távora (arcebispo), Antonio Garcia Filho (Diretor da Faculdade), Governador Celso de Carvalho, Manoel Cabral Machado, Darcílio Melo Costa. (Foto: 1966; IHGS).

Fonte: Acervo do ITBEC



Figura 20: Colação de grau da primeira turma de médicos da Faculdade de Medicina de Sergipe. Na mesa diretora: D. Luciano Cabral Duarte, professor Antonio Garcia Filho. Em baixo: professor José de Aloysio de Andrade, professor Benjamin Carvalho, professor Walter Cardoso, professor Juliano Simões, professor Hugo Gurgel e a acadêmica Zulmira Rezende. (Foto: 1966; IHGS).

Fonte: Acervo do ITBEC

Dentre os cinquenta e quatro inscritos no primeiro processo seletivo para o ingresso na Faculdade de Medicina de Sergipe, em 16 de fevereiro de 1961, apenas nove foram aprovados e, dentre estes, apenas sete se formaram, em 1966. Em 1967 esse número de formandos cresce para quatorze; em 1968 a Faculdade de medicina forma onze médicos sergipanos. Foi a primeira turma de Médicos da Universidade Federal de Sergipe, após a consolidação das faculdades isoladas. Em 1969, esse número se repete, ou seja, a Universidade Federal de Sergipe forma onze médicos. Em 1970, esse número sobe para dezesseis. E assim, o Estado foi formando seu arsenal de médicos e a Faculdade de Medicina de Sergipe, durante cinquenta anos, exerceu seu papel sócio-educacional ocupando a posição de pioneira e única, isto porque o segundo curso de medicina no Estado foi criado apenas em 2011, pela Universidade Tiradentes.

Vale aqui registrar alguns dos médicos formados pela Faculdade de Medicina de Sergipe, bem como o rumo que estes tomaram no sentido de contribuir, não somente para o campo educacional, mas também para o campo da saúde, já que alguns associaram à docência o ofício da medicina. Formados na primeira turma, em 1966, elenco: Lydia Mesquita Salviano, que seguiu carreira médica do INAMPS e depois do INSS a partir de 1967, na cidade de Propriá/SE. Após quatro anos de sua formação, em 1970, iniciou atividade docente na Universidade Federal de Sergipe, como professora assistente de ginecologia e obstetrícia. Fez especialização em ginecologia e obstetrícia, a qual favoreceu exercer o cargo de diretora, em 1974, da maternidade Hildete Falcão Batista, em Aracaju. William de Oliveira Menezes que, logo após a formatura, em 1967, fez curso na Escola Superior de Oficiais da Saúde do Exército Brasileiro no Rio de Janeiro, chegando a Tenente-Coronel. Atuou como médico no 28º Batalhão de Caçadores, além de exercer a especialidade de urologia no Hospital de Cirurgia, Hospital Santa Isabel, Hospital da Polícia Militar e no Hospital São José, todos situados em Aracaju. (SANTANA *et al.*, 2009).

Lauro Augusto do Prado Maia, médico formado pela segunda turma da Faculdade de Medicina de Sergipe, em 16 de dezembro de 1967, especializou-se em otorrinolaringologia. Durante o Governo de Antônio Carlos Valadares, exerceu o cargo de Secretário de Estado da Saúde e do Bem-estar Social e Secretário da Ação Social. Em 1968, conforme já mencionado, a Universidade Federal de Sergipe forma sua primeira turma de médicos, na qual destaco o médico, o professor e o escritor Eduardo Antonio Conde Garcia. Em 1975 fez doutorado em Biofísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; um ano mais tarde fez Pós-doutorado no Instituto

Venezolano de Investigaciones Científicas, em Caracas na Venezuela; foi presidente da Academia Sergipana de Medicina; foi o fundador do laboratório de Biofísica do Coração na Universidade Federal de Sergipe; foi professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Cardiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; hoje é professor titular de Biofísica e professor do Programa de Mestrado em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Sergipe. (SANTANA *et al.*, 2009).

Também faz parte do grupo de médicos formados pela Faculdade de Medicina de Sergipe o médico Manoel José Leal. Após sua formação, em 28 de dezembro de 1969, especializou-se em neurologia e exerceu atividades de pesquisa, o que resultou na criação de um aparelho ao qual denominou de “moxabustão indireta”. Tal aparelho tinha por objetivo o tratamento de várias afecções por meio da estimulação da pele através de rodela de gengibre. O aparelho foi patenteado internacionalmente e chegou a ser apresentado em sessão científica na Sociedade Médica de Sergipe em 1995. Mayra Cardoso Torres de Carvalho, que se formou na turma de 1970, se dedicou à cirurgia geral. Sob a orientação do médico e professor Fernando Paulino, fez internato e residência médica em Cirurgia na Clínica São Vicente. Atuou também nas áreas de Cirurgia Pediátrica no Hospital Jesus e neonatologia no Centro de Prematuros do Rio de Janeiro (CEPERJ), com o médico e professor Nicola Albano. A partir da década de 1990 dedicou-se à área de administração hospitalar, na Clínica Bambina Emergências, em Botafogo, e o Doctor Day-Hospital, na Barra da Tijuca, ambos de sua propriedade. (SANTANA *et al.*, 2009).

Assim sendo, levando-se em consideração o itinerário dos médicos mencionados, a Faculdade de Medicina de Sergipe teve um papel fundamental não somente no desenvolvimento da construção no campo da história da Medicina em Sergipe, mas também para o campo educacional e social. Dentre as suas contribuições, posso elencar a oportunidade de se cursar medicina no próprio Estado, principalmente para aqueles menos favorecidos economicamente e a viabilização de conhecimentos específicos, a exemplo de salubridade, de higiene e de sanitário. Para o campo social, a referida instituição educativa proporcionou a ampliação do quadro médico em Sergipe, ampliou o atendimento à comunidade carente, agregou um grupo de médicos com currículos ricos, possibilitou a criação de consultórios e clínicas particulares, desafogando e contribuindo assim com a rede pública. Assim, ao focar o olhar para essa direção foi possível vislumbrar a importância da Faculdade de Medicina de Sergipe. Ao aliamos tais indicadores, temos a função sócio-educacional da referida instituição educativa. Isso porque tais

indicadores lhes dão corpo e significado e esses vão além do ensino da Medicina. Assim como foi além o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”.

2.6 O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”: saberes médicos em prol da educação e da cidadania

BALADA DA REABILITAÇÃO

As estrelas não estavam paradas
 Corriam
 Saltavam
 Cantavam
 Eu vi com olhinhos
 Que eram estrelas
 Pois tinham os cantinhos
 Cheirinhos de luz
 Ouvi
 Alegres baladas
 Nas cores singelas das alvoradas.

Mas ali...
 Bem ali na borda do céu
 Nas nuvens que formam o céu
 Que a tristeza conduz,
 Também vi
 Estrelinhas quebradas
 Paradas
 Ao lado da dança de roda
 Das filhas da luz

Chamei companheiros
 Dos brinquedos da vida
 E fizemos escada
 Estirada
 Levando coisinhas
 Para consertá-las
 Algumas até em forma de cruz.
 Subindo e descendo
 Levamos livrinhos, brinquedos
 Madeira, metal, aparelhos
 E todas
 Corriam
 Saltavam
 Cantavam
 E eu vi o sorriso
 Do CRISTO-JESUS.

(GARCIA FILHO, s/d)

Este poema, proferido por Antonio Garcia Filho em alusão às crianças deficientes, além de revelar o seu viés artístico e poético, revela também a preocupação com uma parcela da sociedade carente de educação e reabilitação física. Isto porque Sergipe contava com um número significativo de deficientes físicos, os quais não tinham a oportunidade de participar de um programa de reabilitação através da fisioterapia, tampouco a sua inclusão em uma sala escolar. Foi pensando assim que o Secretário de Educação, Cultura e Saúde atentou para a necessidade de uma instituição educativa que também proporcionasse reabilitação consorciada.

As instituições educacionais voltadas para crianças deficientes vêm integrando o percurso de pesquisadores da educação, ampliando as possibilidades destes construírem a historiografia da educação especial, além de mergulhar no universo escolar de outros tempos em determinado contexto sociopolítico. A educação especial é um campo recente de prática social. Foi somente a partir do século XX que as instituições dedicadas ao cuidado da criança sobre diferentes aspectos da saúde e sobrevivência, passaram a integrar a pauta das discussões oficiais políticas, objetivando a consolidação e legitimação dessa parcela da sociedade brasileira, carente de serviços educacionais. Esses espaços, destinados ao ensino, à transmissão e mediação de saberes, é responsável, através de seus docentes, por propiciar ferramentas e vivências aos alunos para que possam participar, enquanto cidadãos, de uma “vida pública” na sociedade em que vivem.

A intenção de Antonio Garcia Filho com a fundação da referida instituição educativa era levar adiante o ideal de uma escola capaz de dar boa formação aos deficientes da época, além de integrá-los à sociedade. Sua preocupação com os deficientes fica evidente no poema acima, no qual as “Estrelas” à que ele se refere são crianças normais e as “estrelinhas quebradas, paradas, ao lado da dança de roda” são as crianças deficientes. Foi pensando nessa disparidade e acreditando na reabilitação e nos trabalhos manuais como forma de tratamento e recuperação, além de elevar a autoestima desses indivíduos que, desde os tempos remotos, sempre foram esquecidos pela sociedade, que ele projetou o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”. Isso ele afirma quando diz que “Levamos livrinhos, brinquedos, madeira, metal, aparelhos” para consertá-los, e “Todas corriam, saltavam, cantavam”. Os termos madeira e metal fazem parte dos recursos metodológicos das aulas de Artes Industriais que o Centro promovia como forma de tratamento, recuperação e preparação dos deficientes para o mercado de trabalho.

Após vasculhar as fontes, na intenção de compreender o interesse de Antonio Garcia Filho pela recuperação dos indivíduos deficientes, encontrei, acredito, algo que me desse essa resposta. Ao levar em consideração que quem dá sentido ao documento é o pesquisador por meio da interpretação, as informações contidas em uma das Revistas da Academia Sergipana de Medicina me levam a acreditar que esse interesse tenha aflorado durante o processo da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe, quando Antonio Garcia Filho viajou até a Europa para visitar os Departamentos de Bioquímica e Fisiologia da Faculdade de Medicina de Paris. Lá, encontrou uma colega, a professora Clotilde Lourdes Branco Germiniani, que estava desenvolvendo um trabalho no Hospital Pitié Salpêtrière, fruto de um Pós-Doutorado. Curioso, Antonio Garcia Filho visitou o referido Hospital e fez questão de conhecer os serviços de recuperação, ficando encantado com os resultados do tratamento. Segundo Clotilde Germiniani, “A fisioterapia, no Brasil daquele tempo, acho que estava engatinhando, entretanto, na Salpêtrière havia instalações de primeira qualidade e os tratamentos mostravam resultados absolutamente fantásticos na reabilitação de pacientes com diferentes comprometimentos neurológicos ou ortopédicos. (GERMINIANI, 2006, p.3).

Depois da visita ao Hospital Pitié Salpêtrière, em Paris, Antonio Garcia Filho sentiu a necessidade de uma Clínica de recuperação em Sergipe, já que o Estado não contava com esse tipo de serviço. Assim, ele criou o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, que caracterizou-se, sobretudo, pela priorização e reabilitação do deficiente e a sua formação integral de forma a incluí-lo nas diversas esferas da vida social. Segundo Magalhães (2004, p. 147) “[...] a história de uma instituição educativa traduz-se na construção de uma identidade cultural e educacional, que resulta da articulação do itinerário histórico com o modelo educacional.” Assim, no que diz respeito aos espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, ou seja, as instituições, Magalhães revela que:

A história de uma instituição educativa inicia-se pela reinterpretação dos históricos anteriores, das memórias e do arquivo, como fundamento de uma identidade histórica. Esta identidade implica ainda, para além da internalidade, a inscrição num quadro sociocultural e educacional mais amplo, constituído pela rede de instituições congêneres e pelo sistema educativo. (MAGALHÃES, 2004, p. 147).

Assim sendo, foi buscando os “historiais anteriores” que busquei compor o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” e assim traduzir sua identidade. Isso porque, quando falamos em Educação Especial percebemos uma fragilização estrutural, tanto em termos de implemento das políticas públicas, quanto ao processo de capacitação profissional para lidar com o deficiente em sala de aula. A Educação Especial é um ramo da Educação cuja finalidade é o atendimento a alunos com determinadas necessidades especiais. Geralmente, essa educação é realizada em instituições especializadas, tais como escolas para surdos, escolas para cegos, escolas para deficientes mentais, ou ainda aquelas escolas que se dedicam a vários tipos de deficiência, como era o caso do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”. Essas instituições, no entanto, necessitam de materiais, de equipamentos e de professores especializados para proporcionarem o respeito, o cuidado, a educação e o desenvolvimento psicológico e social da criança.

2.7- A “Escola de Cegos”: primeira tentativa de uma educação especial em Sergipe

Desde os tempos remotos, muitas pessoas de nossa sociedade, em diferentes épocas de nossa história, demonstram atitudes de discriminação e menosprezo aos deficientes. Esse mesmo grupo marginaliza, reprime e priva esses indivíduos de serem reconhecidos e tratados como cidadãos com plenos direitos. Apesar de esses deficientes terem uma peculiaridade que os diferencia, apresentam um fator comum que os tornam semelhantes a tantos outros grupos, ou seja, são considerados minoria e sofrem um processo de exclusão social (ARANHA, 2001). Em Aracaju, por exemplo, até 1962 esse quadro de exclusão era bastante intenso, principalmente pela inexistência de instituições de ensino que acolhessem essas pessoas, bem como a falta de clínicas, sejam públicas ou privadas, para o atendimento dos deficientes. Somente a partir da década de 1980 que as instituições educativas voltadas para a educação especial em Sergipe passaram a compor um número relevante no quadro educacional, apesar das dificuldades de mantê-las, principalmente em relação ao aspecto financeiro e à falta de profissionais qualificados para o atendimento à clientela. Segundo os escritos de Souza (2005), estudiosa desse processo:

No que se refere especificamente a atuação do Estado e do Município, apesar de terem contribuído para melhorar o quadro da Educação Especial em Sergipe, nas ultimas décadas, o que falta [...], não é o suporte financeiro ou de profissionais especializados, porque atualmente o investimento federal tem sido representativo nesse sentido e o numero de profissionais especializados é razoável, ao compararmos com o numero existente até a década de 1980, mas sim uma política educacional séria e continuada. (SOUZA, 2005, p.115-116).

No Brasil, o Instituto dos Meninos Surdos-Mudos, fundado em 1856 e sediado no Rio de Janeiro, foi a primeira instituição voltada para indivíduos deficientes. Em Sergipe, porém, a primeira tentativa ocorreu através das ações do Senador sergipano Carvalho Neto que tentou criar, através do Projeto nº 480/1921, uma escola voltada para a Educação Especial no Estado. Carvalho Neto (1937, p.52) acreditava que “O Brasil está, de tal sorte, fóra do movimento universal da pedagogia dos anormaes”, relegando a educação dos deficientes para um segundo plano. O referido Projeto, em seu artigo 1.º alínea “a”, instituía a criação de “[...] escolas de aperfeiçoamento e classes especiaes, nas escolas primarias communs, para a infancia mentalmente atrasada, em cada uma dos capitães dos Estados e do Districto Federal”. Já o artigo 2.º defendia a contratação de professores especializados da França ou dos Estados Unidos, ou que fossem enviados para esses países médicos e professores brasileiros, para que os mesmos fossem treinados e capacitados para lidar com a educação desses deficientes. Para Carvalho Neto,

O que é essencial, no presente, é que saiamos da inercia para a actividade, compreendendo claramente que não há problema de maior urgencia para a segurança da nossa nacionalidade do que a Intruscção Publica, ou em termos que melhor digam, a Educação Brasileira! E na ampla significação destes termos, o problema da educação dos anormaes, a que se tem alheiado, como uma excepção ingloria entre as nações civilizadas, o nosso caro, o nosso amado Brasil. (CARVALHO NETO, 1937, p.69).

O Senador Carvalho Neto defendia uma educação pública e de qualidade, incluindo o direito de instrução às crianças deficientes. Para ele, a educação da criança deficiente tinha duas finalidades: A criança “1.º [...] não se tornar nociva ao meio social, [...] e 2.º, tornal-a capaz de trabalho, educal-a para um officio, para saber decidir-se por uma profissão, que a integre na sociedade como elemento de economia e jamais com a função de parasita, pesando sobre o Estado ou sobre os indivíduos. (CARVALHO NETO, 1937, p.71). O projeto de Carvalho Neto

não chegou a ser posto em prática e a capital sergipana continuou sem uma política pública voltada para pessoas deficientes. Tal situação persistiu por mais três décadas quando, em 1950, é criada uma Escola para Cegos, considerada a primeira iniciativa sistemática na educação do deficiente em Sergipe. Conforme já citado anteriormente, a Escola de Cegos começou como iniciativa filantrópica da Igreja Católica e funcionou nas dependências do SAME até o ano de 1959, quando foi desativada por causa da morte da professora Maria Helena Barros, a única da instituição. Com a medida, os cegos ficaram sem atendimento por aproximadamente três anos, até a fundação do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, em 1962. Tal qual o objetivo do Projeto nº 480/1921 do Senador Carvalho Neto, Antonio Garcia Filho, ao fundar o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, comungava dos mesmos princípios. Era, também, o objetivo do Centro recuperar e preparar os indivíduos deficientes para o mercado de trabalho, tornando-os úteis para a sociedade.

2.8 - O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”: a fundação

Do Garcia médico, político e professor, do intelectual e escritor, do músico e compositor, um homem de muitas generalidades e genialidades, muita coisa ainda precisa ser dita. Do Garcia como agente da medicina física e reabilitação, entretanto, muito pouco se sabe. Para ele, conhecer a verdade é libertação e a cada um cumpre o dever de desvendá-la para libertar-se. Com esse propósito, ele discute com colegas e com o irmão governador um tema novo, pouco conhecido: a Reabilitação. No seu entendimento, um governo que se propõe a promover o bem estar da população, deveria incluir no seu programa e Educação e Saúde Pública o cuidado com os deficitários. E da mesma forma que fez para que ocorresse a viabilização da Faculdade de Medicina, Luiz Garcia encarregou o irmão de levar à frente esse desafio. (DIAS, 2011).

Quando Antonio Garcia Filho assumiu a Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, resolveu convergir, principalmente, para a área da saúde. Tanto o Governador Luiz Garcia, quanto ele, tinham a convicção de que a Saúde Pública ultrapassara aquele estágio “de vacinação a pedido, de isolamento, e de educação sanitária por meio de cartazes e folhetins”. Acreditavam numa perspectiva mais ampla, direcionando sua atenção para o “Homem, a Família e Sociedade”, de modo que fossem assistidos de maneira integral, com a prestação de serviços públicos de qualidade, a exemplo de assistência social, de assistência médica, de cuidados sanitários de

engenharia, estendendo a vacinação contra a varíola para todo o Estado de Sergipe, bem como os cuidados médicos nas cidades que apresentaram enchentes e casos epidemiológicos. “Estender a rede de água para os bairros da Capital, como também a criação de serviços especializados estiveram no centro de suas ações” (GARCIA FILHO, 1966).

Seu engajamento político, dessa vez na defesa da criação da referida instituição, reduziu a distância que separa pensamento e ação. Por possuir uma notoriedade no meio político, educacional e cultural, tendo em vista sua intervenção em debates públicos, em nome de valores morais e políticos na defesa de uma sociedade mais justa, fatores que o caracterizam como um intelectual engajado, o que facilitou incutir no meio político e na sociedade civil a necessidade de tal instituição. Segundo Silva (2003, s/p), “[...] o intelectual engajado deve se definir pela sua posição crítica em relação ao mundo, afirmando-se como o representante das forças progressistas e como o defensor de uma causa humanitária”. Foi nessa perspectiva que Antonio Garcia Filho investiu no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” que, fundado em 24 de junho de 1962, se propusera ser uma instituição educativa voltada para uma proposta educacional que contemplava os indivíduos deficientes e os “ditos normais”, além da preparação daqueles para o mercado de trabalho. A referida instituição ainda tinha por finalidades prestar serviços específicos aos indivíduos deficientes, dentre as quais estavam:

- a. Recuperação em geral dos deficitários físicos atingidos pelas seqüelas da paralisia infantil, acidentes de trabalho, acidentes vâsculo-cerebrais ou defeitos congênitos que prejudiquem sua capacidade física, dentro das possibilidades da ciência e da vontade de DEUS;
 - b. Educar ou re-educar deficitários físicos, cegos e surdos-mudos;
 - c. Reabilitação em geral dos deficitários físicos de qualquer idade, sexo, raça, religião, etc.; para reintegrá-los na sociedade, intelectual, moral, emocional e social, ensinando-o a viver de maneira independente e útil a si, aos seus e a sociedade, dentro das suas limitações físicas;
 - d. Criar e manter escolas de diferentes graus e tipos que visem à instrução, educação e re-educação, inclusive profissional;
 - e. Promover os meios de re-educação social e re-emprego para os deficitários reabilitados;
 - f. Manter os reabilitados em FOLLOW-UP orientado por setor especial.
- (GARCIA FILHO, 1966, p.65).

O Centro funcionou a partir do dia 24 de junho de 1962, nos antigos pavilhões do “Serviço de Luz e Força”, situado no Bairro Industrial, na Capital de Aracaju e era subordinado à

União Sergipana de Assistência (USA), que tinha como presidente a primeira Dama do Estado, Emília Marques Garcia, conhecida como “Ninota Garcia”. A U.S.A. tinha como finalidade prestar um serviço paralelo à Legião Brasileira de Assistência (LBA). Apesar da União Sergipana de Assistência possuir outras atividades na Capital e no interior, a exemplo de Jardins de Infância, seu principal foco era o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” (SOUZA, 2005). Vale ressaltar que a U.S.A. fora criada “por questões políticas”, isto porque:

O governador Luiz Garcia não conseguiu que a esposa dele, Ninota Garcia, fosse nomeada Presidente da LBA, Legião Brasileira de Assistência. Era tradição as esposas dos governadores presidirem a LBA. Forças ocultas impediram que ela fosse nomeada em Brasília. Então o governador criou a USA, que teve sua sede na Rua de Maruim [...]. (CONDE GARCIA, 2011).

Durante uma década o Centro de Reabilitação foi dirigido pelo próprio Antonio Garcia Filho, que aliava esta função a outras atividades. Lá aplicava seu capital cultural, não somente para administrar a instituição, como também aplicar seu conhecimento médico e científico na recuperação dos “desvalidos”, termo comum àquela época. O Centro era mantido através de convênios com a Secretaria de Educação, Cultura e Saúde e de doações da União Sergipana de Assistência, sendo esta responsável por uma contribuição financeira mensal, de acordo com as necessidades do Centro. Contava também com recursos oriundos de doações, de campanhas, de taxas de inscrições para seus serviços e, ainda, da comercialização de trabalhos ou produtos de seus alunos, mestres e simpatizantes, visto que nas oficinas de terapia ocupacional, os alunos geravam alguns produtos como tapetes, vasos, quadros, dentre outros (CONDE GARCIA, 2008). Na concepção de Antonio Garcia Filho, não somente o poder público, mas também a comunidade sergipana em geral deveria voltar seus olhares para o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, no intuito de colaborar.

Para ele [o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”] devem convergir as atenções do Sr. Ministro da Saúde, do Governo Estadual com seus Secretários de Educação e o da Saúde, porém também o povo, para compreenderem os seus objetivos, apoiarem suas campanhas, ampararem e ajudá-lo, para o benefício daqueles, deficitários de órgão, que são também parte da comunidade, e com mais direito por que nela ou por ela marcados. (GARCIA FILHO, 1966, p. 40).

O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” foi muito bem planejado e estruturado. Com os conhecimentos adquiridos quando visitou o Hospital Pitié Salpêtrière, em Paris, Antonio Garcia Filho, com o apoio do Governador Luiz Garcia, investiu nos melhores e mais modernos aparelhos, bem como na capacitação dos funcionários. Assim, o Centro foi considerado uma iniciativa avançada para a época, marcado pelo importante trabalho desempenhado na educação e recuperação dos deficientes, objetivando sua formação integral de modo a integrar esses cidadãos no meio social. Lúcio Antonio Prado Dias (2006) se expressa acerca de Antonio Garcia Filho como “[...] um homem que viveu permanente e intensamente o seu tempo, muitas vezes até se antecipando a ele, realizando coisas absolutamente fantásticas, típicas dos visionários”. (DIAS, 2006, s/p). Assim sendo, em virtude do cenário econômico e social daquela época em que Sergipe se encontrava e da dificuldade de acesso à tecnologia e à modernidade, podemos considerar o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” como sendo uma dessas “coisas”, uma obra visionária. É por seu engajamento político e social, por suas ações e marcas deixadas no tempo, que Antonio Garcia Filho vai constituindo a imagem de um homem militante, tornando-se uma figura de notoriedade na sociedade sergipana.

Ao tempo em que eram adaptadas as instalações nos antigos pavilhões do “Serviço de Luz e Força” de Aracaju, no bairro Industrial, conforme já mencionado, a exemplo da aparelhagem e dos equipamentos, que foram “cuidadosamente estudados e selecionados”, os técnicos e educadores que fariam parte do quadro funcional do “Ninota Garcia” eram treinados e capacitados através de cursos de especialização e estágios em Centros de Reabilitação existentes no país, como os da cidade do Recife, de Salvador, do Rio de Janeiro, de São Paulo e outro em fase de construção, situado em Brasília (GARCIA FILHO, 1966). Enquanto isso Antonio Garcia Filho, com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos técnicos e científicos acerca da reabilitação, realizou visitas também nos referidos Centros de Reabilitação.

Durante as visitas do Secretário de Educação, Cultura e Saúde aos Centros de Reabilitação, Antonio Garcia Filho foi ampliando suas relações sociais e sua rede de interdependência. O Dr. Fernando Nova, o Dr. Roberto Taliberti e o Dr. Rui Batista compuseram a lista dos técnicos que conheceu, enquanto aprofundava seus conhecimentos nos Centros de reabilitação pelos quais passou. Ainda no sentido de ampliar seu aporte teórico e técnico sobre as deficiências, participou de eventos, a exemplo do “Encontro de Cegos” em Fortaleza e do “1º Encontro do Nordeste de Reabilitação do Recife”, conforme noticiado no Jornal “A Cruzada”,

datado de 27 de janeiro de 1962, ano XXVI, nº 1338. Nesse último Encontro, Antonio Garcia Filho organizou uma Delegação, da qual esteve à frente, para participarem e prestigiarem o evento. A Delegação foi composta por ele e pelas Assistentes Sociais Silvia Carmem, Silvia Aguiar, Edivaldina Silva, Terezinha Teles, Ilma Almeida, Lourdes Mota, Nadja Silveira e Inês Rosa. Ao retornar do Recife, concedeu entrevista ao referido Jornal informando detalhes acerca da inauguração do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, conforme a imagem a seguir.

Regressou Delegação de Sergipe ao I Encontro Sobre Reabilitação

ENTREVISTA COM O DR. ANTÔNIO GARCIA FILHO

Realizou-se recentemente em Recife, sob os auspícios da Secretaria de Saúde e Assistência Social, Sociedade Pernambucana de Combate à Tuberculose e Campanha Nacional Contra a Tuberculose, o I Encontro do Nordeste sobre Deficiência, do qual tomaram parte delegações de vários Estados nordestinos. Integrada pelo Dr. Antônio Garcia Filho, Secretário de Educação, Cultura e Saúde e pelas assistentes sociais Silvia Carmem, Silvia Aguiar, Edivaldina Silva, Terezinha Teles, Ilma Almeida, Lourdes Mota, Nadja Silveira e Inês Rosa, sob a chefia do primeiro, regressou no último domingo a delegação sergipana tendo o Dr. Antônio Garcia Filho prestado à reportagem importantes declarações sobre o referido Encontro.

mana do Governo atual e isto levou a que eu fosse considerado como convidado especial do Encontro e hóspede oficial do Governo de Pernambuco.

INAUGURAÇÃO EM MARÇO

Foi perguntado qual a data prevista para a inauguração do Centro — respondeu:

— As amplas e confortáveis adaptações feitas no antigo Serviço de Luz e Força no

Bairro Industrial já estão praticamente prontas, faltando apenas a terminação das Oficinas de Artes Industriais. O equipamento e material indispensáveis já foram encaminhados à Empresa Baumer G S B de São Paulo para dentro de 120 dias. Tão logo chegarem e terminarem os seus estágios a Assistente Social escolhida e as auxiliares de Terapia Ocupacional, marcaremos a inauguração que deverá ocorrer na 2.ª quinzena de Março.

Figura 21 – Matéria noticiando o retorno da Delegação sergipana do I Encontro do Nordeste de Reabilitação, realizado no Recife.

Fonte: jornal “A Cruzada”, 1962, ano XXVI, nº 1338, IHGS.

A participação de Antonio Garcia Filho no I Encontro sobre Reabilitação lhe possibilitou identificar e compreender alguns aspectos acerca da reabilitação, fundamentais para o processo de tratamento e recuperação de indivíduos deficientes. Dentre os assuntos discutidos no evento, elegeu como prioritários:

- motivação do paciente e preparação da família para o programa de reabilitação.
- participação na avaliação do paciente.
- Interpretação ao cliente do seu programa de reabilitação e das avaliações posteriores da equipe.
- tratamento social de casos.
- Preparação do cliente para utilização de outros serviços profissionais.
- consultoria aos outros membros da equipe.

- colaboração com a comunidade na coordenação e melhoria dos recursos existentes, e na criação de novos recursos assistências. (GARCIA FILHO, 1966, p.29).

Concluiu ainda que as Escolas de Serviço Social deveriam incluir a “Reabilitação” como disciplina na cadeira de Serviço Social Médico. Para Antonio Garcia Filho, a importância da reabilitação estava em proporcionar “[...] uma dinâmica funcional que torne o paciente senhor das suas atividades, mesmo reduzidas, quando a lesão se torna irreversível, levá-lo ao equilíbrio emocional, familiar e social”. (GARCIA FILHO, 1966, p. 26). Atestou ainda que a vida humana é o objeto de maior valor do serviço médico e, por isso, o deficiente deve ser avaliado, diagnosticado e tratado, mesmo nas situações em que o diagnóstico aponte para um caso irreversível. Até porque, para ele, a reabilitação constitui a 3ª fase da medicina, a fase “Sômato-psico-social”, ou seja, a fase de estimular o deficiente e adaptá-lo ao seu meio familiar e social, desenvolvendo-lhe as aptidões motoras e psicológicas para a execução de atividades básicas e úteis a si mesmo e à comunidade, libertando-os da dependência de familiares ou de qualquer outro indivíduo. Para os casos irreversíveis, Garcia Filho (1966, p.25) afirmou: “E não o faz somente aos curados, senão e com mais razão aos doentes, cuja doença tornou-se crônica pela extensão e localização, ou pela sua impossibilidade atual de cura”. Para ele a “reabilitação” se revelava um campo da Ciência e da Medicina com a incumbência de cuidar dos “não curados”.

Dentre os profissionais que compunham o quadro funcional do Centro encontravam-se: neurologistas, clínicos, ortopedistas, fisioterapeutas, assistentes sociais, especialistas em artes industriais, terapeuta ocupacional e professores de educação física. Tal configuração corrobora com a memória de Garcia Filho quando este afirma: o “[...] Centro de Reabilitação NINOTA GARCIA, foi adredemente estudada e preparada para servir conscientemente, com amadurecimento, dentro do critério básico recomendado pelos pioneiros e técnicos mundiais”. (GARCIA FILHO, 1966, p.13). O que recaía, sobretudo, na capacitação e treinamento dos funcionários, bem como nas instalações físicas. Para melhor entendimento e visualização, no quadro a seguir, constam os nomes da equipe profissional, técnica e administrativa, do Centro e suas respectivas funções e locais de capacitação.

Quadro 9: Relação dos funcionários do Centro de Reabilitação Ninota Garcia e locais de capacitação e especialização.

FUNCIONÁRIO	FUNÇÃO	LOCAL DE REALIZAÇÃO DA CAPACITAÇÃO	OBSERVAÇÃO
Equipe Técnica			
Antonio Garcia Filho	Clínico Geral		
José Sobral	Ortopedista	Centro de Reabilitação da A.B.B.R, no Rio de Janeiro	Também chefe de Fisioterapia
Félix D'Avila, Denise Leal, Candido Augusto Sampaio Pereira, Airton Carlos Nunes e Ana Maria Nogueira Macedo	Fisioterapeuta	Félix D'Avila no Centro de Reabilitação da A.B.B.R, no Rio de Janeiro e Denise Leal no Centro de Reabilitação I.A.P.C do Recife	Também professores de Educação Física, com exceção de Denise Leal
Dra. Maridélia Gentil Guedes	Pediatra		
Dr. Tarcísio Carneiro Leão	Neurologista		
Antonio Barros e José Vitor	Auxiliares de Fisioterapia		
Maria Josefa da Cunha, Lyra Alves Magalhães, Berenice Socorro de Souza, Luiza Nascimento dos Santos	Atendentes de Fisioterapia		
Ilma Almeida	Assistente Social	Centro de Reabilitação da A.B.B.R, no Rio de Janeiro	
Gerusa Leal e Isabel Freitas	Professora de Artes Industrias e Auxiliar de Terapia Ocupacional	Centro de Reabilitação I.A.P.C do Recife	Realizou curso intensivo de Auxiliar de Terapia Ocupacional
Antonia Gonçalves de Oliveira, Edite Melo, Maria Aldenora Lima, Beatriz de Carvalho, Valdete Pereira Ramos, Rosa Cardoso do Prado	Professoras de Artes Industrias	Centro de Reabilitação da A.B.B.R, no Rio de Janeiro	
Leda Garcia de Melo, Maria Gilva de Oliveira, Iracema Moura Santana	Professoras dos Surdos-mudos	Instituto de Surdos do Rio de Janeiro	Especialização em Educação dos Surdos-mudos e noções de Foniatria
Candido Sampaio Pereira, Maria Edna Barros, Peres Pires Wynne, Airton Carlos Nunes, Ana Maria Macedo	Professores de Educação Física	Centro de Reabilitação de Salvador	
Equipe Administrativa			
Dr. Antonio Garcia Filho	Diretor	-	-
Dr. José Sobral	Chefe de Fisioterapia	-	-
Auricéia Costa Maia	Secretária	-	-
Maria Alice Vasconcelos	Tesoureira	-	-
Maria José Oliveira Menezes	Escriturária	-	-
João Felismino	Atendente	-	-
Miguel Nunes de Mendonça	Porteiro e Almoxarife	-	-
Manoel Messias Santos e J. Veríssimo	Vigia	-	-
Irineu Bispo dos Santos	Choufer	-	-
Reinaldo Marinho e Antonio Ferreira	Serventes	-	-

Fonte: Garcia Filho, 1966.

A ex-funcionária, Leda Cardoso, contratada em 1970 e que trabalhou no Setor de Fisioterapia durante vinte e cinco anos, afirma que as professoras responsáveis pela educação dos

surdos-mudos e dos cegos sempre estavam viajando para fazer capacitação ou especialização. No entanto, aqueles que trabalhavam com fisioterapia não faziam curso de capacitação, porém recebiam orientações dos profissionais dessas áreas que vinham de outros Estados para prestar o serviço no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”. Nesse sentido, Leda (2011) afiança:

[...] chegou um fisioterapeuta de Recife, que era Aristóteles. Ele tem até uma clínica de Fisioterapia. Ele foi o primeiro, se não foi o primeiro foi o segundo. Ele veio direto de Recife pra ficar lá como fisioterapeuta. Ele trabalhava lá mesmo e nos orientava. Nós éramos fisioterapeutas antes dele chegar (risadas). Mas a gente fazia de tudo. O importante era chegar ao resultado. [...]. Muitas crianças saíam de lá caminhando, com um probleminha, porque fica né. É como diz: não passa sem deixar rastro, né, mas andando, graças a Deus. A gente teve muitas vitórias. (CARDOSO, 2011).

Sobre o público atendido pelo Centro, Leda Cardoso afirmou que atendia pessoas de todas as idades. Era um público bem diversificado, não apenas de Sergipe como também de outros Estados. “[...] era criança, adulto com AVC, paralisia, tudo. As crianças com paralisia infantil lá foi o foco mesmo, da reabilitação”. (CARDOSO, 2011). Afirmou ainda que a preocupação de Antonio Garcia Filho não se resumia apenas em levar uma assistência gratuita e de qualidade, principalmente para aqueles menos favorecidos economicamente, mas também a de obter resultados favoráveis. Quanto ao atendimento do público, Leda Cardoso rememora: “[...] as pessoas vinham do interior. As prefeituras mandavam eram Kombis cheias de pessoas com deficiência. De Itabaiana, dos interiores... tinham crianças que vinham até de longe, desses interiores todos, apesar de ser muito difícil né, o transporte naquela época”. (CARDOSO, 2011). Ainda durante a entrevista, ela afirmou que muitas mães pegavam seus filhos no colo, a pé ou de coletivo, no sol quente, e se dirigiam para o Centro. Tal esforço, segundo Leda Cardoso, se resumia a dois fatores: “[...] primeiro porque era grátis, né. E segundo, porque não tinha outro. Era o único que prestava assistência no Estado, né?”. (CARDOSO, 2011).

2.9 – Sobre as dependências físicas e estruturais e a organização administrativa do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”

Segundo os escritos de Garcia Filho (1966, p.31), tratou-se de “[...] uma obra de alto valor no presente, e no futuro será ainda muito maior, pela compreensão que o tempo faz amadurecer na consciência do povo, e pelo acêrvo do trabalho a que está destinada”. Considerado pioneiro não apenas na reabilitação física, como também na Educação Especial, o Centro elevou o conceito de Educação e saúde pública de Sergipe com a prestação de seus serviços. Suas instalações, “amplas e modernas”, logo chamaram a atenção da classe médica do Estado como também dos funcionários e usuários. As dependências físicas estavam divididas em 3 setores: O setor administrativo, composto pelo Gabinete do Diretor, a secretaria e a sala de reuniões; o setor educacional com o Jardim de Infância, a escola de Educação de Cegos, a escola de Educação Surdos-mudos, as oficinas de Artes Industriais e a sala de terapia educacional e por fim, o setor de tratamento e recuperação estruturado com o ginásio de fisioterapia, a sala de hidroterapia, os quartos de repouso, o refeitório, o gabinete médico, o gabinete do Psicólogo e o gabinete da Assistente Social. (SILVA, 2011).

Os móveis, utensílios e aparelhos que integraram o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” foram adquiridos através de compra direta de seus patrocinadores, ou seja, do Governo do Estado de Sergipe e por doações da União Sergipana de Assistência, sendo exceção a Oficina de Artes Industrial que foi aparelhada através de recursos oriundos do Ministério da Educação e Cultura. (GARCIA FILHO, 1966). Dentre os móveis, materiais didáticos, utensílios e aparelhos constavam: bancos coletivos, bebedouros, bureaus, cadeiras giratórias, mesa de exame, armários de aço, armário com vidro, divan de exames, estetoscópio, tensiômetro, diapasão, manômetro de Claude, oftalmoscópio, otoscópio, fichários, tesouras, grampeadores, canetas, porta documentos, cadeiras anatômicas, quadro negro, sofás, estante, cofres, tapetes, mesas de refeitório, geladeira, fogão de quatro bocas, liquidificador, cafeteira, filtro, camas de Fowler com colchão de molas adulto e infantil, mesas para carteiras e cadeiras para criança, conjunto para parque infantil. (GARCIA FILHO, 1966). Segundo a professora Isabel Freitas, em entrevista concedida a Verônica Souza, em 2003, “Os armários viviam abarrotados de materiais, sempre que nós precisávamos tínhamos todo tipo de material a nossa disposição”. (apud. SOUZA, 2003, p.148).

Os aparelhos de Fisioterapia, Hidroterapia e Terapia Ocupacional foram adquiridos na empresa Baumer¹⁴ de São Paulo. A hidroterapia era composta por uma piscina interna de exercícios, um tanque-piscina para massagens subaquáticas, um tanque de Hubbard¹⁵, em plástico com temperatura adequada e turbilhão, além de um aparelho para banho de parafina. Tais equipamentos nos leva a creditar que o projeto foi elaborado e executado para o atendimento das várias deficiências, pensando, de fato, na cura e no bem estar dos deficientes, indistintamente. Também faziam parte dos equipamentos que compunham esses setores: aparelho de Bonett, exercitador de pé, aparelho de pernas e tornozelos, barra de ling, degraus para abdução de ombro, roda de ombro, roda de punho, rolo de punho, turbilhões portáteis, colchões de fibra, escada para exercícios, remador mecânico, bicicleta para exercícios adulto e infantil, cadeiras de rodas, conjunto de tração, pares de muletas canadenses, pares de bengalas Duralumínio, aparelho ultravioleta, aparelho infravermelho, estimulador muscular, stand in-table, tear de pé, tanque de Hubbar modelo Baumer, barra paralela, estrado com colchão, estrado protegido, mesas de exercícios, mesa de tração lombar, dentre outros, inclusive, máquina de corte e costura. (GARCIA FILHO, 1966). Em relação à fisioterapia e a hidroterapia, o ex-usuário e advogado Paulo Silva, afirma:

[...] eu gostava de ir fazer a fisioterapia. A gente sabe que menino quando tem que fazer algum procedimento médico ele não gosta, ele fica sempre sem querer ir. Mas eu gostava de ir para o centro “Ninota Garcia”. Eu me sentia bem. A massagem dentro da piscina, a hidromassagem. Eu também gostava muito, eu sempre gostei de piscina. Então foi assim, uma coisa que sempre me trouxe boas recordações em relação ao Centro “Ninota Garcia”. (SILVA, 2011).

Quanto aos equipamentos, Leda Cardoso afirma que o Centro:

Tinha todos os equipamentos necessários, mas com o passar do tempo foi né?... ficando para trás. É, mas para a época, eram equipamentos modernos. Pra época era perfeito, era coisa que só existia nele [no Centro], né?... aqui em Sergipe. É, só existia ele. É tanto que era, foi, se eu não me engano, segundo ou terceiro [Centro de Reabilitação] do Brasil. (CARDOSO, 2011)

¹⁴ Trata-se de uma empresa de artigos e equipamentos hospitalares com matriz no Estado de São Paulo.

¹⁵ Grande tanque com um redemoinho em que estava incluso um motor para ativar os jatos d'água. O tanque de Hubbard foi utilizado inicialmente para realizar exercícios na água. Este facilitava e assistia no desenvolvimento dos programas de exercícios na piscina.

Sobre o atendimento dessa equipe, Paulo Silva, ex-usuário do Centro e que fora acometido por uma paralisia infantil, em meados de 1956, e que utilizou os serviços de Fisioterapia do Centro, rememora: “Eu tinha paralisia infantil. [...]. Hoje eu estou com 55 anos. Há 53 anos atrás deu vírus em que 53 crianças tiveram paralisia e eu fui um dos escolhidos, dos 53, onde morreram 48 e só 5 ficaram vivos. E eu também fui sorteado pra ficar vivo, com paralisia infantil”. (SILVA, 2011). Paulo Silva passava apenas, em média, duas horas por dia fazendo suas sessões de massagem e fisioterapia. Por ser muito novo, na época, não consegue lembrar e avaliar a estrutura física e técnica da instituição. No entanto, lembra-se de como foi acolhido por esses funcionários: “[...] eu sentia uma coisa, isso eu lhe garanto. Eu sentia o carinho e a satisfação que eles trabalhavam, isso é certeza, eu posso lhe afirmar. O trabalho era maravilhoso, isso eu posso afirmar, que eu me lembro com certeza”. Paulo Silva venceu as barreiras que a vida lhe impôs e hoje ele exerce suas funções advocatícias no Hospital de Cirurgia, onde toda essa história começou.

Conforme já sinalizado, Antonio Garcia Filho foi um homem multifacetado que teve em sua trajetória de vida muitas atuações e ações. Enquanto atuava como Secretário de Educação, Cultura e Saúde e Professor na Faculdade de Medicina de Sergipe, atuava também no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” exercendo uma dupla função, a de Diretor Geral e a de Clínico Geral. A função de Diretor Geral estava atrelada a uma condição, conforme disposto no Regimento Interno, em seu artigo 6º, parágrafo 1º, que regia “[...] o Diretor Geral será sempre um médico com conhecimento de reabilitação e integrará a Equipe Técnica”. (GARCIA FILHO, 1966, p.67). Isso justifica o fato de Antonio Garcia Filho ocupar não somente a Direção Geral da referida instituição educativa, mas também a função de Clínico Geral. Suas atribuições, como Diretor Geral do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, conforme disposto do Regimento Interno da referida instituição educativa, estavam assim distribuídas:

- a)- Zelar pelo cumprimento dêste Regimento;
- b)- impôr a ordem, asseio, trabalho e eficiência dos diversos setores, serviços e secções, baixando tôdas a normas necessárias ao bom funcionamento do Centro;
- c)- promover o aprimoramento técnico dos que ali exercem qualquer atividade especializada;
- d)- presidir as reuniões das equipes técnica e educacional, e cumprir as decisões tomadas pela maioria de 2/3;
- e)- apresentar relatório semestral a U.S.A;

- f)- sugerir ao Presidente da U.S.A a escolha de serventuários, professores e técnicos, e tudo que visar a ampliação e melhoria dos trabalhos do Centro;
- g)- manter em depósito bancário as finanças do Centro; expandir cheques para as despesas; ter em dia os comprovantes em duas vias, uma das quais ilustrará o relatório. (GARCIA FILHO, 1966, p. 67-68).

A imagem que segue revela uma das suas várias atribuições:



Figura 22 - Antonio Garcia Filho (à esquerda), em seu consultório no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, em 1962.

Fonte: Acervo do ITBEC

2.10-A função social e educacional do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”

A Educação Especial é parte integrante da Educação e visa proporcionar, através de atendimento educacional especializado, o desenvolvimento pleno das potencialidades do educando com necessidades especiais, como fator de auto-realização, qualificação para o trabalho e integração social.

(BAGATINI, 1992)

Considerado um Órgão de assistência especializado, o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” é uma instituição educativa e, como tal, pode ser uma instituição que “[...] revela o modo como as instituições se implantam e como afetam o destino de um determinado território, bem como as implicações da cultura, [...]”. (MAGALHÃES, 2004, p. 150). Com a fundação do referido Centro, o tema Educação Especial passou a vigorar nas pautas políticas, abrindo novas discussões a respeito do deficiente. A noção de Educação Especial de Bagatini (1992) nos revela uma similitude com a função social do “Ninota Garcia”, quando enfatiza a integração social do deficiente através do desenvolvimento de suas potencialidades. O Centro vislumbrava a inclusão e a inserção dos indivíduos deficientes na sociedade, inclusive preparando-os para o mercado de trabalho. Para seu fundador, o Centro esforçava-se “[...] para fazer o deficitário encontrar-se a si mesmo, descobrir suas potencialidades, preparar-se para a vida diária, recuperar-se dos defeitos existentes, enchendo-se de Esperança e Confiança em si mesmo”. (GARCIA, 1966, p.13).

No que concerne às práticas escolares lá desenvolvidas, há que se considerar que essas se desenvolvem a partir dos lugares dos atores envolvidos e que se materializam a partir de demandas reais. Na visão de Faria Filho e Vidal, as práticas escolares podem ser entendidas:

[...] como produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico. De fato, tais práticas produzidas pelos sujeitos no seu dia-a-dia escolar, também os produzem. Essas práticas têm sido concebidas por muitos pesquisadores (Carvalho, 1998; Faria Filho, 2000; Vago, 1999; Paulilo, 2002) como maneiras de fazer peculiar dos sujeitos da escola e que ocorrem no interior do cotidiano escolar. Mas esse lugar ocupado por eles não tem sido entendido enquanto um lugar próprio e, sim, como um lugar onde desenvolvem táticas, isto é, ações calculadas que são determinadas pela ausência de um próprio, como convém a Certeau (2000, p. 100), que tem sido citado por muitos desses estudiosos das práticas escolares. (FARIA FILHO e VIDAL 2004, p.151).

A oficina de Artes Industriais, que constituía a Terapia Ocupacional Profissional e que materializava o aprendizado, era composta de várias práticas atreladas aos diferentes cursos oferecidos e, assim, o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” era composto por seis salas, cada uma destinada à uma técnica profissional como o desenho, a pintura, a xilogravura, os ensinamentos em madeiras, metal, tapeçaria, couro, cestaria e cerâmica. Pelas técnicas necessárias e os resultados obtidos como, por exemplo, a empregabilidade de alunos, podemos

conjecturar que a educação ali fornecida era calcada em práticas educativas empíricas que preparavam o indivíduo para a vida.

Podemos compreender, no entanto, que esta era a função social do Centro que comungava os conhecimentos da medicina, do tratamento, da cura e da educação para integrar o indivíduo ao meio social. Para Antonio Garcia Filho era preciso incluir a educação no programa de reabilitação, de forma articulada e não dissociada. A educação em si já seria uma forma ou técnica de tratamento, estimulando seus sentidos e sua coordenação motora. Disse ele: “A escola é o prolongamento do lar”. [...] Ali, como no lar, formam caracteres, adquirem-se hábitos que se tornaram naturais vida em fora, desde a maneira de sentar-se, dirigir a palavra, controlar os temperamentos, conviver com os colegas, exercer os deveres, desenvolver os seus movimentos, a memória, a inteligência, etc.” (GARCIA FILHO, 1966, p. 48). Acreditava, portanto, que o ensino ministrado no Centro, em consonância aos trabalhos manuais e às aulas de Artes Industriais, através da arte da cerâmica, da madeira, do metal, da cestaria, do couro, da tapeçaria, do mosaico, do desenho, da xilogravura, de cartazes, dentre outros trabalhos, proporcionava não somente a continuidade do tratamento mas também uma evolução, seja no aspecto físico, como também no intelectual, no mental, no social e no religioso (GARCIA FILHO, 1966).

Ao criar o símbolo do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, ele não pensou senão no que representava a instituição para os usuários. O símbolo, como pode ser visualizado na figura a seguir, era formado por três linhas: uma reta, uma curva e outra quebrada. Cada linha representava um significado, conforme explica o próprio fundador do Centro:

A linha reta simbolizava os sãos, a curva os deficitários recuperáveis e a linha quebrada os irrecuperáveis de seus defeitos físicos, porém ajustáveis nas suas potencialidades restantes. Juntas, as linhas representam o convívio social numa distribuição de posição e forças que assegure um perfeito equilíbrio. Dispostos estão em ofertório, para cima, melhor direi para o alto, ou, mais precisamente, para DEUS. (GARCIA FILHO, 1966, p.57).

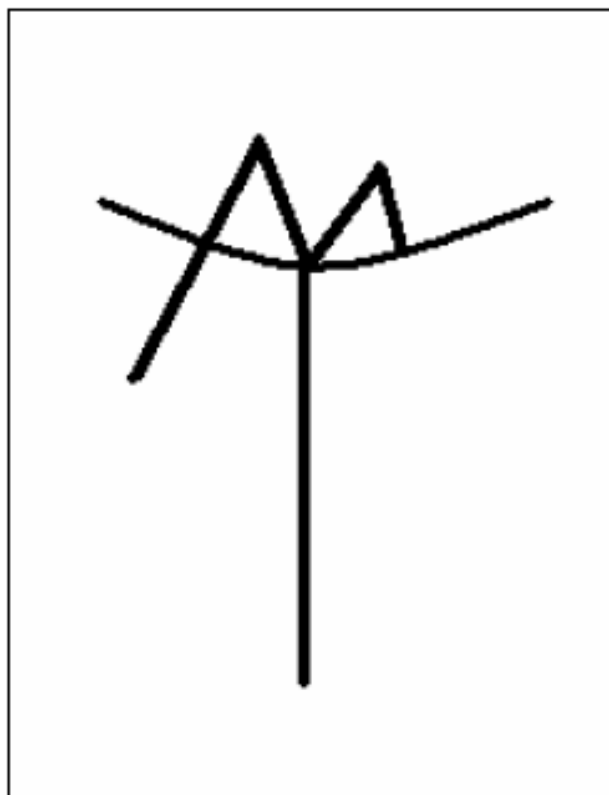


Figura 23 – Símbolo do Centro de Reabilitação “ Ninota Garcia”.

Fonte: Garcia Filho, 1966, p.57.

Podemos compreender, no entanto, que Antonio Garcia Filho apostava e acreditava na recuperação dos deficientes através da integração da reabilitação com a educação, inclusive para os casos que apresentavam deficiência com elevado comprometimento e até mesmo para os casos irreversíveis, “porém ajustáveis nas suas potencialidades restantes”. Preocupado com esses casos mais graves - não que os demais casos não o preocupassem - Antonio Garcia Filho inseriu no programa de reabilitação um apoio e preparo psicológico, como aprendera em suas visitas aos Centros de Reabilitação do país, não somente para as crianças deficientes, mas também para a família, ajudando-as na aceitação da doença e livrando-se dos possíveis complexos da inferioridade. Auxiliava ainda na aprendizagem das atividades diárias como andar, subir e descer escadas, se vestir, abrir portas e gavetas, manusear objetos, dentre outras atividades.

Pensando na qualidade de vida e no bem estar desses indivíduos deficientes e da família em seus lares, Antonio Garcia Filho também instruiu os funcionários técnicos que acompanhavam a reabilitação dessas crianças deficientes a reunirem-se com os familiares a fim de orientá-los quanto aos cuidados com higiene pessoal, alimentação, afetividade e mobilidade,

além de instruir os pais quanto à disposição dos objetos pessoais em suas residências, como altura, local e posição dos mesmos, de modo que facilitasse a vida cotidiana, promovendo certa autonomia, livrando-se assim de “guias” e proporcionando-lhes independência. Com essa mesma preocupação, a professora de Locomoção, Edite Melo, revela: “[...]. Eu ensinava a eles a saírem do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” e ir para a padaria fazer compra. Ensinava o modo de atravessarem a rua, a hora de atravessarem. Todos tinham o máximo de interesse para serem independentes, né. (MELO, 2011).

Quanto ao preparo psicológico, o ex-usuário Paulo Silva, afirma que o Centro contribuiu bastante, posto a convivência com os demais deficientes e o tratamento psicológico que os funcionários do Centro proporcionavam aos usuários. Tal convivência o ajudou na aceitação da deficiência e na luta para vencer as barreiras que a vida lhe impõe. Nesse sentido, ele relata:

[...] o período que eu fiquei lá, com certeza, se você perguntar, assim: foi bom. Foi bom não, foi ótimo. Foi uma maravilha por tudo, inclusive o entrosamento, porque o pior da deficiência que eu acho não é a física, mas a deficiência da cabeça, do psicológico. E o Ninota, é..., nós meninos que ficávamos ali, e meninas, me lembro que tinha umas 3 mocinhas também que tinham algum tipo de problema e usava a fisioterapia. A gente se relacionava, é..., digamos assim, como pessoas comuns entre aspas, e não tínhamos aquele complexo. A gente não tinha aquela vergonha de querer esconder uma perna fina entendeu, e a gente ia fazer aquela massagem como se fosse a coisa mais natural porque todo mundo era igual. A gente olhava e estava..., a gente estava se vendo naquele outro que estava fazendo fisioterapia. Então era um entrosamento muito bom. (SILVA, 2011).

De acordo com o artigo 2º do Regimento, a instituição teria ao seu encargo, além dos serviços de reabilitação que lhes são específicos, um Setor de Emprego e Apoio Social (SEAS), conforme mencionado, os setores de educação pré-primária, de educação primária e o Setor de Terapia Ocupacional Profissional. O SEAS estava incumbido de empregar o deficiente em organizações industriais e comerciais. Para promover essa integração no mercado, o Centro mantinha acordos com órgãos e empresas fornecedoras de insumos, visando à possibilidade de um emprego para esses alunos, a exemplo dos supermercados Gbarbosa e Bompreço. Para tanto, esses deficientes teriam que passar pelo Setor de Terapia Ocupacional Profissional, o qual estava encarregado de preparar e adaptar esses indivíduos para uma atividade profissional. Com relação

à profissionalização, o fundador do Centro compreendia “[...] ser esta a fase mais importante da reabilitação, [...] com esse escopo atinge a Reabilitação o seu total objetivo”. (GARCIA FILHO, 1966, p.173). A reabilitação é o meio de fazer o homem recuperar sua capacidade de trabalho ou de aproveitar suas potencialidades, tanto para si, quanto para a família e a sociedade. Nesse sentido, Garcia Filho afirma que:

[...] os surdos-mudos cuja moderna técnica de educação lhes proporciona o restabelecimento das relações humanas; os cegos, antes todos fadados a mendigos, hoje, pela reabilitação, com perspectivas de integração no meio social inclusive no exercício de uma profissão adequada. (GARCIA FILHO, 1966, p.29).

Para o fundador do “Ninota Garcia”, era necessário reverter o quadro humilhante em que essas pessoas se encontravam, pois foram colocadas à margem da vida por consequência de sua doença. Assim, a reabilitação devia conduzir esses “desvalidos” ao encontro de suas potencialidades, os tornando úteis para a sociedade, mesmo diante de suas limitações. Foi com o apoio do Setor de Emprego e Apoio Social que alguns dos deficientes assistidos pelo Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” foram inseridos no mercado do trabalho, conforme relata a professora Leda Cardoso durante uma entrevista concedida em 2011, em sua residência:

Naquela época eles [os deficientes] não tinham mercado de trabalho. Repare que hoje em dia é lei, né. Antigamente ninguém dava valor. Passava um deficiente, era um bichinho né. E havia essa preocupação também, de inserir o deficiente no mercado de trabalho, né. E ele [Antonio Garcia Filho] sempre teve, é vindo dele, né, essa preocupação. (CARDOSO, 2011).

Nesse mesmo sentido a professora de Locomoção, Edite Melo, revelou que os deficientes “Faziam estágio na fábrica de coco Serigy, nos supermercados Bompreço e Paes Mendonça. Eles trabalhavam com embalagem e arrumação dos produtos nas prateleiras. Essas coisas, né”. (MELO, 2011). Maria Helena, que também esteve à frente da Direção do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, após quase 15 anos de sua fundação, hoje ainda vê os resultados dos trabalhos desenvolvidos na Instituição. Segundo ela: “[...] ainda hoje tem uns..., uns que eram pequeninhos. Quando eu vou lá [no Bompreço] eles vêm correndo. Já estão homens, e

trabalham aqui nesse Bompreço. Eles me conhecem e eles vêm correndo e pegam minhas compras e vão levar”. (HELENA, 2011).

O Setor de Emprego e Apoio Social foi constituído, também, por senhoras do meio social aracajuano que desejavam trabalhar pelo amparo e acolhimento aos deficientes. Nesse sentido, o SEAS se encarregava de impetrar um padrinho ou madrinha a um deficiente em tratamento, com o objetivo de custear pequenas despesas, a exemplos de vestuário, merendas, transportes, dentre outros. Responsabilizavam-se ainda pela organização de exposições dos objetos feitos por eles, nas aulas de Artes Industriais; de promover festas ou encontros visando o estreitamento do convívio social, além de angariar donativos para o Centro; e conseguir emprego para os reabilitados (GARCIA FILHO, 1966). Foi com a criação do SEAS que a sociedade passou a conhecer algumas artes industriais, plásticas e domésticas, despertando a admiração de um grande público em torno dos deficientes, diminuindo assim, a indiferença social.

Para além da reabilitação e da Terapia Ocupacional, esta última constituída pelas oficinas de artes industriais, o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” possuía a escola para a educação de surdos e a escola para a educação de cegos. A organização do programa da escola de surdos do “Ninota Garcia” compreendia o pré-primário (educação infantil), a primeira e a segunda série do primário (ensino fundamental). Nos itens dos programas, constavam Linguagem e Conhecimentos gerais, Compreensão da fala, Matemática, Orientação metodológica e Treinamento e mecânica da fala (GARCIA FILHO, 1966). Nas tabelas a seguir constam alguns exemplos dos conteúdos trabalhados nas disciplinas do pré-primário e da primeira e da segunda série do primário.

Quadro 10: Programa das disciplinas do pré-primário.

DISCIPLINA	PROGRAMA
Pré-primário	
Linguagem e conhecimentos gerais	Desenho para completar
	Ligar figuras as palavras
	Distinguir os objetos: pé, bola, ovo, pipa, balão, pá, uva
	Recortes
	Exercícios de coordenação motora
	Cópia manuscrita até duas frases
	Exercício de treinamento da fala
	Exercícios de desenvolvimento mental e de vocalização
Matemática	Leitura
	Noção de maior e menor
	Contar até cinco
	Escrever números até cinco
	Ligar a quantidade ao número
	Mandar desenhar ou pintar, por exemplo, duas ou três bolas

Fonte: Garcia Filho, 1966, p. 135-144.

Quadro 11: Programa das disciplinas da primeira série do primário.

DISCIPLINA	PROGRAMA
1ª série	
Linguagem e conhecimentos da gerais	Vocabulário relativo aos animais mais conhecidos: características gerais; vozes dos animais
	Números de 1 a 10
	Série de ações: andar, sentar, levantar, dormir, pular, correr
	Partes do corpo empregando o verbo "ter"
	Peças do vestuário empregando os verbos: ter, calçar, vestir, lavar, pentear, escorvar
	Meios de transporte empregando o verbo viajar. Noção de distância: longe, perto, aqui, lá, ali.
	Côres. Vocabulário referente a coisas vistas fora de casa
Orientação Metodológica	Leitura, ditado, caligrafia, cópia e composição (descrição - narração - histórica)
	O vaculário deverá sempre que possível ser empregado em frases
	A professora deverá empregar simultaneamente, letras de imprensa e manuscrita
	Os pontos relacionados deverão ser desenvolvidos em tantas aulas quantas forem necessárias à boa compreensão do aluno, com práticas intentivas.
	As atividades constantes de todos o currículo de curso primário deverão caracterizar-se pela compreensão da fala do professor e pela expressão oral do educando
	Faz parte do programa de todas as séries a noção e comemoração das festas cívicas e religiosas de acordo com o adiantamento dos alunos
Compreensão da fala	Cumprimentos: bom, dia, boa tarde, boa noite, até logo, até amanhã, adeus, passe bem, obrigado
	Ensino de números: (1 a 24), das horas, das datas e combinação de todos
	Dinheiro: noção, valor e aplicação em compras na farmácia, no açôgue, no armazém, na padaria;
	Ordens simples
	Práticas de histórias
	Início da prática analítica dos elementos - vogais
	Comparação do ritmo, do tempo de duração das vogais: palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas
	Prática analítica dos elementos fonéticos: consoantes e ditongos
Matemática	Vocabulário e noção de quantidade: muito, pouco, mais, menos, maior, menor, igual, direita, esquerda, etc
	Sistematização da contagem, leitura e escrita dos números de 1 a 50
	Noção de dezena e unidade, números pares e ímpares e noção de dúzia
	Noção de soma, armar e efetuar adições com algarismos de 1 a 5
	Noção de subtração, armar e efetuar subtração simples com algarismos de 1 a 5
	Adição e subtração com emprego de algarismos (parcelas, minuendo e subtraendo até 10)
	Provas de subtração e resto
	Cálculo mental com números de 1 a 20
	Noção objetiva da metade da unidade (vocabulário oral)
Treinamento da fala	Exercícios de desenvolvimento mental
	Atividades fono-respiratórias como preparação para as lições da fala
	Atividades preparatórias complementares
	Vocalização aplicando as vogais: atenção para a qualidade da voz
	Estudos dos fonemas em pequenas expressões com articulação adequada. Fonemas: P, V, T, B, D, M, J, L, F, S
	Ritmo das palavras estudadas
	Ritmo e entonação das frases - ilustração da fala com os gráficos relativos aos sons
	Interpretação, descrição e interpretação verbal

Fonte: Garcia Filho, 1966, p. 135-144.

Quadro 12: Programa das disciplinas da segunda série do primário.

DISCIPLINA	PROGRAMA
2ª série	
Linguagem e conhecimentos da gerais	Revisão de vocabulário aprendido na 1ª série
	Vocabulário referente a número de 10 a 20 aplicando vocabulário relativo a peças de mobiliário
	Cômodos da casa: frases respondendo a pergunta onde. Verbos varrer, limpar, espanar, lavar, cozinhar, etc
	A escola: localização, rua, bairro, jardim, edifício - divisão de sílabas
	Comprar aplicado o valor da moeda - noção de quanto custa. Verbos comprar e ganhar
	Verbo pertencer e ter com vocabulário relativo a pertences da criança e da família
	Material higiênico e de uso pessoal. Lições de higiene pessoal e comportamento social
Treinamento e mecânica da fala	Atividades fono-respiratórias como preparação para as lições da fala
	Atividades preparatórias complementares
	Vocalização aplicando as vogais: atenção para a qualidade da voz
	Estudos dos fonemas em pequenas expressões com articulação adequada. Fonemas: P, D, B, Q, M, L, S, F, J, em pequenas frases com articulações adequadas
	Estudo de novos fonemas: N, E, G, Q, R (forte e fraco) x, z.
	Ritmo e entonação das frases - ilustração da fala com os gráficos relativos aos sons
	Interpretação, descrição e interpretação verbal de gravuras ou cenas simples
Matemática	Resolução de operações com adição e subtração - com ou sem reservas e adição de zero
	Sinal + e sinal - com o respectivo vocabulário: parcela, minuendo, subtraendo, total e resto
	Noções gerais: perto, longe, primeiro, último, frente, atrás, esquerda, direita, etc
	Contagem e numeração: Composição e decomposição de números escritos de 50 a 100
	Sistematização da contagem, leitura e escrita dos números de 20 a 50
	Noção de dúzia, meia dúzia, centena, meia centena
	Multiplicação sem reservas. Multiplicação simples, produtos até 9.000 aplicando as combinações fundamentais conhecidas
	Noções de dobro, triplo, cálculo mental usando dezenas, dúzias e meia dúzias
	Medida de tempo: dias da semana, leitura de horas e meses do ano
	Conhecimento prático das moedas e papel moeda
	Metade, terça parte de números inteiros
Orientação Metodológica	Leitura, ditado, caligrafia, cópia e composição (descrição - narração - histórica)
	O vaculário deverá sempre que possível ser empregado em frases
	A professora deverá empregar simultaneamente, letras de imprensa e manuscrita
	Os pontos relacionados deverão ser desenvolvidos em tantas aulas quantas forem necessárias à boa compreensão do aluno, com práticas intentivas.
	Todos os verbos estudados deverão ser enumerados nas 1ª e 3ª pessoas do singular e do plural no passado e presente do indicativo (futuro)
	Faz parte do programa de todas as séries a noção e comemoração das festas cívicas e religiosas de acordo com o adiantamento dos alunos

Fonte: Garcia Filho, 1966, p. 135-144.

Os conteúdos descritos anteriormente foram cuidadosamente selecionados e adaptados para o processo de aprendizagem daqueles que apresentavam dificuldades auditivas, visuais, motoras e intelectivas. Isso demonstra a preocupação de Antonio Garcia Filho e sua equipe com essas crianças, principalmente no que se refere à comunicação. Para ele, era importante que o “Ninota Garcia” preparasse essas crianças, adaptando seus reflexos para “[...] fazer-se entender por meio da palavra e dos sons recuperados, gestos, sinais, movimento de lábios e escrita”. (GARCIA FILHO, 1966, p.27).

Na tabela que segue constam os índices: ano, escola, número de professoras, número de alunos por idade e sexo, crianças “sadias”, “deficitários físicos” e “deficitários mentais”, de alunos matriculados no pré-primário, na primeira e na segunda série do primário, bem como na Escola de Surdos-Mudos e na Oficina de Artes Industriais, no período de 1962 a 1965. As aulas de Artes Industriais eram compostas por indivíduos de todas as idades e não foram estratificadas segundo as deficiências. O Clube Feminino, o qual compreendia as atividades de corte e costura, bordado e pintura, era destinado, como o próprio nome sugere, ao público feminino, inclusive para as mães daqueles que se encontravam em fisioterapia ou em aula. O objetivo era congregar a família em torno de algo edificante.

Quadro 13: Número de usuários (do pré-primário, da primeira e da segunda série do primário, da Escola de Surdos-Mudos e da Oficina de Artes Industriais), de 1962 a 1965.

ANO	ESCOLA	Nº PROFESSORAS	Nº ALUNOS POR IDADE E SEXO	CRIANÇAS "SADIAS"	"DEFICITÁRIOS FÍSICOS"	"DEFICITÁRIOS MENTAIS"
1962	Escola de Surdos-Mudos	3	21 (entre 8 e 43 anos)	-	-	-
	Jardim de Infância Integrado	1	45 (17 masculino e 28 feminino)	42	3	-
	Oficina de Artes Industriais	7	156	Não informado		
1963	Escola Primária	1	11 (5 masculino e 6 feminino) entre 6 e 14 anos	5	3	3
	Escola de Surdos-Mudos	3	20 (entre 8 e 43 anos)	-	-	-
	Jardim de Infância Integrado	2	64 (31 masculino e 33 feminino) entre 4 e 7 anos	-	5	-
	Oficina de Artes Industriais	4	73 + 48 (Clube feminino)= 121	Não informado		
1964	Escola Primária	1	15 (6 masculino e 9 feminino) entre 7 e 12 anos	2	10	3
	Escola de Surdos-Mudos	3	16 (entre 8 e 43 anos)	-	-	-
	Jardim de Infância Integrado	2	52 (24 masculino e 28 feminino) entre 4 e 7 anos	49	3	-
	Oficina de Artes Industriais	4	45 + 48 (Clube feminino)= 93	Não informado		
1965	Escola Primária	2	22 (14 masculino e 8 feminino) entre 7 e 15 anos	9	3	10
	Escola de Surdos-Mudos	3	17 (entre 8 e 43 anos)	-	-	-
	Jardim de Infância Integrado	2	69 (36 masculino e 33 feminino) entre 4 e 7 anos	62	7	-
	Oficina de Artes Industriais	6	73 + 44 (Clube feminino)= 117	Não informado		

Fonte: Garcia Filho, 1966.

À medida que o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” desenvolvia suas atividades, os usuários, familiares e curiosos logo perceberam seus resultados. Isso fez com que elevasse a quantidade de usuários anualmente. A tabela a seguir demonstra esses resultados:

Quadro 14: Número de pacientes atendidos, entre 1962 e 1965, segundo as causas.

ANO	PACIENTES MATRICULADOS	MAIORES INDICES DE CAUSAS					ALTA POR CURA
		Paralisia (infantil+cerebral +obstétrica)	Fratura	Traumatismo	Espondilopatias	Sem diagnóstico	
1962 (2º SEMESTRE)	54	11	3	1	0	2	4
1963	57	26	0	8	0	2	5
1964	101	36	4	18	0	10	3
1965	184	36	25	15	34	3	25
1966	147	24	27	12	35	0	20

Fonte: Garcia Filho, 1966.

A maioria dos pacientes matriculados encontrava-se na faixa etária entre 0 e 5 anos, apesar das fontes informarem a existência de pacientes em todas as idades, inclusive entre 61 e 70 anos de idade, porém em menor ocorrência. Os índices registrados na tabela acima, alusivos ao ano de 1962, referem-se somente ao segundo semestre, haja vista a data da fundação da instituição, 24 de junho de 1962, conforme já mencionado. Apesar de não haver ocorrência de Espondilopatias, entendidas como alterações degenerativas e progressivas dos discos intervertebrais, corpos vertebrais, facetas articulares e estruturas cápsulo-ligamentares, nos três primeiros anos, achei relevante incluí-lo na tabela pelo fato do mesmo apresentar um elevado índice em 1965 e 1966 e serem, por conseguinte, pacientes/usuários dos serviços de fisioterapia.

Os índices, os resultados e as fontes deixam evidente a importância do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” para a comunidade sergipana. A referida instituição, através da prestação dos seus serviços especializados, possibilitou o acesso à educação para aqueles deficientes que viviam à margem da sociedade, além de contribuir para o restabelecimento de doenças, de traumatismos ou de uma incapacidade por meio da fisioterapia e da Terapia Ocupacional. A finalidade do Centro era recuperar ou reeducar mental, física ou socialmente o paciente ou aluno de acordo com a necessidade individual em relação a sua capacidade máxima de reabilitação. Heélia Nova, médica e responsável pelo Serviço de Terapia Ocupacional do Centro de Reabilitação de Salvador, em discurso na sessão solene de inauguração do “Ninota Garcia”, em 24 de junho de 1962, conforme já mencionado afirma que:

[...] o Centro de Reabilitação “NINOTA GARCIA”, com os seus Serviços Especializados e com sua Oficina de Trabalhos Ruidosos, está evidentemente em condições de receber, treinar e reabilitar física, moral e socialmente qualquer paciente portador de deficiências motoras, tornando-o auto-suficiente, devolvendo-o de cabeça erguida à família, à sociedade e à Pátria, cõscnio de seus deveres e apto a defender com dignidade e autoridade os seus direitos de cidadão. (GARCIA FILHO, 1966, p.103).

Também pela relevância atribuída à fundação do Centro, Luiz Carlos Domingues Garcia (2011), afirma que:

[...] a concretização desse importante **centro de saúde pública**, que foi e é responsável pelo atendimento a milhares de deficientes físicos oriundos da capital e do interior, que ali têm como evoluir no tratamento médico indispensável. Antes, a saúde da população carente e deficiente era relegada ao completo abandono; quando muito, a busca em outros estados mais adiantados – tais como Salvador e Recife –, era sempre penosa e custosa. **Foi dado, assim, um passo decisivo nas novas relações governo-sociedade, um verdadeiro divisor de águas, com reflexos muito positivos para o futuro do estado de Sergipe.** (DOMINGUES GARCIA, 2011, p. 88, grifo do autor).

Assim sendo, baseando-se, também, nos resultados analisados, o “Ninota Garcia”, enquanto instituição socioeducativa procurou afirmar e consolidar sua identidade com a prestação de serviços na área da educação e da saúde, com trabalhos marcados pela assistência social e visando à autonomia do indivíduo. Representando os usuários do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” quando o dirigia Antonio Garcia Filho, trago à luz o depoimento de Paulo Silva, quando afirma: “É..., na época que Dr. Luiz Garcia foi governador ele montou esse centro de reabilitação e não sei por que hoje, 52, 53 anos depois nós não temos, nós não tenhamos um centro que seja a altura do” Ninota”. Parece brincadeira, 50 anos depois nós não temos, em Sergipe, um centro de reabilitação que chegue aos pés do “Ninota Garcia”. (SILVA, 2011). O depoimento remete não ao Centro, espaço físico ainda existente, mas à configuração da época, quando atendia a todos aos objetivos para os quais foi criado.

O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, embora em outros moldes, e com o apoio da Universidade Tiradentes, assim como o curso de Medicina, seguem o caminho da história e dá ao seu criador, mediador e engajador o status de intelectual. Foi por meio das poesias, das canções, dos discursos, dos pronunciamentos, das orações, da Faculdade de Medicina de Sergipe, do “Ninota Garcia”, dentre outras ações e criações, que ele se compôs médico, político, professor, literato, compositor, enfim...um intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eles são tão grandes quanto você e eu. Suas vidas têm tanto interesse quanto a sua ou a minha, mesmo que ninguém tenha escrito sobre elas. Minha questão diz respeito, antes, a que, *coletivamente*, se não como indivíduos, esses homens e mulheres são os principais atores da história. O que realizam e pensam faz a diferença. Pode mudar, e mudou, a cultura e o perfil da história, e mais do que nunca no século XX. Essa é a razão por que dei o título a um livro sobre essas pessoas, tradicionalmente conhecidas como ‘pessoas comuns’, de *Pessoas extraordinárias*.

(HOBSBAWM, 1998)

A epígrafe acima deixa evidente a importância dos estudos das trajetórias de vida das pessoas “comuns” que, ao serem tratadas pelo viés da História Cultural, deixaram marcas, indícios e evidências que nos levam a remontar suas trajetórias de vida, principalmente quando suas ações e realizações mudaram o curso da história. Uma trajetória de vida, uma história de vida ou um percurso de vida deve ser entendido como um caminho de conhecimentos do mundo, apresentado e apropriado através das subjetividades dos personagens aos quais os pesquisadores decidiram biografar. É nesse sentido que os autores Amado e Ferreira (2001) afirmam que: “Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, “Uma vida”, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”. (AMANDO E FERREIRA, 2001, p.183).

Por certo, as pesquisas biográficas voltadas para os intelectuais, principalmente para os intelectuais da educação, vêm ocupando papel de destaque na historiografia educacional. Tais estudos são importantes contribuições, não somente para compreender a identidade profissional enquanto intelectual da educação, mas também para a construção e consolidação de um campo de estudo voltado para as ações desses intelectuais, dando-lhes voz e colocando-os em lugar alto na hierarquia social, assim como foi o caso dos estudos das pesquisadoras Diana Vidal e Cynthia Greive Veiga que, ao estudarem Michel de Certeau e Norbert Elias, respectivamente, exploraram sua trajetória de vida e profissional, levando-nos a conhecer mais e melhor acerca de seus estudos e suas contribuições para o campo educacional e social.

Os intelectuais da educação brasileira também se tornaram objeto de análises historiográficas. Esse tipo de estudo vem despertando os olhares de pesquisadores brasileiros a exemplo de Clarice Nunes, Zaia Brandão e Nelson Piletti. Ao biografar os educadores brasileiros Anísio Teixeira, Paschoal Lemme e Fernando de Azevedo, os quais deixaram evidentes as ações e atuações de cada um deles no campo educacional, principalmente de quando participaram do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (1932) que, dentre outros princípios, defendiam as diretrizes de um programa de reconstrução educacional para o país, no intuito de promover uma educação gratuita e de qualidade. Esses estudos que evidenciam a trajetória dessas personagens, consideradas por seus estudiosos, intelectuais da educação, servem, principalmente, de modelo para trabalhos de pesquisa que, como este, procuram evidenciar as ações, sobretudo as singulares, que marcaram a história e que por isso os colocam na hierarquia dos intelectuais da educação.

Em Sergipe não é diferente. As pesquisas biográficas voltadas para os intelectuais da educação também ocupam uma posição relevante na historiografia educacional sergipana. Além de vir compondo objeto de estudo de pesquisadores vinculados a grupos de pesquisas, os intelectuais da educação sergipana são foco de muitas dissertações de Mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes, a exemplo dos trabalhos de Maria do Socorro Lima (2008), Jussara Maria Viana Silveira (2008), Marlaine Lopes de Almeida (2009), Sylvania Santana Costa (2011), Priscila Silva Mazêo de Alcântara (2012), José Ricardo Freitas (2012) e José Gilvan da Luz (2012). Sob a ótica da abordagem biográfica, os referidos pesquisadores procuraram revelar as contribuições e intervenções de educadores sergipanos no quadro educacional, político e cultural do Estado, levando-nos a repensar os papéis sociais dos respectivos personagens e de suas marcas não somente na historiografia sergipana, mas, também, na historiografia brasileira.

Predestinada a seguir o curso desses pesquisadores que evidenciam homem e obra na história, resolvi por seguir a mesma linha de análise. Assim, esta pesquisa teve como foco investigativo a trajetória de vida do médico, político, professor, poeta, compositor, literato e agente cultural, Antonio Garcia Filho. O objetivo geral consistiu em compreender as contribuições de Antonio Garcia Filho para o campo educacional sergipano. Ao longo do estudo, busquei compor o sujeito aqui estudado pelas entrevistas, pela história contada e pela história registrada, baseando-me nos conceitos de Intelectual de Sirinelli (1996, 1997) e de capital social

e capital cultural de Bourdieu (2004). No intuito de identificar e compreender as ações de Antonio Garcia Filho voltadas à educação e analisar suas contribuições no cenário educacional e social sergipano, organizei o trabalho em duas partes, além do capítulo introdutório.

No primeiro capítulo procurei apresentar os dados biográficos de Antonio Garcia Filho no intuito de compreender sua trajetória de vida, em especial a esfera pública, analisando, para isso, suas atuações e obras a fim de compreender as marcas deixadas por ele nos campos político, cultural e educacional no Estado de Sergipe. Antonio Garcia Filho (1916-1999) nasceu na cidade sergipana de Rosário do Catete, sendo filho de Antonia Menezes Garcia e do comerciante e servidor público Antonio Garcia Sobrinho. Estudou no Colégio Tobias Barreto e no Atheneu Sergipense, tendo, em seguida, ingressado na Faculdade de Medicina da Bahia (1936), formando-se em 1941. Ao voltar à capital sergipana iniciou suas atividades como médico na Rede Ferroviária Leste Brasileiro. Em 1945 atuou como Clínico Geral e Diretor Clínico no Hospital Santa Isabel. Atuou também nos jornais de Sergipe, onde dirigiu o Correio de Aracaju e a Gazeta Socialista, além de ter colaborado com outros jornais locais como O Nordeste e A Cruzada, tornando-se, por isso, membro da Associação Sergipana de Imprensa. Ajudou a fundar a Sociedade de Cultura Franco-Brasileira, de Sergipe; foi eleito o orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e ainda Presidente de Honra do Clube de Imprensa, Rádio, Letras e Artes Plásticas de Sergipe.

No campo político, era partidário do Partido Socialista Brasileiro - PSB, pelo qual se elegeu vereador por Aracaju, em 1947. Foi o primeiro Secretário de Educação, Cultura e Saúde de Sergipe no governo do seu irmão Luiz Garcia. Nesta oportunidade, junto com o jornalista Junot Silveira, Secretário Particular do Governador, fundou o Museu Histórico de Sergipe, localizado na cidade de São Cristóvão. Foi membro da Academia Sergipana de Letras, onde ocupou a cadeira nº 1, cujo patrono foi o intelectual Tobias Barreto de Menezes. Com o objetivo de reunir obras literárias em torno da Academia de Letras, fundou, nesse mesmo período, o MAC – Movimento de Apoio Cultural que, após sua morte, passou a receber o seu nome. Sua relação com o capital cultural, adquirido desde o nascimento, seiva do legado familiar, e sua rede de sociabilidade levou-o a cargos importantes, a exemplo, da Presidência da Sociedade Médica de Sergipe (SOMESE), no período de 1960 a 1962 e foi um dos fundadores do Conselho Regional de Medicina deste Estado. Também esteve entre os fundadores da UNIMED e ainda participou da fundação da Sociedade de Anestesiologia do Estado de Sergipe (SAESE).

Antonio Garcia Filho fundou, também, com outros colegas, a Faculdade de Medicina de Sergipe, em 1961, sendo seu primeiro diretor por oito anos consecutivos. Lecionou a disciplina de Bioquímica e foi o primeiro professor de Anestesiologia. Ainda atuou como professor de nutrição da Faculdade Católica de Serviço Social. Quando a Universidade Federal de Sergipe foi criada, ele foi nomeado seu primeiro Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, quando aproveitou a oportunidade para fundar o Festival de Artes de São Cristóvão. Por suas ações, recebeu da Universidade Federal de Sergipe o honroso Título de Professor Emérito. Aqui registro a importância de se estudar não apenas o seio familiar, a infância, as primeiras letras, a graduação, o primeiro emprego, dentre outros aspectos analisados de Antonio Garcia Filho, mas também seu curso frente a diversos cargos ocupados, sejam em instituições educativas, sejam em instituições religiosas, a exemplo da Liga Universitária Católica, pois conforme afiança Souza (2006) “[...] ao reconstruir e interpretar as trajetórias são destacados elementos comuns e distintos do processo de socialização familiar, assim como, cada um a seu modo, de perspectiva de acesso a posições privilegiadas, nos espaços públicos”. (SOUZA, 2006, p.148-149).

Em 1962, idealizou e fundou o primeiro Centro de Reabilitação Física de Sergipe, à época o terceiro do Brasil, ao qual chamou de Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, presidindo por mais de 10 anos esta Instituição voltada para uma proposta educacional de indivíduos deficientes e para os ditos “normais”, além da preparação destes para o mercado de trabalho. Seguindo uma linha de intelectual múltiplo, Antonio Garcia Filho, quando presidente do Conselho Estadual de Cultura, junto com outros intelectuais, criou o Encontro Cultural de Laranjeiras. Além de poeta, foi também compositor de músicas. É o autor da letra do Hino do 28º Batalhão de Caçadores e do Hino da cidade de Rosário do Catete e é dele também a letra e a música de “Aracaju, uma estrela”, vencedora do concurso público “Uma canção para Aracaju”, promovido pela Prefeitura Municipal de Aracaju na administração do prefeito Cleovansóstenes Pereira de Aguiar (1971-1975). Foi ainda no capítulo I que procurei desvelar não somente a atuação de Antonio Garcia Filho, mas também as ideologias produzidas e veiculadas por ele através de suas atuações em instituições, o que ele criou, o que ele mediu e os seus engajamentos. Sirinelli (1997, p.274) destaca a importância de estudar aqueles que exerceram influência política e cultural em uma dada época, atentando não apenas para suas ações, mas considerando também as ideologias produzidas ou veiculadas por esses intelectuais. Para o autor,

essa “classe” é caracterizada pelo seu poder de influência, isto é, de ressonância e de amplificação, refletidas na sociedade pela legitimidade das tomadas de decisão e ações proeminentes no tocante a matéria cultural.

No segundo capítulo procurei desvelar seus principais feitos, considerados aqui como marcas deixadas no tempo e que mudaram o ‘perfil da História’, em Sergipe, no século XX. Tais feitos, quais sejam: a Faculdade de Medicina de Sergipe e o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, frutos do seu engajamento, nos remetem à imagem de Antonio Garcia Filho como sendo um homem militante, que conquistou lugares no espaço social onde viveu e circulou. Tratou-se de uma pessoa comum, mas que mudou o curso da história da educação em Sergipe, tornando-se ator principal das “peças” que criou, posto que suas ações e seus feitos são considerados aqui extraordinários pela sua relevância educacional e social. Neste capítulo, fiz uso dos escritos de Magalhães (2004) sobre instituição educativa, posto a necessidade de se compreender tais instituições como possuidoras de uma identidade própria, focadas na formação intelectual e profissional de cidadãos, cujo objetivo era melhorar o quadro educacional e social do Estado de Sergipe, fosse na medicina, fosse com os trabalhos manuais ensinados no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” que, tomando-se dos conhecimentos da medicina, do tratamento, da cura e da educação, apresentava como principal objetivo a oportunidade de integração do indivíduo deficiente ao meio social.

Transcorrer a história de vida de Antonio Garcia Filho não foi tarefa fácil, principalmente para mim, como pesquisadora ainda em formação. Encontrei muitos artigos narrando acerca do meu objeto de estudo, alguns depoimentos, alguns pronunciamentos, algumas saudações nas Revistas da ASL, mas nenhum deles me revelou “aquilo” que me deixou inquieta durante toda a pesquisa. “As indiferenças”, “as armadilhas dos opositores”, “as pedras de tropeços”, “as forças ocultas” e “o front do silêncio” foram termos encontrados em muitas fontes, porém sem a fundamentação e explicação dos mesmos. Nem mesmo as pessoas as quais entrevistei falaram a respeito. Alguns se calaram e outros nem concederam a entrevista. A justificativa, talvez, seja aquela que seu filho, Eduardo Garcia, me relatou: “[...] talvez as pessoas não estejam preparadas, maduras para ouvir a verdade” e ainda cita em sua obra: “Deixo, contudo, para o futuro – quando o tempo tiver domado completamente as paixões – a oportunidade para que alguém decifre os enigmas [...]”. (CONDE GARCIA, 2008, p.106). Quiçá mais adiante, quando não mais estiverem movidos pelos sentimentos, estes fatos sejam revelados,

trazendo para o presente, acontecimentos do passado que eu ainda desconheço, até porque toda pesquisa está sempre em processo de construção e desconstrução.

É verdade que procurei ficar afastada da personagem aqui estudada para não cair no erro, comum em muitos pesquisadores, da supervalorização do sujeito e a necessidade de humanização. Confesso que foi muito difícil, algumas vezes impossível, apesar de minha orientadora encontrar, de quando em quando, essa valorização. Deixei-me mover pela subjetividade, interferente na objetividade, e, algumas vezes, intervi como sujeito de ocorrências, porém, sem a intenção de mudar os fatos. Até porque, como asseverou Amado e Ferreira (2001):

[...] se o historiador deve manter um distanciamento crítico em relação ao seu objeto de estudo e proceder com discernimento e rigor, nem por isso ele consegue ser neutro. É mais que uma esquivia: uma renúncia. Pois nele existe apenas uma consciência e somente uma: sua consciência de historiador é sua consciência de homem. E segundo as palavras de Rebelais, que nunca é demais repetir em virtude de seu alcance permanente e universal, ‘ciência sem consciência é somente ruína da alma’ (AMADO e FERREIRA, 2001, p.227).

Assim, foi mantendo o “discernimento” e o “rigor” possíveis que narrei a história de vida de Antonio Garcia Filho. Para tanto foi necessário apreender domínios internos e externos de suas experiências como intelectual sergipano, seus aspectos vividos em determinados momentos e situações. Isto porque sua trajetória foi balizada por atuações e ações que desencadearam em frutos que muito contribuíram para o campo da saúde, da educação e da cultura no Estado de Sergipe, o que o evidencia como intelectual. Em sua obra “Um pensamento na praça” ele cita, em forma de epígrafe, Thomas Mann (1952), para quem: “O homem não vive somente a sua vida individual, consciente ou inconscientemente participa também da vida da sua época e dos seus contemporâneos”. Talvez não soubesse ele que hoje estaria sendo biografado e sendo “rotulado” como um intelectual que, por suas criações, mediações e engajamentos, deu novo rumo à História da Educação em Sergipe.

Morreu? – Por certo não. Intelectuais não morrem, eles sobrevivem ao tempo, às teorias, às novas descobertas, às tecnologias, pois são eles, através das ideologias irradiadas, que alicerçam o porvir. Não cabe ao curso da história esquecê-los. É sua obrigação projetá-los aos

olhos daqueles que constituirão e comporão o futuro. Antonio Garcia Filho tem agora sua página registrada. Dever cumprido por aquela que, ainda graduanda, pesquisou usuários do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” e que sentiu ali, uma história que precisava ser revelada. Finalizo com a representação dos sentimentos que me atingiram ao desvelar sua trajetória.

Quanta

O Rosário de contas de Antônio
Brilhou nos corações e nas mentes
Fez nascer o amor pelo saber
Fez curar a dor de seus doentes

Antonio expandiu os horizontes
Plantou para nós as sementes
Da floresta do conhecimento
Foi guiado pela luz dos Mestres

Para que sua onda não morresse
Abriu grandes espaços para o eco
Emitiu *quanta* de luz ao Universo
Atingindo a curva do espaço-tempo-eco.

(SILVA, 2012)

O rosário é um artefato de quem reza com devoção, típico dos que realmente têm fé, bem comum nas gentes mais humildes do interior. Antônio nasceu em Rosário do Catete-SE e conforme podemos perceber, ele foi um homem de fé e iluminado e se arvorou do conhecimento, deixando um legado. Na verdade, ele é uma conta do rosário que não se perdeu nas mãos dos incrédulos, mas passou para a mão do “Divino” através de sua obra. Um quantum (plural quanta) é a quantidade mínima de energia necessária para que um elétron salte de órbita e transforme a matéria ou desencadeie uma reação atômica. A criação da Faculdade de Medicina e do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, foram, por certo, o seu quanta e vem se perpetuando, mudando o curso da história do povo sergipano. Daí atingir a curva do espaço-tempo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanese (Org.). **Fontes Históricas**. 2º ed.; São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Leyda Regis**: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe. São Cristóvão: UFS, 2009. (Dissertação de Mestrado em Educação)

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: traços de uma história. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 34, 2003-2005.

AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ARANHA, Maria Salete. **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência**. Artigo publicado na Revista do Ministério Público do Trabalho, Ano XI, no. 21, março, 2001, p. 160-173

AZEVEDO, Eliane Elisa de Souza. **Memória Histórica 1996-2007**: Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador. EAMeFS, 2008

BARRETO, Luiz Antonio. **Graccho Cardoso**: vida e política. Aracaju: Instituto Tancredo Neves, 2003.

_____. **José Sampaio** - O poeta dos humildes. Aracaju, 2006. Disponível em: http://www.infonet.com.br/Luizantonioabarreto/ler.asp?id=46328&titulo=Luiz_Antonio_Barreto. Acesso em: 01 de jan. de 2012.

_____. **Luiz Garcia, um governante inovador**. 2005. Disponível em: http://www.infonet.com.br/Luizantonioabarreto/ler.asp?id=35500&titulo=Luiz_Antonio_Barreto. Acesso em: 17 de mar. de 2012

_____. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.

_____. **Série biografia dos Desembargadores do Tribunal de Justiça de Sergipe**. Aracaju, 2008. Disponível em : http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=329&titulo=biblioteca_virtual. Acesso em: 03 de jul. 2012.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os Padres de Dom José**: O Seminário Sagrado Coração de Jesus 1913-1933. São Cristóvão: UFS, 2004. (Dissertação de Mestrado em Educação)

_____. **A formação de padres no nordeste do Brasil (1894-1933)**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2011.

BATISTA, Hilton. **A ABBR na história da medicina física e reabilitação**. Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <http://www.abbr.org.br/abbr/historico/index.html>. Acesso em: 22 Ago. de 2012.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes biográficas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-233.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Zaia. Paschoal Lemme. In: FAVERO, M. de L; BRITO, J. M. (Org.). **Dicionário de Educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. 2 ed. aum. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p. 879-89.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cintia P.de; CATANI, Denice B. (Orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares e profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1988.

CONDE GARCIA, Eduardo Antonio. **Antonio Garcia Filho e a faculdade de medicina de Sergipe**: criador e criatura. Aracaju: SERCORE Artes Gráficas, 2008.

COSTA, Silvânia Santana. **Espaços construídos, posições ocupadas**: historia docente de José Calazans Brandão da Silva em Sergipe. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação).

CUNHA, Florêncio Rodrigues. **Relatório de Reconhecimento da Faculdade de Medicina de Sergipe**. Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro: 1963.

DANTAS, José Ibarê da Costa. **História de Sergipe**: República (1989-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DIAS, Lúcio Antonio Prado. **Como descrever a figura do saudoso médico Antônio Garcia Filho?** Aracaju, 2006. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/lucioprado/ler.asp?id=50515&titulo=Lucio>. Acesso em 11 Fev. 2012.

DIAS, Lúcio Antonio Prado. **1961 – O ano de Garcia**. Aracaju, 2011. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/sysinfonet/publico/share.asp?id=112648&janelaenviar=sim&acao=imprimir>. Acesso em: 11. Fev. 2012

DOMINGUES GARCIA, Luiz Carlos. **Carlos Garcia**: A luta política e jurídica contra o Estado Novo em Sergipe (décadas de 1930 a 1950). Salvador: Alphagraphics, 2011.

FREITAS, Anamaria Gonçalves. Bueno; DANTAS, Maria. José. **Apontamentos da historiografia educacional no Brasil e em Sergipe**. In: VI Semana Nacional de Educação - A formação do professor: desafios políticos e pedagógicos, 2008, São Cristóvão. Anais do VI Semana Nacional de Educação - A formação do professor: desafios políticos e pedagógicos. São Cristóvão: Editora da UFS, 2008. v. 1. p. 1-16.

FREITAS, Anamaria Gonçalves. Bueno de; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. As Escolas Normais da Província: a organização do ensino normal em Sergipe durante o século XIX. In: ARAUJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves. Bueno de; LOPES, Antonio de Pádua Carvalho (org.). **As Escolas Normais no Brasil**: do Império à República. Campinas: Alínea 2008, p. 163-175.

GARCES, Ednaldo A. **A Faculdade de medicina de Sergipe** – Primeiros Passos. In: Revista Somese. Setembro a Dezembro de 2011, p.14-15.

GARCIA FILHO, Antonio. **Abdias Bezerra**. Revista da Academia Sergipana de Letras. Aracaju, nº33, 1997.

_____ **A Reabilitação em Sergipe**. Aracaju: Gráfica Aracaju, 1966.

_____ **Circular ao Presidente da Fundação do Ensino Médico**. Aracaju, 1968.

_____ **Discurso do Acadº. Antonio Garcia Filho no centenário do Dr. Jessé de Andrade Fontes**. In: Revista da Academia Sergipana de Letras. Aracaju-Se, nº 29, 1984.

_____ **Dr. Antonio Garcia Filho** - Discurso de Posse. In: Revista da Academia Sergipana de Letras. Aracaju-Se, nº 21-22, 1961-1962.

_____ **Maslore**. In: Revista da Academia Sergipana de Letras. Nº 31, 1994.

_____ **Tempo – Rio** - Antonio Garcia Filho. In: Revista da Academia Sergipana de Letras. O Sodalício: Edição comemorativa aos 70 anos da Academia Sergipana de Letras. Aracaju-Se, 1999.

_____ **Um pensamento na praça**. Aracaju: Fundação Augusto Franco, 1960.

GERMINIANI, Clotilde Lourdes Branco. **Discurso pronunciado na posse de Déborah Pimentel na Presidência da ASM.** In: Academia Sergipana de Medicina. Aracaju, 2006. Disponível em: http://linux.alfamaweb.com.br/asm/assets/Clotilde_Germiniani.pdf. Acesso em: 30 Ago. 2012.

HOBBSAWM, Eric. **Pessoas extraordinárias:** resistência, rebelião e jazz. Tradução de Irene Hirsch e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary L. **Esclarecendo as deficiências:** Aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de história de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). **Tempos, Narrativas e Ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 21-40.

LIMA, Maria do Socorro. **República, Política e Direito:** representações do trabalho docente e trajetória de Carvalho Neto (1918-1921). São Cristóvão: UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado em Educação)

LUZ, José Gilvan da. **Genaro Dantas Silva:** o ponto de inflexão no ensino da matemática em Sergipe. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação de Mestrado em Educação)

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Tecendo nexos:** história das instituições educativas. Bragança Paulista/Editora Universitária São Francisco, 2004.

MENESES, Tânia. **Antonio Garcia Filho,** o fundador do MAC (Movimento de Apoio Cultural à Academia Sergipana de Letras), 2008. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1013919>. Acesso em: 16 de mai. 2012.

MAZÊO, Priscila Silva de Alcântara. **O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876).** Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação de Mestrado em Educação)

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana:** Uma crítica aos estudos de história da educação. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2003.

_____. **Intelectuais da Educação:** Sílvia Romero, José Calazans e outros Professores. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, José Anderson: **Homenagem póstuma ao Dr. Antonio Garcia Filho.** Revista da Academia Sergipana de Letras. nº 34. Aracaju, 2000.

CARVALHO NETO, José. **Um caso de interdição:** aspectos médico-legais. Aracaju: Editora Casa Ávila, 1937.

NUNES, Clarice. **A poesia da ação**. Bragança Paulista-SP: EDUSF, 2002.

NUNES, José Ricardo Freitas. **Tobias Barreto e o projeto de lei nº 129/1879**: uma proposta acerca da educação feminina. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação de Mestrado em Educação)

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. 2ª ed. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

PILETTI, Nelson. Fernando de Azevedo. In: FAVERO, M. de L; BRITO, J. M. (Org.). **Dicionário de Educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. 2 ed. aum. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p. 349-353.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTANA, Antonio Samarone de. **As febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 1997. (Dissertação de Mestrado).

SANTANA, A. S.; DIAS, L. A. P.; GOMES, P. A. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe**: séculos XIX e XX. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SANT' ANNA, Eurydice Pires de; TEIXEIRA, Rodolfo. **Gazeta Médica da Bahia**: índice cumulativo 1866-1976. nº. 20º, Salvador, 1984.

SANTOS, Osmário. **Memórias de políticos de Sergipe no século XX**. Aracaju: Gráfica JAndrade, 2002. 824p.

SCHUELER, Alessandra Frota M. de. **Professores primários como intelectuais da cidade**: um estudo sobre produção escrita e sociabilidade intelectual (Corte Imperial, 1860-1889). In: Revista de Educação Pública. Universidade Federal do Mato Grosso, n. 17, 2008, p. 563-577.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Os intelectuais, entre mitos e realidades**. In: Revista Espaço Acadêmico, nº 29, Out. 2003.

SILVA, Henrique Batista. **História da Medicina em Sergipe**. Editoração Eletrônica: Valfredo Avelino dos Santos, 2006.

SILVA, Patrícia de Souza Nunes. **Quanta**. Poema em homenagem a Antonio Garcia Filho, Aracaju, 2012.

SILVA, Patrícia de Souza Nunes; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. A historiografia da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe: o que diz as fontes. In: DÍAZ, José Maria Hernández (Coord.). **Formación de elites y educación superior Iberoamérica** (SS. XVI-XXI). Salamanca (Espanha): Hergar Ediciones Antema, 2012. vol. 2, p. 769-780.

SILVEIRA, Jussara Maria Viana. **Da medicina ao magistério**: aspectos da trajetória de João Cardoso do Nascimento Júnior. São Cristóvão: UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado em Educação)

SIRINELLI, Jean François. Elites Culturais. In: RIOUX, Jean Pierre. **Por uma história cultural**. Lisboa: Editora Estampa, 1997. p. 259-278

_____. Os intelectuais. In: RÉMONOD, René (Org.). **Por uma história Política**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 231-269

SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça**: um escolanovista sergipano. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

SOUZA, Rita de Cássia Santos. **Educação Especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2005.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Gênese da Educação dos Surdos em Aracaju**. Salvador: UFBA, 2007. (Tese de Doutorado em Educação).

UNIMED. **Homenagem aos fundadores da Unimed Aracaju**. Disponível em: http://memoria.unimed.com.br/memoria/museu_arquivos/html/unidades/sergipe.html. Acesso em: 11 fev. 2012

VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov/Dez, 2002. Edição nº 21. p.90-103.

VIDAL, Diana Gonçalves. Edgar Sussekkind de Mendonça. In: FAVERO, M. de L; BRITO, J. M. (Org.). **Dicionário de Educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. 2 ed. aum. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p. 285-290.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes e VEIGA, Cyntia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 257-284.

JORNAIS

A CRUZADA. **Amanhã inauguração do Hotel Pálace e do Centro de Reabilitação**. Aracaju/SE, 23 e 24 de junho de 1962. Ano XXVI, nº 1345.

A CRUZADA. **Antonio Garcia Filho: “Novo Imortal”**. Aracaju/SE, 07 de janeiro de 1961. Ano XXV, nº 1173.

A CRUZADA. **Dia 08: Posse de Antonio Garcia na Academia Sergipana de Letras**. Aracaju/SE, 05 de agosto de 1961. Ano XXV, nº 1213.

A CRUZADA. **Regressou Delegação de Sergipe ao I Encontro sôbre Reabilitação**. Aracaju/SE, 27 de janeiro de 1962. Ano XXVI, nº 1338.

JORNAL DA CIDADE. **Antonio Garcia Filho, meu médico e amigo**. Aracaju/SE, 13 de fevereiro de 1986. Ano XXVI, nº. 4.344.

SERGIPE JORNAL. **Aula inaugural da Faculdade de Medicina**. Aracaju/SE, 21 de março de 1961. Ano XVI, nº14234.

SERGIPE JORNAL. **Professor Espanhol para a Faculdade de Medicina**. Aracaju/SE, 08 de março de 1961. Ano XVI, nº14230.

FONTES ORAIS

CARDOSO, Leda. Entrevista concedida em agosto 2011.

CONDE GARCIA, Eduardo Antônio. Entrevista concedida em maio 2012.

CONDE GARCIA, Eduardo Antônio. Entrevista concedida em agosto 2011.

GARCIA, Maria Helena. Entrevista concedida em agosto 2011.

MELO, Edite. Entrevista concedida em setembro 2011.

PALMEIRAS, José Arnaldo Vasconcelos. Entrevista concedida em agosto 2012.

REZENDE, Zulmira Freire. Entrevista concedida em agosto de 2011.

SILVA, Paulo. Entrevista concedida em agosto 2011.

VIEIRA, Francisca. Entrevista concedida em março 2012

ANEXOS

ANEXO I - Histórico do Curso de Medicina de Antonio Garcia Filho, 1936-1941

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Nome Antônio Garcia Filho

Filho de Antônio Garcia Almeida e D. Petronilha Marques Garcia

Naturalidade Teófilo de Lezíria Nascido em 29 de julho de 1916

Carteira de Identidade N.º 25076 (Cópia Idmte.) Faltou

REC. N.º 138
1941

1936 Entrou matriculado em Teófilo de Lezíria em 1936, sendo separado para a medicina (13). Ao trilharem-se os 1.º ano de estudo, saiu para Teófilo de Lezíria em 1936, tendo sido aprovado de exames nos 2.º e 3.º anos de estudo.

1937 Entrou em Teófilo de Lezíria em 1937, sendo separado para a medicina (14). Ao trilharem-se os 2.º e 3.º anos de estudo, saiu para Teófilo de Lezíria em 1937, tendo sido aprovado de exames nos 2.º e 3.º anos de estudo.

1938 Entrou em Teófilo de Lezíria em 1938, sendo separado para a medicina (15). Ao trilharem-se os 3.º e 4.º anos de estudo, saiu para Teófilo de Lezíria em 1938, tendo sido aprovado de exames nos 3.º e 4.º anos de estudo.

1939 Entrou em Teófilo de Lezíria em 1939, sendo separado para a medicina (16). Ao trilharem-se os 4.º e 5.º anos de estudo, saiu para Teófilo de Lezíria em 1939, tendo sido aprovado de exames nos 4.º e 5.º anos de estudo.

1940 Entrou em Teófilo de Lezíria em 1940, sendo separado para a medicina (17). Ao trilharem-se os 5.º e 6.º anos de estudo, saiu para Teófilo de Lezíria em 1940, tendo sido aprovado de exames nos 5.º e 6.º anos de estudo.

1941 Entrou em Teófilo de Lezíria em 1941, sendo separado para a medicina (18). Ao trilharem-se os 6.º e 7.º anos de estudo, saiu para Teófilo de Lezíria em 1941, tendo sido aprovado de exames nos 6.º e 7.º anos de estudo.

ANEXO II - Registro de Diploma de médico de Antonio Garcia Filho, 1941.

205

Registro do Diploma de *Medico*
do *Inr. Antonio Garcia Villos*

(Armas da Republica) Republica dos Estados Unidos do Brasil.
Faculdade de Medicina da Bahia. Em nome do Governo da Republica
dos Estados Unidos do Brasil: Eu, doutor *Ed. de S. A. L. A. L.*
....., diretor da Faculdade de Medicina da Bahia,
tendo presente os termos da approvação nos exames das materias do curso de
Medicina prestados pela *Inr. Antonio Garcia*
Villos natural do Estado de *Sergipe*,
nascido em *29 de Maio* de *1916*, filho de *Antonio Garcia*
Villos e terminados em de *Dezembro* de *1941*
em virtude da autorização que me confere o *Regimento* desta Faculdade,
mandei passar-lhe este diploma de *Medico* afim
de que possa exercer sua profissão nos Estados Unidos do Brasil com as
direitas e prerogativas concedidos pelas leis da Republica. Bahia, de
Dezembro de *1941*. O Diretor da Faculdade *Ed. de S. A. L. A. L.*
L. A. L. O Secretario da Faculdade *Dr. Carlos Gomes*
Villos O *Medico Antonio Garcia Villos*
Vimos de pagar o instrumento, por nos a conta
em do art 106, do decrto n° 15357 de 1 de Abril
de 1881. Bahia 10 de Dezembro de 1941. O Desemb.
Francisco de S. A. L. A. L. de conform.
do de com o art 86 n° 42, do decrto n° 11/88,
de 7 de Outubro de 1936. Off. de S. A. L. A. L. de 12-12-41. Enchada em. O *Dr. Francisco*
Villos e *Dr. Carlos* e *Dr. Carlos* e *Dr. Carlos*
capital.

ANEXO III - Matéria do jornal A Cruzada, em 07 de janeiro de 1961, Ano XXV. Nº 1173, noticiando a eleição na ASL entre Antonio Garcia Filho e o poeta José Santos Souza.

Antônio Garcia Filho: Novo 'Imortal'

Sensacional eleição na Academia Sergipana de Letras — Garcia Moreno Renunciou ao Quadro Sodalício, em caráter irrevogável — Luiz Garcia e Clodoaldo de Alencar querem Santos Souza para a vaga deixada por Alfeu Rosas

Após várias controvérsias que duraram meses, sob uma tensão de grande expectativa nos meios intelectuais de Sergipe, principalmente entre os componentes da nossa maior instituição cultural, realizou-se quinta-feira última, às 14,30 horas, no pavimento térreo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a

eleição entre os membros da Academia Sergipana de Letras, com a finalidade de eleger o substituto de Garcia Rosa, último ocupante da cadeira que tem como patrono Tobias Barreto, sendo vitorioso o poeta Antônio Garcia Filho com 11 votos contra 9 do outro concorrente à mesma cadeira, o poeta Santos Souza.

GARCIA MORENO RENUNCIOU

Logo depois da leitura do parecer a respeito dos dois candidatos, cujos resultados diziam da existência de mérito intelectual em ambos, houve protesto por parte do acadêmico Garcia Moreno, achando o mesmo que "a existência em mãos da comissão, de poesias não publicadas, além de artigos e trabalhos apresentados em conclaves médicos, não poderiam, objetivamente, mostrar o mérito intelectual do Dr. Antônio Garcia Filho".

Após a eleição, na qual saiu vencedor Antônio Garcia Filho, o Prof. Garcia Moreno apresentou sua carta de renúncia ao Presidente da ASL, em caráter irrevogável. No entanto, aquela entidade ainda não tomou conhecimento sobre o afastamento do autor de "Doce Província".

ANEXO IV – Matéria do jornal A Cruzada, de 23 e 24 de junho de 1962, Ano XXVI, nº 1345, noticiando a inauguração do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” e do Hotel Pálace.

Amanhã Inauguração do Hotel Pálace e do Centro de Reabilitação

Serão inaugurados amanhã, pelo Governador Luiz Garcia, o Hotel Pálace de Aracaju e o Centro de Reabilitação de Deficientes, de Sergipe, obras de grande vulto que o Governo estadual vem de construir nesta Capital.

A inauguração do Centro de Reabilitação terá início às 9 horas e a do Hotel Pálace às 18 horas, estando sendo convidadas a população desta Capital e a do Interior para participarem destas solenidades. O Centro de Reabilitação destina-se a promover a recuperação dos deficientes físicos, inclusive reintegrando-os na vida social através de técnicas físicas e psí-

coterápicas. É uma obra que coloca Sergipe em destaque no Nordeste brasileiro, no campo da assistência de reabilitação.

O Hotel Pálace é o mais arrojado empreendimento como obra material do atual Governo, capaz de oferecer hospedagem de alto nível em nossa Capital e assim atrair homens de negócio, turistas, políticos e visitantes de alto gabarito, que poderão promover investimentos e contribuir para a melhoria econômica e social do nosso Estado.

As solenidades presididas pelo Governador Luiz Garcia

contarão com a presença de altas autoridades civis, militares e eclesásticas. Senhor Arcebispo Dom José Vicente Távora que procederá a bênçãos das instalações a serem inauguradas.

ANEXO V – Boletim do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia (1953-1963).

58. Hospital de Cirurgia - Boletim do Centro de Estudos (1953-1963)

Hospital de Cirurgia - Boletim do Centro de Estudos					
Autor	Título	Número	Volume	Ano	Catálogo
LEITE, Augusto	Apresentação	1	1	1953	SS-28155
BONFIM, L.	Palavras de abertura das primeiras jornadas Médicas do Hospital de Cirurgia	1	1	1953	SS-28155
CARDOSO, João	Problema da Infância, O	1	1	1953	SS-28155
SAMPAIO, Fernando	Um achado cirurgico	1	1	1953	SS-28155
Z	Quadro estatístico referente ao movimento do Hospital de Cirurgia em 1952	1	1	1953	SS-28155
SCHMITT, Konrad	Esquistossomose e Carcinoma do Reto	2	1	1953	SS-28156
SOUZA, José Machado de	Considerações sobre um caso de Anemia de Hematias Falciformes	2	1	1953	SS-28156
SOUZA, Oswald de	Paralisia de Erb. - Algumas considerações	2	1	1953	SS-28156
BARRETO, Rodolfo	Considerações de ordem técnica em torno da Prova de Quick	3	1	1953	SS-28157
SAMPAIO, Fernando; SCHMITT, Konrad	Seminoma abdominal	3	1	1953	SS-28157
MORENO, Garcia	Psicanálise de um Anúncio, A	3	1	1953	SS-28157
SCHMITT, Konrad	Diagnóstico Bacteriológico da Tuberculose	3	1	1953	SS-28157
GUERRA, João Conrado	Aspectos Semiologicos do Líquido Céfalo-raquidiano	3	1	1953	SS-28157
Z	Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	3	1	1953	SS-28157
GARCIA FILHO, Antônio	Dietas para operados no Hospital de Cirurgia	4	1	1953	SS-28158
AMARAL, Basílio	Raqui anestesia no Hospital de Cirurgia	4	1	1953	SS-28158

Hospital de Cirurgia - Boletim do Centro de Estudos					
Autor	Título	Número	Volume	Ano	Catálogo
GURGEL, Hugo	Conduta Obstétrica na Incompatibilidade Rh	4	1	1953	SS-28158
PORTO, Lauro de Brito	Estrabismo Concomitante Convergente	4	1	1953	SS-28158
SAMPAIO, Fernando	Corpo Estranho na Face	4	1	1953	SS-28158
Z	Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	4	1	1953	SS-28158
Z	Estatutos do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	5	1	1953	SS-28159
PINTO, Costa	Calculose e Carcinoma Vesicais	5	1	1953	SS-28159
GURGEL, Hugo	Sobre um caso de Litopédio	5	1	1953	SS-28159
MACHADO, Ariovaldo Vieira	Um caso de Prurigo de Hebra	5	1	1953	SS-28159
Z	Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	5	1	1953	SS-28159
SAMPAIO, Fernando	Colecistostomia em Cirurgia biliar	6	1	1953	SS-28160
GARCIA FILHO, Antônio	Valor e importância do "Coeficiente neutrófilo de não segmentados" nas infecções	6	1	1953	SS-28160
BARRETO, Jose Augusto	Uma família de esplenomegálicos	6	1	1953	SS-28160
PRADO, Julio Flávio	Electrocardiografia em cirurgia	6	1	1953	SS-28160
Z	Centro de Estudos	6	1	1953	SS-28160
Z	Noticiário	6	1	1953	SS-28160
SCHMITT, Konrad	Contribuição ao estudo da esquistossomose no aparelho genital feminino	1	2	1954	SS-28161
ANDRADE, J. Aloysio	Eunucoidismo masculino	1	2	1954	SS-28161
SOUZA, Machado de	Leshmaniose tegumentar brasileira	1	2	1954	SS-28161
SOBRAL, Luiz Bôscio Vieira	Tratamento pré e post-operatório nas colecistites no Hospital de Cirurgia de Aracaju	1	2	1954	SS-28161
Z	Movimento do Serviço de Urologia em 1953 Câncer,	1	2	1954	SS-28161

Hospital de Cirurgia - Boletim do Centro de Estudos					
Autor	Título	Número	Volume	Ano	Catálogo
Z	Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	4	2	1954	SS-28164
IRAZU, I.	Factores que originan la esterilidad em el hombre	5	2	1954	SS-28165
PINTO, Costa	Apresentação de radiografias	5	2	1954	SS-28165
BARRETO, José Augusto	Sobre três casos de infantilismo e Síndrome de Banti	5	2	1954	SS-28165
Z	Centro de Estudos	5	2	1954	SS-28166
Z	Prof. Dr. Adriano Pondé (Bahia)	6	2	1954	SS-28166
Z	Dr. L. F. Macêdo Costa (Bahia)	6	2	1954	SS-28166
Z	Dr. Aloísio Andrade (Sergipe)	6	2	1954	SS-28166
Z	Dr. Walter Cardoso (Sergipe)	6	2	1954	SS-28166
Z	Dr. Antônio Garcia Filho (Sergipe) Comentário - Resumo	6	2	1954	SS-28166
Z	Prof. Adriano Pondé (Bahia)	6	2	1954	SS-28166
Z	Dr. Walter Cardoso (Sergipe)	6	2	1954	SS-28166
Z	Dr. Aloísio Andrade (Sergipe)	6	2	1954	SS-28166
VIEIRA, Jorge C.	Geografia das Doenças Mentais no Estado de Sergipe	1	3	1955	SS-28167
PINTO, Costa	Um caso de Retenção Urinária Incompleta Gigante	1	3	1955	SS-28167
LEITE, Benjamim	Um caso de Meningo-Encefalocele	1	3	1955	SS-28167
VASCONCELOS, Djalma	Noticiário	1	3	1955	SS-28167
Z	Curso Intensivo de Gastroenterologia	1	3	1955	SS-28167
Z	Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	1	3	1955	SS-28167
Z	Hospital de Cirurgia	1	3	1955	SS-28167
Z	Prof. Dr. Fernando de Carvalho Luz (Bahia)	2	3	1955	SS-28168
Z	Dr. Antonio Jesuino Neto (Bahia)	2	3	1955	SS-28168
Z	Osvaldo Leite (Sergipe)	2	3	1955	SS-28168

Hospital de Cirurgia - Boletim do Centro de Estudos					
Autor	Título	Número	Volume	Ano	Catálogo
Z	Plano de ação do Centro de Estudos para 1957	1	5	1957	SS-28178
Z	Discurso: Canuto Garcia Moreno	1	5	1957	SS-28178
Z	Consulta médico-legal	2	5	1957	SS-28179
Z	Discurso pronunciado na inauguração do Busto do Dr. Augusto César Leite, no Hospital de Cirurgia, por Antônio Garcia	2	5	1957	SS-28179
Z	Estatística	2	5	1957	SS-28179
Z	Atas do Centro de Estudos	2	5	1957	SS-28179
Z	Fatos e Curiosidades	3	5	1957	SS-28180
FARO, Paulo	Aspectos Gerais da Luta Antituberculosa	3	5	1957	SS-28180
BOSCO, Luiz	Analgesia e Anestesia em Obstetricia	3	5	1957	SS-28180
Z	Fatos e Curiosidades	4	5	1957	SS-28181
RABELLO, A.	Observação Clínica	4	5	1957	SS-28181
ROSAL, Inêz	Relacionamento dos Serviços Técnicos e Auxiliares com o Serviço Social	4	5	1957	SS-28181
CARVALHO, Paulo	Considerações em torno de nosso serviço de rehidratação	5	5	1957	SS-28182
LUCAS, Renato Mazze	Um capitão de quinta arma	5	5	1957	SS-28182
Z	Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	5	5	1957	SS-28182
ROSAL, Iguez	Alguns aspectos do Serviço Social Médico	6	5	1957	SS-28183
CÊU, Maria do	Palestra sobre o câncer	6	5	1957	SS-28183
OLIVEIRA, Aydê Matos de	Uma experiência do Serviço Social na "Casa Maternal Amélia Leite"	6	5	1957	SS-28183
SAMPAIO, Fernando	Sercoma de intestino em criança	6	5	1957	SS-28183
Z	Nova diretoria do Centro de Estudos	6	5	1957	SS-28183

Hospital de Cirurgia - Boletim do Centro de Estudos					
Autor	Título	Número	Volume	Ano	Catálogo
ANDRADE, Valdir Barreto	Prolapso Genital operação tipo Manchester e futuro obstétrico	1	6	1958	SS-28184
ALGODOAL, F. Caldeira	Alguns pontos de interesse sobre antibioticos	2 a 6	7	1958	SS-28185
SAMPAIO, Fernando	Análise de 120 casos de cirurgia biliar	2 a 6	7	1958	SS-28185
MORENO, Garcia	Aplicação judiciária da narco-análise	2 a 6	7	1958	SS-28185
BARRETO, José Augusto	Impressões de um estágio nos Estados Unidos	2 a 6	7	1958	SS-28185
CÊU, Maria do	Estrogenoterapia	2 a 6	7	1958	SS-28185
GARCIA, Antônio	Apostamento de um Congresso Médico - O V de anestesiologia	2 a 6	7	1958	SS-28185
VIEIRA, Jorge C.	Higiene mental e trabalho	2 a 6	7	1958	SS-28185
CARVALHO, Paulo Freire de	Considerações em torno de hidrocefalia	2 a 6	7	1958	SS-28185
Z.	Noticiário	2 a 6	7	1958	SS-28185
CARDOSO, Walter	Mixedema do Adulto	4	8	1959	SS-28186
GARCEZ, João; ROCHA, Wilson; PIVA, Nestor	Neurilemona	4	8	1959	SS-28186
CARVALHO, Paulo	Considerações em torno dos traumatismos obstetricios	4	8	1959	SS-28186
Z.	Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia - Atas	4	8	1959	SS-28186
Z.	Estatutos do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	4	8	1959	SS-28186
Z.	Atividades do Hospital de Cirurgia no ano de 1959	4	8	1959	SS-28186
BONFIM, Lourival	Ação das radiações sobre bacilos tuberculosos resistentes	1	9	1960	SS-28187
ANDRADE, Valdir Barreto	Cisto do canal de Gartner	1	9	1960	SS-28187
SOUZA, José Machado de; MORENO, Canuto Garcia	Tumor de Wilms	1	9	1960	SS-28187

ANEXO VI – Revistas do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia (1953-1963).

HOSPITAL DE CIRURGIA

BOLETIM DO
CENTRO DE ESTUDOS

Redatores responsaveis

FERNANDO SAMPAIO

LOURIVAL BOMFIM

CLOVIS CONCEIÇÃO

COSTA PINTO

SUMÁRIO

Dietas para operados no Hospital de Cirurgia	
— Dr. Antonio Garcia Filho	135
Raquianestesia no Hospital de Cirurgia —	
Basilio Amaral	148
Conduta Obstétrica na Incompatibilidade Rh	
— Hugo Gurgel	157
Estrabismo Concomitante Convergente —	
Lauro de Britto Porto	168
Corpo Estranho na Face — Dr. Fernando	
Sampaio	173
Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia ..	176

Vol. 1

Julho — Agosto — 1953

Nº. 4

158

Aracaju — Sergipe

HOSPITAL DE CIRURGIA

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS

Redatores responsaveis

FERNANDO SAMPAIO

LOURIVAL BOMFIM

CLOVIS CONCEIÇÃO

COSTA PINTO

SUMÁRIO

Colecistostomia em Cirurgia biliar — Fernando Sampaio	223
Valor e importância do “Coeficiente neutrófilo de não segmentados” nas infecções — Antonio Garcia Filho	228
Uma família de esplenomegálicos — José Augusto Barreto	238
Electrocardiografia em cirurgia — Julio Flávio Prado	241
Centro de Estudos	253
Noticiário	257

Vol. 1 Novembro — Dezembro — 1953 Nº. 6

S-28160

Aracaju — Sergipe

HOSPITAL DE CIRURGIA

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS

Redatores responsaveis

FERNANDO SAMPAIO
CLOVIS CONCEIÇÃO

LOURIVAL BOMFIM
COSTA PINTO

SUMÁRIO

SIMPÓSIO

(COLECISTOPATIAS CRÔNICAS)

1.^a) Parte — Respostas às Perguntas de Ordem Geral

a) — Prof. Dr. Adriano Pondé (Bahia)	233
b) — Dr. L. F. Macêdo Costa (Bahia)	249
c) — Dr. Aloisio Andrade (Sergipe)	259
d) — Dr. Walter Cardoso (Sergipe)	273
e) — Dr. Antonio Garcia Filho (Sergipe)	
Comentário — Resumo	279

2.^a) Parte — Respostas às Perguntas Graduadas

a) — Prof. Adriano Pondé (Bahia)	289
b) — Dr. Aloisio Andrade (Sergipe)	295
c) — Dr. Walter Cardoso (Sergipe)	301

Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia	303
---	-----

Vol. 2 Novembro — Dezembro — 1954 Nº. 6

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS

DIRETOR-CHEFE: ANTONIO RABELLO
DIRETOR-SECRETÁRIO: ARISTÓTELES AUGUSTO

CONSELHO CIENTÍFICO: AUGUSTO LEITE — LOURIVAL BOMFIM —
JULIANO SIMÕES — LAURO HORA — JOSÉ MACHADO DE SOUZA

SUMÁRIO

Consulta médico-legal — <i>Garcia Moreno</i>	23
Discurso pronunciado, na inauguração do Busto do Dr. Augusto Cesar Leite, no Hospital de Cirurgia, por <i>Antonio Garcia</i>	27
Estatística	30
Atas do Centro de Estudos	33

Vol. 5 - Março e Abril - 1957 Nº. 2

8179

Aracaju — Sergipe

HOSPITAL DE CIRURGIA

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS

DIREÇÃO : WALTER CARDOSO

CONSELHO CIENTÍFICO : AUGUSTO LEITE — LOURIVAL BOMFIM —
JULIANO SIMÕES — LAURO HORA — JOSÉ MACHADO DE SOUZA

SUMÁRIO

Alguns pontos de interesse sobre antibióticos — Dr. F. Caldeira Algodoal	55
Análise de 120 casos de cirurgia biliar — Fernando Sampaio	89
Aplicação judiciária da narco-análise — Garcia MORENO	102
Impressões de um estágio nos Estados Unidos — Dr. José Augusto Barreto	108
Estrogenoterapia — Maria do Céu	119
Apontamentos de um Congresso Médico — O V de anestesiologia — Antonio Garcia	131
Higiene mental e trabalho — Jorge C. Vieira ..	148
Considerações em torno de hidrocefalia — Paulo Freire de Carvalho	156
Noticiário	161

Vol. 6

Março a Dezembro - 1958

N.º 2 a 6

28185

Aracaju — Sergipe

NOTICIÁRIO

SESSÕES REALIZADAS NO ANO DE 1958

PRESIDENTE — DR. WALTER CARDOSO

- | | |
|-----------|---|
| Janeiro | 8 — Eleição |
| | 30 — Posse da Diretoria |
| Fevereiro | 25 — Sessão de planejamento |
| | 28 — Um caso de C A — Dr. Canuto Moreno —
Anomalia das Vias Biliares — Dr. Fernando
Sampaio |
| Março | 7 — Considerações em torno do Leucograma: —
Dr. Antonio Garcia |
| | 14 — Homenagem ao Dr. Waldir Andrade Bar-
reto — Dr. A. Garcia |
| | 21 — Flebites — Dr. Canuto Moreno |
| | 28 — Sobre um caso de fratura de olecrâneo —
Dr. Osvaldo Souza |
| Abril | 11 — Minha experiência Cirúrgica em cirurgia das
vias Biliares — Dr. Fernando Sampaio |

— 162 —

- 24, 25, 26 — Temas de Hematologia — Prof. Roberto Santos
- Maio 9 — Impressões de um Congresso — Dr. Juliano Simões
- 16 — Exibição de filmes
- 23 — Mesa Redonda — Diabetes
- 30 — Alguns aspectos de Deontologia Médica — Garcia Moreno.
- Junho 6 — Primeiras observações no emprêgo da Hidergina e B. 15 em clínica médica — Dr. Antonio Garcia
- 13 — Afecções Ginecológicas com sintomatologia Digestiva: — Dr. Hugo Gurgel
- 14 — Homenagem ao sr. José Ribeiro do Bonfim. — Lourival Bonfim. (dr.)
- 28 — Estrogenoterapia — Maria do Céu (dra.)
- Julho 1, 2, 3, 4, 5 — D. Hebe Gonçalves — Assistente Social —
Temas sobre Serviço Social
- 10 — Antibióticos e suas aplicações — Dr. Caldeira Algodoal
- 18 — Obstrução Intestinal — Revisão — Dr. Antonio Rebello Leite
- Agôsto 8 — Noções sobre equilíbrio Hidro-Sanin — Dr. Antonio Garcia — no Adulto — Dr. Paulo Carvalho — na Criança

ANEXO VII – Índice Bibliográfico das Revistas do Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia (1953-1962), por José Abud (1963).

ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

1953 — 1962

José Abud

ANATOMIA E HISTOLOGIA

SILVANY, A.M. & PRADO, Nalmir — Histologia de *Hapale Jacchus*. Tubo intestinal. (Nota prévia) **Arq. Centro Est. Hosp. Cir.** 11(2): 160—163 Jun. 1962.

ANESTESIA

AMARAL, Basílio — Raquianestesia no Hospital de Cirurgia. **B. Centro Est. Hosp. Cir.** 1 (4): 148—156, jul./ago. 1953.

BÔSCO, Luiz — Analgesia e anestesia em obstetrícia. **B. Centro Est. Hosp. Cir.** 5(3): 59—62, maio/jun. 1957.

FARIA, Menandro de — Anestesiologia nos últimos vinte anos. **B. Centro Est. Hosp. Cir.** 3(5): 201—207, set./out. 1955.

FARIA, Menandro de — Atualidades em anestesiologia (1951—1955) **B. Centro Est. Hosp. Cir.** 3(5): 208—213, set./Out. 1955.

GARCIA, Antônio — Apontamentos de um congresso médico — O 5.º de Anestesiologia. **B. Centro Est. Hosp. Cir.** 7(2-6): 131—147, mar./dez. 1955.

SOBRAL, Luiz Bôsko — Complicações respiratórias na anestesia. **B. Centro Est. Hosp. Cir.** 3(5): 214—220, set./out. 1955.

SOBRAL, Luiz Bôsko — Complicações da anestesia venosa; a anestesia venosa no Hospital de Cirurgia. **B. Centro Est. Hosp. Cir.** 4(6): 147—151, nov./dez. 1956.

CIRURGIA

ANDRADE, J.A. & SAMPAIO, Fernando — Abscesso piogênico do fígado. Apresentação de um caso. **Arq. Centro Est. Hosp. Cir.** 9(3): 114—124, set. 1960.

* Médico internista do Hospital de Clínicas "Dr. Augusto Leite".

- CARVALHEIRA, F. — Estenose congênita do esôfago. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(3): 130—135, set. 1960.
- CAVALCANTI, J. S. — Observações sobre a síndrome de Banti e seu tratamento cirúrgico. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(4): 160—176, jul./agô. 1954.
- FREIRE, Fernando Felizola — Perfurações múltiplas espontâneas do cecum em recém nascido. Considerações em torno de um caso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(4): 173—177, dez. 1960.
- FREIRE, Fernando Felizola & SANTOS, José Maria R — Meningocele intratorácico lateral. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 10(3): 103—109, out. 1961.
- GARCEZ, João et alii — Neurilomoma. Apresentação de um caso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 8(4): 132—140, out./dez. 1959.
- GARCIA, Antônio — Dietas para operados no Hospital de Cirurgia. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(4): 135—147, jul./agô. 1953.
- LEITE, Osvaldo — A incisão transversa na esplenectomia: observações sobre uma casuística de 150 operações. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(1): 19—27, mar. 1960.
- LEITE, Augusto — Documentos iconográficos; hipertrofia virginal bilateral da mama. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 10(3): 121, out. 1961.
- LUZ, Fernando de Carvalho et alii — Simpósio sobre cirurgia da vesícula biliar. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 3(2): 81—112, mar./abr. 1955.
- OLIVEIRA, Nestor de — Cisto linfático do mesentério. Relatório de um caso. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(3): 119—123, maio/jun. 1954.
- PIVA, Nestor & FREIRE, Fernando Felizola — Esquistossomose e câncer do intestino; esquistossomose simulando infiltração e metástase de neoplasia intestinal. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(3): 136—148, set. 1960.
- PRADO, Júlio Flávio — Eletrocardiografia em cirurgia. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(6): 241—251, nov./dez. 1953.
- RABELO, Antônio — Procaina venosa no tratamento das queimaduras. (comunicação preliminar). *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 4(2): 40—44, mar./abr. 1956.
- SAMPAIO, Fernando — Um achado cirúrgico. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(1): 19—23, jan./fev. 1953.
- SAMPAIO, Fernando & SCHMITT, Konrad — Seminoma abdominal. Relato de um caso. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(3): 76—82, maio/jun. 1953.
- SAMPAIO, Fernando — Corpo estranho na face; apresentação de um caso. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(4): 173—175, jul./agô. 1953.
- SAMPAIO, Fernando — Colocistostomia em cirurgia biliar. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(6): 223—227, nov./dez. 1953.
- SAMPAIO, Fernando — Tumor desmóide; com apresentação de um caso. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 3(4): 179—185, jul./agô. 1955.

— 26 —

- SAMPAIO, Fernando — Fatos e curiosidades. Sarcoma do intestino em criança. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 5(6): 137—142, nov./dez. 1957.
- SAMPAIO, Fernando — Análise de 120 casos em cirurgia biliar; experiência pessoal. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 7(2-6): 89—101, mar./dez. 1958.
- SAMPAIO, Fernando — Empiema pleural. Tratamento cirúrgico. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(3): 125—129, set. 1960.
- SCHMITT, Konrad — Considerações sobre a chamada "apendicite esquistossomótica". *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(4): 149—159, jul./ago. 1954.
- SOUZA, José Machado de — Polipo retocólico na infância. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(2): 77-80, ju. 1960.

CLÍNICA MÉDICA

- ALGODOAL, F. Caldeira — Alguns pontos de interesse sobre antibióticos. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 7(2-6): 55—88, mar./dez. 1958.
- ANDRADE, J. Aloysio — Eunucoidismo masculino. A propósito de um caso. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(1): 16—31, jan./fev. 1954.
- ANDRADE, J. Aloysio & SAMPAIO, Fernando — Abscesso piogênico do fígado. Apresentação de um caso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(3): 114—124, set. 1960.
- BARRETO, José Augusto — Blastomicose sul-americana. Considerações em torno de um caso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(3): 107-113, set. 1960.
- BARRETO, José Augusto — Uma família de esplenomegálicos. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(6): 238—240, nov./dez. 1953.
- BARRETO, José Augusto — Sobre três casos de infantilismo e síndrome de Banti. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(5): 210—219, set./out. 1954.
- BARRETO, José Augusto — Esclerodermia generalizada; considerações em torno de um caso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 8(1): 3-16, jan./mar. 1959.
- CARDOSO, Walter — Mixedema de adulto. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 8(4): 123—131, out./dez. 1959.
- GARCIA, Antônio — Valor e importância do "coeficiente neutrófilo de não segmentados" nas infecções. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(6): 228—237, nov./dez. 1953.
- LEITE, Antônio Rabello — Sintomas na esquistossomose. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(2): 73—76, ju. 1960.
- MASCARENHAS, Augusto et alii — Simpósio sobre a chamada Síndrome de Banti. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 3(3): 123—140, maio/jun. 1955.
- MELLO, Marcos Teles de — Orientação terapêutica do hipertenso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 10(3): 91—96, out. 1961.
- PONDE, A. et alii — Simpósio sobre colecistopatias crônicas. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(6): 233—302, nov./dez. 1954.

GURGEL, Hugo — Conduta obstétrica na incompatibilidade Rh. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(4): 157—167, ju./ago. 1953.

GURGEL, Hugo — Sobre um caso de litopédio. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(5): 205—210, set./out. 1953.

PEREIRA, Maria do Céu Santos — Do valor da colpocitologia no diagnóstico do câncer ginecológico. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 4(1): 8—15, jan./fev. 1956.

PIVA, Nestor & SAMPAIO, Fernando — Cistodenofibroma seroso bilateral do ovário. A propósito de um caso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 9(2): 55—63, jun. 1960.

PIVA, Nestor — Esquistossomose do aparelho genital feminino. Estudo de 36 casos. Tese. Fac. Med. Bahia, 1960. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 11(1): 5—110, mar. 1962.

ROCHA, J. Gilvan — Gravidez abdominal com feto vivo no 7.º mês. Apresentação de um caso. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 10(3): 85—90, out. 1961.

SCHMITT, Konrad — Contribuição ao estudo da esquistossomose no aparelho genital feminino. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(1): 3—15, jan./fev. 1954.

SCHMITT, Konrad — Contribuição ao estudo da esquistossomose genital feminina. (Suplemento). *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 2(2): 100—105, mar./abr. 1954.

LABORATÓRIO

BARRETO, Rodolfo — Considerações em ordem técnica em torno da prova de Quick. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(3): 67—75, maio/jun. 1953.

GARCIA, Antônio — Valor e importância do "coeficiente neutrófilo de não segmentados" nas infecções. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(6): 228—237, nov/dez. 1953.

GUERRA, João Conrado — Aspectos semiológicos do líquido céfalo-raquidiano. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(3): 97—129, maio/jun. 1953.

PEREIRA, Maria do Céu Santos — Do valor da colpocitologia no diagnóstico do câncer ginecológico. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 4(1): 8—15, jan./fev. 1956.

PIVA, Nestor et alii — "Primeiros resultados sobre reagentes tipo Schiff fluorescentes e sua possibilidade de quantificação". *Arq. Centro Hosp. Cir.* 10(3): 110—116, out. 1961.

PIVA, Nestor & CARNERI, I. de — Estudo histoquímico de vitelôgeno de schistosoma mansoni. *Arq. Centro Est. Hosp. Cir.* 10(3): 117—120, out. 1961.

PRADO, Júlio Flávio — Eletrocardiografia em cirurgia. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(6): 241—251, nov/dez. 1953.

SCHMITT, Konrad — Diagnóstico bacteriológicos da tuberculose; resultados do nosso laboratório. *B. Centro Est. Hosp. Cir.* 1(3): 88—96, maio/jun. 1953.